

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática**



**Dissertação**

**NARRATIVAS DE NORMALISTAS SOBRE A MATEMÁTICA NO CURSO  
NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL (1955-1968)**

**Vinícius Kercher**

**Pelotas, 2019**

**Vinícius Kercher**

**NARRATIVAS DE NORMALISTAS SOBRE A MATEMÁTICA NO CURSO  
NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL (1955-1968)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientador: Dr. Diogo Franco Rios

Pelotas, 2019

## Ficha catalográfica

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

S586n Silva, Vinícius Kercher da

Narrativas de normalistas sobre a matemática no curso normal do Instituto de Educação Assis Brasil (1955-1968) / Vinícius Kercher da Silva ; Diogo Franco Rios, orientador. — Pelotas, 2019.

154 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Escola normal. 2. História da educação matemática. 3. História oral. 4. Instituto de Educação Assis Brasil. 5. Matemática. I. Rios, Diogo Franco, orient. II. Título.

CDD : 510.9

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

## **Agradecimentos**

Uma dissertação de mestrado não é um trabalho que se possa fazer sozinho, precisamos de apoio e compreensão das pessoas que nos rodeiam, sejam elas familiares, amigos ou colegas de trabalho.

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter me guiado até aqui, pois, enfrentando o cansaço de uma jornada árdua à distância, entre a minha casa e a Universidade, foi Ele que fez com que, muitas vezes, eu não desistisse de chegar nessa etapa.

Ao professor Diogo Franco Rios, pelas horas de orientação dedicadas, pelo apoio que me deu durante toda a pós-graduação, pela compreensão e por saber lidar com minhas limitações acadêmicas e pessoais.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e também aos colegas do Grupo Metade Sul, em especial ao Daniel Silveira e Janine Moscarelli, por escutarem minhas angústias e sempre que possível colaborar nesse meu processo.

Ao Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, na figura de seus servidores, que estavam sempre dispostos a cooperar quando solicitado.

À família, em especial minha mãe Marilu Rosane Machado Kercher e minha irmã Daniela Kercher, por acompanharem minha caminhada e me apoiarem, mesmo nas horas em que eu não estava presente. Não poderia deixar de agradecer incansavelmente à minha prima Cláudia Machado, juntamente com seu esposo e filhas, que moram na cidade de Pelotas, quando me abriram as portas de sua casa, fazendo com que eu me sentisse em minha própria.

Aos amigos, que compreenderam minha ausência e tiveram paciência quando, muitas vezes, ao me convidarem para tomar um simples chimarrão, eram deixados de lado, pois a responsabilidade de ser mestrando quase sempre não permite algumas horas de lazer.

A todos vocês dedico esse trabalho.

***À memória de meu avô Volny.***

***Sei do orgulho que estaria sentido em ter um neto Mestre.***

## Resumo

Esta dissertação foi realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e insere-se na área de História da Educação Matemática. Tem por objetivo geral, produzir e analisar fontes históricas a partir de narrativas desenvolvidas em situações de entrevistas que versaram sobre a formação matemática, no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968. Como objetivos específicos estão investigar a Matemática no processo de formação dos professores primários nas décadas de 50 e 60, analisar as práticas de ensino trabalhadas no processo formativo, considerando a perspectiva das normalistas sobre sua eficácia, realizar a apuração das percepções sobre as relações entre métodos de aprendizagem de ensino da Matemática, e, por fim, sobre as relações entre a teoria e prática no período. Trabalhou-se com a História Oral e análise documental como perspectivas teórico-metodológicas, a partir da qual se realizou quatro entrevistas com ex-normalistas do Instituto. As entrevistas indicaram em relação à proposta de formação matemática no Curso Normal dois períodos diferentes, o primeiro período na década de 50 e o segundo período na década de 60. No primeiro período, as disciplinas de Matemática e Didática da Matemática estão muito relacionadas, a ponto de haver contradições sobre a existência delas como disciplinas distintas. Entretanto, já no segundo período foi apresentado muito claramente a diferença entre as duas disciplinas, recordando elementos mais destacados sobre a Didática da Matemática que foi uma das disciplinas mais importantes para as ex-normalistas.

**Palavras-chaves:** História da Educação Matemática. História Oral. Matemática. Escola Normal. Instituto de Educação Assis Brasil.

## Abstract

The present dissertation has been accomplished within the scope of the Post-Graduation Program in Science and Mathematics Teaching of the Federal University of Pelotas (UFPel), and it is part of the History of Mathematics Education area. Its main objectives are to produce and analyze historical sources from narratives developed in situations of interviews that deal with the Mathematics formation, on the Teaching Course of Assis Brasil Education Institute, during the period from 1955 to 1968. As specific objectives, this study seeks to investigate Mathematics during the process of training primary teachers in the 1950 and 1960 decades; to analyze teaching practices performed in the formative process, considering the perspective of the teaching students on their effectiveness; to carry out an investigation of the perceptions about the relations on Mathematics learning-teaching methods; and to investigate about the relations between theory and practice in the same period. We performed with Oral History and documentary analysis as theoretical-methodological perspectives, from which four interviews were conducted with ex-teaching students from the Institute. The interviews have indicated two periods on the Mathematics teacher training: the first one during the 50 decade; and the other one in the 60 decade. In the first period, Mathematics and Didactics subjects are so closely related, to the point of being impossible to separate them. However, during the second period, a very clear difference can be noticed between the two subjects, being prominent elements on the Didactics of Mathematics, which was considered one of the most important subjects by the ex-teaching students.

**Keywords:** Mathematic Education History. Oral History. Mathematic. Teaching School. Assis Brasil Education Institute.

## SIGLAS UTILIZADAS

BOLEMA	Boletim de Educação Matemática
CIHEM	Congresso Ibero-Americano de História da Educação Matemática
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
CPOE	Centro de Pesquisa Orientação Educacional
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação e História Contemporânea
DESP	Departamento de Educação e Saúde Pública
ENAPHEM	Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IEAB	Instituto de Educação Assis Brasil
IEEAB	Instituto Estadual de Educação Assis Brasil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PPGECM	Programa de Mestrado Profissional no Ensino da Ciências e Matemática
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
UCPel	Universidade Católica de Pelotas
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>1. DO CONTEXTO NACIONAL DO CURSO NORMAL AO CONTEXTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PELOTAS .....</b>	<b>16</b>
1.1 O CURSO NORMAL NO RIO GRANDE DO SUL.....	16
1.2 O CONTEXTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CIDADE DE PELOTAS.....	21
1.3 DE ESCOLA COMPLEMENTAR DE PELOTAS A INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL.....	24
<b>2. UMA APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA .....</b>	<b>32</b>
2.1 UTILIZANDO A HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA DE CAMPO.....	37
<b>3. MEMÓRIAS DE UM COTIDIANO ESCOLAR.....</b>	<b>51</b>
3.1 ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO.....	61
3.2 MEMÓRIAS DO ENSINO DA MATEMÁTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS..	68
3.2.1 A MATEMÁTICA NO CURSO NORMAL NOS ANOS 50.....	73
3.2.2 A MATEMÁTICA NO CURSO NORMAL NOS ANOS 60.....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO B .....</b>	<b>100</b>
<b>PRODUTO.....</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma pesquisa de mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), tendo como *locus* o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB)<sup>1</sup>, chamado inicialmente de Escola Complementar de Pelotas. A instituição escolhida possui quase um século de existência e, por vários anos, foi a única escola pública de formação de professores primários na cidade de Pelotas (AMARAL; AMARAL, 2007, p. 10).

Enquanto professor atuante na rede pública de ensino, habilitado a partir do Curso Normal para a Educação Infantil, e os cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, graduado em Matemática e Especialista em Estudos Matemáticos, com ênfase em Educação Matemática, tomo este estudo como uma possibilidade de responder algumas das indagações a respeito da formação de professores primários no âmbito dos Cursos Normais, que me inquietam desde o início da minha formação docente.

Sempre imaginava como teria sido no passado a Matemática da formação de professores primários nos Cursos Normais, e estas indagações foram surgindo no decorrer da minha experiência docente, especialmente quando me deparava com desafios relativos a processos de ensino e de aprendizagem, quando desejava conhecer a realidade de professores mais experientes, considerando que eles poderiam contribuir muito para meu desenvolvimento profissional.

Conforme os anos passaram, fui construindo minha trajetória docente, essas indagações permaneceram inquietando-me, especialmente por acreditar que muitas práticas de ensino trabalhadas em décadas passadas poderiam ser eficazes, mas estavam se perdendo com o passar dos anos, por falta de registro.

Buscando o aprimoramento de minha formação, em 2015 cursei, como aluno

---

<sup>1</sup> O Instituto teve nomes diferentes, é fácil identificar essas mudanças, ou seja, quando fundado em 1929, chamava-se Escola Complementar de Pelotas, em 1940 passou a chamar-se Escola Complementar Assis Brasil, mudando sua nomenclatura em 1943, pelo Decreto-lei nº 775, que determinou que todas as Escolas Complementares oficiais usassem Escolas Normais, ficando instituída como Escola Normal Assis Brasil. Em 1962, passou a chamar-se de Instituto de Educação Assis Brasil e a partir do ano de 1997, passou a ter estadual no nome (AMARAL; AMARAL, 2007). Aqui vou me referir, até 1943 como Escola Complementar de Pelotas, de 1943 até 1961, vou me referir como Escola Normal Assis Brasil, a partir de 1962, como Instituto de Educação Assis Brasil (IEAB) e a partir do ano de 1997 como Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB).

especial, a disciplina de História Oral e Educação Matemática no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde, concomitante à disciplina, tive acesso a diversos estudos e pesquisas que enfocam o processo de formação de professores.

Conversando com o Professor Dr. Diogo Franco Rios<sup>2</sup>, me surgiu a expectativa de construir uma parceria para a dissertação de mestrado, quando fiquei sabendo que havia um projeto que visava estudar as práticas das normalistas no Rio Grande do Sul. Vi nesse projeto de pesquisa a oportunidade de me inserir numa proposta para responder minhas indagações sobre formação de professores primários.

Decidi então participar do processo seletivo para aluno regular do PPGECM, e, após ser aprovado na seleção, me integrei ao grupo comprometido em estudar as práticas da Matemática das Escolas Normais. Sendo assim, esta pesquisa integra o Projeto “Estudar para Ensinar: Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)” (BÚRIGO *et al.*, 2016). A relevância de estar inserido no Projeto parte da possibilidade de encontrar pesquisadores que compartilham interesses de pesquisa ligados à Matemática presente nos Cursos Normais no Rio Grande do Sul. Sendo um Projeto que reúne pesquisadores de distintas universidades do Rio Grande do Sul, me ajudou a compreender melhor a temática sobre a formação de professores.

O referido Projeto, financiado pelo CNPq a partir de agosto de 2016, tem como algumas questões norteadoras as seguintes perguntas: “Qual o papel dos saberes matemáticos na formação dos professores para o ensino primário?”, “Como as instituições formadoras concebiam e praticavam essa formação?”, “Como os futuros professores eram preparados para ensinarem os saberes matemáticos?” e “Quem eram os profissionais responsáveis, dentro das Escolas Normais, por planejar e implementar a formação para o ensino dos saberes matemáticos?” Essas perguntas apresentadas vêm ao encontro de indagações que também me inquietavam desde o Curso Normal. Entre suas metas está a construção de um acervo digital de fontes e a produção de narrativas acerca da formação de professores, buscando identificar o ensino dos saberes matemáticos na escola primária do Rio Grande do Sul.

---

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal de Pelotas – UFPel e orientador dessa dissertação.

Alguns dos objetivos do Projeto “Estudar para Ensinar: Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)” se associam com a minha pesquisa de mestrado. Entre eles, constituir fontes orais a respeito do ensino de Matemática presente na formação de normalistas nas instituições contempladas, bem como do cotidiano escolar dessas instituições envolvidas; investigar em perspectiva histórica a formação de professores primários para o ensino dos saberes matemáticos nas escolas normais ou complementares do Rio Grande do Sul, no período 1889 - 1970; produzir reflexões sobre a formação de professores que ensinam Matemática no presente e produzir análises históricas sobre as práticas de formação para o ensino dos saberes matemáticos nas instituições formadoras de professores primários (BÚRIGO *et al.*, 2016, p.21).

O Projeto realiza-se em três estabelecimentos de ensino do estado do Rio Grande do Sul, sendo a Escola Normal de Porto Alegre, atual Instituto de Educação General Flores da Cunha, a Deutsches Evangeliches Lehrerseminar, atualmente Escola Normal Evangélica de Ivoti e a Escola Complementar de Pelotas, atual Instituto Estadual de Educação Assis Brasil. Esta dissertação tem uma conexão com o Projeto na medida em que tenta contribuir com problemáticas próximas, relativas ao Instituto de Educação Assis Brasil (IEAB).

A presente dissertação tem por objetivo geral produzir e analisar fontes históricas a partir de narrativas<sup>3</sup> desenvolvidas em situações de entrevistas que versaram sobre a formação matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil, no período de (1955 a 1968). Para a referida análise elegi questões sobre o ensino da Matemática na formação de professores primários, a estrutura do curso, a Matemática que ensinavam e como era a prática de ensino da época.

A partir dos objetivos específicos, investiguei como era a Matemática no Instituto de Educação Assis Brasil, no processo de formação dos professores primários nas décadas de 50 e 60, analisei as práticas de ensino trabalhadas no processo formativo, considerando a perspectiva das normalistas sobre sua eficácia, realizei a apuração das percepções sobre as relações entre métodos de aprendizagem de ensino da Matemática, e, por fim, as relações entre a teoria e

---

<sup>3</sup> Por narrativas entendo nessa dissertação que assim como Rios (2016, p.1225) “as narrativas são consideradas como elaborações produzidas pelos entrevistados a respeito daquilo que viveram e que estão impregnadas pelo modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos significados que lhe atribuem no tempo presente”.

prática no período. Neste sentido, também busquei localizar documentos pessoais (tais como planos de aula, álbuns, registros e outros) durante as entrevistas realizadas com as ex-normalistas<sup>4</sup>, referentes à prática pedagógica que realizavam no Curso Normal<sup>5</sup>.

O tema das Escolas Normais continua de interesse na sociedade, mostrando que as memórias desses cursos permanecem sendo celebradas de vários modos. No ano de 2018, a Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul publicou um livro chamado *Narrativas e Memórias das Escolas Estaduais de Curso Normal do Rio Grande do Sul*, que contém um apanhado de memórias das 99 escolas que ofertam Curso Normal no estado, referindo-se às lembranças na formação de professores. O livro menciona, ainda, em sua apresentação, que se refere às demandas formativas da prática político-pedagógica (SARMENTO; PINHEIRO; ROSA, 2018).

Com relação ao Projeto “Estudar para Ensinar: Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889 - 1970)”, aconteceu aqui no estado do Rio Grande do Sul no ano de 2018, o 1º Seminário de Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul, que visou o conhecimento, o compartilhamento e a divulgação de pesquisas concluídas ou em andamento acerca das práticas e saberes matemáticos na formação de professores que ensinam Matemática para os anos iniciais, nas instituições formadoras do Rio Grande do Sul. Em 2019 está sendo encaminhado a realização de uma segunda edição do evento, que acontecerá na cidade de Pelotas, nos dias 30 e 31 de maio.

A dissertação que aqui se apresenta, dialoga diretamente com o campo de pesquisa da História da Educação Matemática, vinculado à área de Educação Matemática. Os pesquisadores dessa área se interessam por tentar entender como se aprendia e se ensinava Matemática no passado, e sobre os muitos métodos de ensino que poderiam ser eficazes, porém caíram em desuso com o passar do tempo, não sendo mais utilizados nas escolas.

A História da Educação Matemática é uma área que vem despertando interesse em vários pesquisadores brasileiros. Atualmente, são diversos livros,

---

<sup>4</sup> Como não identifiquei ex-alunos, vou me referir para todas elas como ex-normalistas.

<sup>5</sup> Em 1947, após o vestibular, iniciava-se o Curso Normal, o novo Curso recebeu a denominação de “Curso de Formação de Professores Primários” (AMARAL; AMARAL, 2007, p. 14).

revistas, teses, grupos de pesquisas e congressos que discutem e contribuem com a temática. Várias revistas têm se dedicado e separado espaços para a divulgação de pesquisas científicas no âmbito da História da Educação Matemática. Um exemplo disto foi o Boletim de Educação Matemática, em 2010, ter destinado o volume 35 especificamente para trabalhos sobre esta área e, dado o volume da produção, a mesma foi dividida em dois números: 35A e 35B (BOLEMA, 2010). Essa efervescência de produções da área pode ser identificada também pela criação, em 2015, de uma revista científica especificamente dedicada ao tema, a Revista de História da Educação Matemática (HISTEMAT)<sup>6</sup>.

Ainda, podemos destacar a criação de eventos internacionais específicos que tratam da temática, como é o caso do Congresso Ibero-Americano de História da Educação Matemática (CIHEM), um evento bianual que está na sua quarta edição, mostrando que a área tem crescido significativamente nos últimos anos em diversos países. No Brasil, destaca-se o Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática, que teve como tema de sua última edição “Formação de Professores: história, cultura e política”. O ENAPHEM é um evento de discussão e divulgação dos estudos sobre a História da Educação Matemática no Brasil e também está em sua quarta edição.

A princípio, a delimitação temporal prevista para a pesquisa era a partir de 1947, devido à criação da Lei Orgânica do Curso Normal nº 8.350/1946, finalizando em 1970, quando foi criada a lei de Diretrizes e Bases nº 5692/71, que extinguiu o Ensino Primário e instituiu a escola de primeiro e segundo grau com passagem automática. A demarcação final da pesquisa aqui apresentada também seria por acompanhar a delimitação final do Projeto “Estudar para Ensinar: Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889 – 1970)”.

No entanto, redefini o recorte temporal da pesquisa, ajustando-a ao período em que encontrei pessoas disponíveis para conversar comigo sobre o tema, tornando-se possível localizar quatro ex-alunas do período de 1955 a 1968, sendo em 1955 o ano que ingressaram as normalistas do primeiro período e 1968 o ano que se formou minha última entrevistada no Curso Normal. Definindo o recorte temporal da pesquisa segundo esse critério. Para a realização desta dissertação, tive como percurso metodológico um trabalho que dialogou com a História Oral e a

---

<sup>6</sup> Para maiores detalhes e acesso ao periódico, acessar: <http://www.histemat.com.br>

análise documental que possibilitou a produção de fontes históricas com ex-normalistas do Curso Normal, no período mencionado. A escolha da metodologia da História Oral deu-se por esta identificar-se com os objetivos propostos para este estudo, ou seja, a partir da valorização de narrativas percebe-se que é uma metodologia bastante promissora para a realização dessa pesquisa. As diferentes versões ou perspectivas, sobre o ensino da Matemática, constroem um acervo com elementos que tratam, em perspectiva histórica, a Matemática na formação de professores primários do Curso Normal, no âmbito do Instituto de Educação Assis Brasil.

Para a organização da dissertação, o texto foi dividido em três capítulos. O primeiro aborda o contexto do Curso Normal no estado do Rio Grande do Sul, levando em consideração o início da Escola Normal, a história das instituições no estado, a formação de professores primários e, ainda, apresentando uma abordagem sobre o contexto na formação de professores primários na cidade de Pelotas, mostrando a identificação das escolas que ofereciam o Curso Normal no século XX e o processo de criação das escolas complementares e dos Institutos de Educação, sendo o enfoque direcionado ao Instituto de Educação Assis Brasil.

Em seguida, no segundo capítulo, apresento algumas reflexões respectivas à História Oral e à análise documental fazendo uma apresentação da metodologia e do uso na pesquisa de campo, finalizando com a apresentação das entrevistadas. No terceiro capítulo, é apresentado um exercício de análise das entrevistas realizadas com as ex-normalistas, abordando as memórias do cotidiano escolar, a estrutura curricular do Curso Normal, as memórias da Matemática na formação de professoras primárias e a Matemática no Curso Normal nos anos 50 e 60.

Por fim, apresento as considerações finais e trago, nos apêndices, o roteiro das entrevistas, o modelo do termo de consentimento livre e esclarecido e o modelo do termo de uso de entrevista. Como anexo A segue uma portaria de autorização de afastamento para um professor do Curso Normal realizar formação continuada, no anexo B uma reportagem do Jornal “Diário Popular”, referente ao estágio no Curso Normal, e por último, mas não menos importante, o produto dessa dissertação, que é a transcrição das entrevistas que podem servir de registro significativo para outros pesquisadores, por trazer narrativas de como se dava o ensino da Matemática no Curso Normal no período de 1955 a 1968.

## 1. DO CONTEXTO NACIONAL DO CURSO NORMAL AO CONTEXTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PELOTAS

### 1.1. O CURSO NORMAL NO RIO GRANDE DO SUL

As Escolas Normais, no contexto social e cultural brasileiro, tiveram maior destaque somente a partir da terceira década do século XIX. Como primeiras escolas, registra-se uma em Niterói, no Rio de Janeiro (RJ), fundada no ano de 1835, e, em seguida, em 1836, na Bahia (BA), no Ceará (CE), em 1845, em 1846, em São Paulo (SP) (MARTINS, 2009).

Essa efervescência possibilitou o debate sobre a importância da Escola Normal para a formação do professor, sendo nomeadas medidas para a educação visando formar professores mais qualificados, pois o debate atual era que seria inadmissível aceitar professores improvisados ou desqualificados (*ibid.*, 2009).

A partir do final do século XIX e início do século XX, observamos uma dupla preocupação no processo de formação do professor: a profissionalização e uma nova conformação moral e social daqueles que pretendiam ensinar. Essa preocupação permeou a trajetória histórica da Escola Normal, nas principais cidades brasileiras. A busca de um profissional da educação de acordo com os novos princípios de urbanidade, um civilizador, estava presente nas discussões e reformas educacionais do final do século XIX e início do século XX. Era preciso formar um novo tipo de educador, num “locus” específico, a Escola Normal deveria possuir instalações apropriadas à sua missão, de acordo com os princípios morais e científicos que pudessem “conformar” o homem moderno e civilizado (*ibid.*, 2009, p. 180).

Antes do surgimento das Escolas Normais não havia investimento em profissionalização dos professores, os docentes não tinham formação apropriada à prática profissional, tinham pouca instrução e baixa remuneração. Desta forma, foi um grande avanço, um “marco importante no processo de institucionalização e legitimação da escola normal como ‘ethos’ para a formação do professor, mormente do ensino elementar” (*ibid.*, p.178).

A respeito da formação de professores primários no Rio Grande do Sul, foi publicada em 2008 uma coleção organizada por Elomar Tambara e Berenice Corsetti que aborda a história das instituições formadoras de professores primários no estado, que é composta por diversos artigos de pesquisadores da História da Educação (TAMBARA; CORSETTI, 2008a, 2008b, 2009, 2010).

Para o desenvolvimento dessa dissertação, a referida coleção foi importante

por permitir a compreensão da história de diversos institutos de educação no Estado, trazendo ao leitor, no que diz respeito à formação de professores primários, a identificação e como deu-se o processo de criação, a importância das escolas complementares, a criação de Cursos Normais e dos Institutos de Educação para o Estado do Rio Grande do Sul.

A discussão para implantação da Escola Normal no Rio Grande do Sul começou na década de 40, em meados do século XIX, sendo este um processo lento e que se deu devido ao desenvolvimento tecnológico, o aquecimento da economia nacional e internacional e, conseqüentemente, a demanda por mão de obra qualificada. Pensando nisso, a formação de professores passou a ser observada como um meio de transformar o perfil do trabalhador (TAMBARA; CORSETTI, 2008a).

Conforme os autores, a falta de formação acadêmica era um problema e, por isso, a criação de uma Escola Normal poderia ser a solução. Entretanto, o processo de implantação para formação de professores demorou, sendo criada a Escola Normal de Porto Alegre somente em 1869. A Escola Normal de Porto Alegre começou a funcionar provisoriamente no Liceu Dom Afonso, sendo um prédio alugado de dois pavimentos, e iniciou suas atividades em maio do mesmo ano de sua criação (SILVA, 2016).

Era necessário viabilizar mecanismos que mudassem o perfil científico para a prática pedagógica, pois questionavam o modelo arcaico que o sistema provincial oferecia. A partir desses questionamentos, surgiu um processo de profissionalização do magistério, mudando o perfil da educação na Província de São Pedro (TAMBARA; CORSETTI, 2008a).

Sobre a formação de professores primários, ainda tratando do século XIX, os autores afirmam que:

O Estado do Rio Grande do Sul, apesar da inserção relativamente tardia no contexto socioeconômico nacional, tem desenvolvido um sistema educacional com grande destaque e com peculiaridades que fazem com que seja um lócus privilegiado para a investigação na área de educação (*ibid.*, 2008a, p. 13).

Apesar da inserção tardia do Rio Grande do Sul na formação de professores, as análises produzidas pela coleção apontam que o estado conseguiu construir, no século XX, um sistema de ensino organizado, respeitando as características próprias

e locais. Devido a essa organização, com o objetivo de buscar sanar a defasagem deixada por essa iniciativa tardia, é criada uma política pública de construção de Institutos de Educação para a formação de professores primários (*ibid.*, 2008a).

Em 1901, em decorrência do decreto nº 373, houve a extinção da Escola Normal, criando em seu lugar um colégio distrital que oferecia um curso complementar, com essa alternância na nomenclatura a Escola Normal perdia o seu estatuto privilegiado, precisando obedecer aos regulamentos dos demais colégios (BÚRIGO; SANTOS, 2016).

No ano de 1906, a partir do decreto nº 874 um novo regulamento instituía as Escolas Complementares, tendo suas finalidades voltadas para a formação de professores de "caráter prático e profissional com o fim de desenvolver o ensino elementar e preparar candidatos ao magistério público primário" (Art. 5º do Decreto nº 874, de 1906, *apud* BÚRIGO, SANTOS, 2016, p.7).

Pelo preâmbulo do Decreto nº 1.479 de 1909 sabemos, contudo, que as escolas complementares criadas a partir de 1906, segundo a avaliação da Inspeção Geral da Instrução Pública, não atendiam às finalidades para as quais foram criadas, exceto a da capital. A antiga Escola Normal, convertida em Colégio Distrital, e depois em escola complementar, voltava a ser a única instituição pública do Estado incumbida de ministrar o ensino complementar e formar professores primários (*ibid.*, 2016, p.7).

Este período ficou marcado pela discussão do modelo que existia até então. Um ensino mais democrático, sem restrições, ocorreu com o surgimento das escolas complementares/distritais, nos primeiros anos do século XX, onde mais classes da população tinham acesso à educação (PACHECO, 2011).

Assim, a Escola Complementar de Porto Alegre foi, de 1909 até 1927, a única instituição de ensino no Rio Grande do Sul e também a única a outorgar a seus concluintes o título de alunos-mestres. Essa denominação "dispensava o seu portador de ser submetido a provas para ingressar no magistério público, e lhe garantia prioridade na ocupação de vagas" (BÚRIGO; SANTOS, 2016, p. 8).

O estado, a partir de 1927, começou a expandir seus cursos de formação de professores, e a atuação do governo, a partir do decreto nº 3.898 de 1927, criou o novo Regulamento da Instrução Pública da rede de ensino destinada a formação de professores, onde mencionava em seu artigo 6º que haveria escolas complementares com o objetivo de desenvolver o ensino primário e preparar candidatos ao magistério público (TAMBARA; CORSETTI, 2008a).

O artigo 34º do mesmo decreto também mencionava que o curso complementar, neste período, era feito em quatro anos e compreendia as disciplinas de Português, Francês, Geografia, História, Matemática, Literatura Nacional, Ciências Naturais, com aplicação à agricultura e pecuária, Pedagogia, Escrituração Mercantil, Higiene em suas relações com a escola, Trabalhos Manuais, Desenho, Música, Ginástica e ainda garantia de anexo a cada escola complementar um colégio elementar para a prática dos alunos (*ibid.*, 2008a).

A Escola Complementar de Porto Alegre, em 1929, passou novamente a chamar-se Escola Normal, ofertando, além do curso complementar, um curso de aperfeiçoamento com duração de dois anos para aquelas alunas que tinham somente o título de “alunos – mestres”, visando complementar assim, sua formação (BÚRIGO; SANTOS, 2016). Conforme as autoras, a atuação do governo passou a ser mais efetiva na formação de professores a partir do ano de 1929, quando foi aprovado o Decreto n.º 4.277, de 13 de março de 1929 (Rio Grande do Sul (RS) 1929) que estabeleceu “nova normatização para os cursos de formação de professores, denominados normal e complementar” (*ibid.*, 2016, p. 8). Segundo o decreto, o Curso Complementar continuaria tendo a duração de três anos, mas incluiria no currículo o ensino da Aritmética, da Álgebra e da Geometria (*ibid.*, 2016).

Ainda no ano de 1929, foram instaladas as escolas complementares nos municípios de Passo Fundo, Pelotas, Alegrete, Cachoeira, Santa Maria e Caxias, embora a política de governo fosse voltada para a manutenção dos convênios com o ensino privado, onde esses tinham a incumbência de formar professores. Nesta época, a Escola Normal de Porto Alegre era a única oferecer o Curso Normal posterior ao complementar (BÚRIGO; SANTOS, 2016).

No ano de 1938, a partir do Decreto nº 7.640, foi estabelecido o Estatuto do Magistério, e no ano de 1939, com o Decreto nº 8.020 de 1939, foram redigidos novos programas para o Ensino Primário por quatro professoras egressas da Escola Normal, sob a direção de Lourenço Filho (BÚRIGO; FISCHER; PEIXOTO, 2014).

Outro fato que marca a história da Escolas Normais no Rio Grande do Sul aconteceu no ano de 1942, quando ocorreu uma parceria entre a Secretaria de Educação e Cultura do Estado e a Arquidiocese de Porto Alegre, resultando “na criação das primeiras cinco Escolas Normais Rurais no Estado, embora algumas de duração efêmera” (TAMBARA; CORSETTI, 2008a, p. 25).

As escolas normais rurais tiveram pouca duração, mas possuíam em sua legislação a formação de professores para a zona rural, pois existia uma grande defasagem de professores primários para atuar nessa área. Então, o governo, analisando essa defasagem, investe num ensino diferenciado, com um processo de formação em menor tempo. Outro fato que vale ser destacado sobre o ensino nas Escolas Normais Rurais é que o curso era ofertado somente para alunos do sexo masculino (*ibid.*, 2008a).

No ano de 1943, conforme relatório apresentado pela imprensa da época, o estado do Rio Grande do Sul contava com 25 escolas de formação de professores primários que se separavam entre sete escolas oficiais e 18 equiparadas<sup>7</sup>. Certamente, a história dessas escolas tem muito a colaborar no que diz respeito à formação de professores primários neste estado (*ibid.*, 2008a).

Em 1946, identifica-se a criação da Lei Orgânica do Ensino Normal, quando o decreto de Lei nº 8.530, de 2 de janeiro, estruturou o sistema de ensino, definindo as escolas de formação de professores em três tipos de cursos, sendo o Curso Normal incumbido de dar o curso de segundo ciclo de ensino, e o ciclo ginásial do ensino secundário. Já o Curso Normal Regional era destinado a ministrar somente o primeiro ciclo de ensino normal, e os Institutos de Educação eram onde, além dos cursos que a Escola Normal já oferecia, ministrava-se o ensino de especialização do magistério e de habilitação para administradores escolares do grau primário (*ibid.*, 2008a).

Entretanto, as Escolas Complementares contribuíram para a formação de professores no Rio Grande do Sul até 1946, “ano de profundas mudanças relacionadas à formação e à organização escolar no País” (BERGOZZA; LUCHESE, 2010, p. 123).

No ano subsequente, em 1947, começou a vigorar a Lei Orgânica do Curso Normal. É importante salientar para o leitor que a primeira proposta de demarcação temporal para o início da pesquisa seria naquele ano, período no qual comecei a procurar personagens para saber das experiências que tiveram sobre o curso de formação de professores na cidade de Pelotas, mas não tive êxito.

Já a demarcação temporal final dessa pesquisa é 1968, período em que minha última colaboradora concluiu o Curso Normal. Cabe comentar ainda que a

---

<sup>7</sup> Escolas equiparadas eram aquelas que não tinham caráter oficial.

ideia inicial era fechar essa pesquisa no ano 1971, quando encerra o período do Projeto “Estudar para Ensinar: Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1869-1970)”, devido a mudança na legislação, com a criação da Lei 5692/71, porém, não foi possível, pois não encontrei colaboradoras que concluíram o Curso Normal nesse ano.

Na década de 60, quando se finaliza o período delimitado da pesquisa, é caracterizada, não só no Rio Grande do Sul, mas em todo o país, por um forte debate sobre a educação que resultou na lei 5692/72, “que desintegrou os sistemas estaduais mais autônomos, como o gaúcho que, mesmo no período ditatorial discutia seu sistema [...]” (TAMBARA; CORSETTI, 2008a, p.35).

Os Cursos Normais seguiram existindo no contexto da educação do estado do Rio Grande do Sul além, da demarcação dessa pesquisa e conforme os autores, em 1988, segundo a Secretaria Estadual de Educação, existiam no estado do Rio Grande do Sul 168 cursos de magistério, sendo 100 deles da rede particular. Atualmente, conforme dados da Secretaria, o estado possui 99 escolas que ofertam o Curso Normal.

Foi apresentado neste item um breve histórico do Contexto do Curso Normal no Rio Grande do Sul, sem a pretensão de esgotar uma abordagem sobre esta perspectiva, pois é evidente que existe muito mais a ser pesquisado sobre a história do Curso Normal nesse estado.

No próximo tópico, apresentarei uma abordagem específica sobre o contexto da formação de professores na cidade de Pelotas e, posteriormente, sobre a formação de professores na Escola Complementar de Pelotas, até sua passagem para Instituto de Educação Assis Brasil.

## **1.2 CONTEXTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CIDADE DE PELOTAS**

No que se refere à cidade de Pelotas, no século XX, o município foi contemplado com cinco escolas que ofertavam curso de formação para professores primários, sendo o Colégio São José, a Escola Normal Regional Imaculada Conceição, o Colégio Santa Margarida, o Colégio Municipal Pelotense e a Escola Complementar de Pelotas.

O Colégio São José foi fundado em 1910 pelas Irmãs da Congregação de São José, e teve sua equiparação às escolas complementares em 1930, tendo sua primeira formatura de complementarista no ano de 1933. A partir da extinção das escolas complementares, em 1942, passou a funcionar a Escola Normal, com o objetivo de formar professoras primárias em nível colegial, e, devido à reforma da lei 5692/71, esta passou a oferecer Curso de Magistério nessa modalidade até 1995, ano anterior a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em vigor (VENZKE, 2011).

O Ginásio Santa Margarida, outra escola responsável pela formação de professores primários, foi criado em 1934 pela Igreja Episcopal Anglicana. No ano de sua criação ocorria um período de grandes mudanças “advindas de um processo histórico desencadeado com a República e a instalação do Governo Provisório de Vargas no início dos anos de 1930” (BICA, 2006, p. 13).

No início do mês de março de 1938, o Ginásio Santa Margarida recebeu a autorização de funcionamento da escola pelo então Secretário da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, Sr. Aristides Bittencourt, representante do Departamento de Educação e Saúde Pública (DESP) na cidade de Pelotas (*ibid.*, p.60).

Ainda conforme o autor, o governo estabelecido modificou as estruturas educacionais com a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública (MESP), órgão que pretendia fazer o planejamento das novas reformas educacionais em âmbito nacional.

Com referência a essas mudanças na estrutura educacional, conforme registra o estudo de Lemos (2012), a comunidade escolar, com ênfase nos professores, era reprimida, devendo atuar conforme os ditames estabelecidos nas leis de nacionalização do ensino, assim:

Pelas Portarias da Diretoria de Educação e Saúde Pública de 1941 e 1942 [...] os professores ficavam obrigados a enviar, à Inspeção Técnica, boletins mensais “exatos” sobre suas atividades, sob pena de não recebimento dos proventos. O Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Município<sup>35</sup> (1945, p. 24), de 1944, estabelecia, entre as atribuições dos diretores, a visita frequente às classes a fim de observar determinados aspectos do trabalho e a produção do registro das observações (LEMOS, 2012, p. 55).

Neste contexto, diretores, professores e funcionários “eram coagidos a denunciar” (*ibid.*, 2012, p. 56) quem atuasse fora do estabelecido no sistema. A palavra certa era delatar, a título de serem considerados todos traidores. Além de uma gestão vertical, o sistema era coercitivo e centralizador. Havia propaganda

respectiva à atuação do governo no sentido de criar um patriotismo extremista com orientação de culto aos governantes.

Retornando ao ensino no Ginásio Santa Margarida, o objetivo “era promover uma educação baseada em conceitos modernos, porém ligados aos preceitos éticos, religiosos e cristãos [...]” (BICA, 2006, p. 56). O Curso Normal do Colégio Santa Margarida começou a funcionar em 1962, e teve suas atividades encerradas no ano de 2001, quando a sua última turma matriculada em 1998, realizou estágio (VENZKE, 2011). Já o Colégio Santa Margarida, segundo Bica (2006), encerrou suas atividades em dezembro de 2005, devido a uma crise financeira e administrativa.

Outra instituição que contribuiu com o processo de formação de professores primários na cidade de Pelotas foi a Escola Normal Regional Imaculada Conceição, criada em 1955, pela Sociedade de Educação Cristã, que proporcionava “regime de internato, semi-internato e externato” (VENZKE, 2011, p. 110).

Essa instituição, que ofereceu o Curso Normal até 1974, tinha a finalidade de ofertar vagas para as filhas de agricultores, com o intuito de que elas tivessem a formação para lecionar nas escolas primárias rurais e ensinar no campo, além de conscientizar a população da importância da sua permanência no meio rural (*ibid.*, 2011).

No início da década de 90, foi instalado o processo de criação do Curso Normal da Escola Municipal Pelotense, sendo este autorizado pelo parecer nº1017 de 1992, começando suas atividades já no ano subsequente. Embora o Curso Normal seja recente, o Colégio Municipal Pelotense foi criado em 1902, sendo uma das maiores escolas municipais da América Latina e um dos estabelecimentos de ensino mais antigos de Pelotas. Sua criação foi uma iniciativa da Maçonaria, em oposição ao ensino católico que predominava no início do século XX na cidade (ALVES, PERES, MACIEL, 2008).

Mesmo que o Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense não esteja no meu período delimitado, faz-se necessário essa menção para o leitor conhecer o contexto da formação de professores na cidade de Pelotas. O curso foi criado recentemente na cidade, se compararmos aos outros cursos de formação de professores já citados nessa dissertação.

O período de criação do curso foi marcado por um debate acirrado a nível nacional, devido à nova legislação da LDB 9394/96, a qual menciona, em seu artigo 62, que seria admitido como formação mínima para atuação nas séries iniciais a formação de nível médio, mas em seu artigo 87 indicava que até o final da década somente seriam admitidos professores de nível superior. Essa lei não vigorou, uma prova disso é que atualmente várias esferas a nível municipal e estadual realizam concursos públicos para professores de anos iniciais, com exigência mínima do Curso Normal.

A cidade de Pelotas também conta com o apoio das universidades para a formação de professores, entre elas a Universidade Católica de Pelotas (UCPel), a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e outras que contribuem com a formação no município na modalidade à distância, mas que não abordarei nesse texto, devido o foco da dissertação ser o Curso Normal no IEAB.

A seguir, apresento ao leitor a Escola Complementar de Pelotas, atual Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, fundada em 1929, deixada propositalmente em um novo tópico por ser essa a instituição de ensino que é lócus da pesquisa, merecendo, assim, um olhar diferenciado.

### **1.3. DE ESCOLA COMPLEMENTAR DE PELOTAS A INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL**

A partir de um projeto único em 1929, seis escolas complementares chegam ao interior do estado, entre as cidades contempladas está o município de Pelotas (BÚRIGO; SANTOS, 2016). A Escola Complementar de Pelotas foi fundada em 13 de fevereiro de 1929, pelo Decreto nº 4273, sendo instalada legalmente, conforme o Decreto de Criação n.º 4213, que “[...] regulamentava as escolas complementares no Estado, e surgiu do interesse da sociedade pelotense em ter na sua cidade uma escola que formasse mestras” (SARMENTO; PINHEIRO; ROSA; 2016, p. 68).

**Figura 1** – Edifício Escola Complementar Assis Brasil em 1920, Pelotas, RS.



Fonte: Pacheco (2012, p.1).

O prédio da figura 1 fica situado na rua Quinze de Novembro, esquina com a rua Uruguai, no Centro da cidade de Pelotas, e, atualmente, é sede de uma associação denominada Casa da Criança São Francisco de Paula<sup>8</sup>.

A primeira instituição que atuou como formadora de docentes na cidade foi a Escola Complementar de Pelotas. As famílias possuíam o desejo de ter essa escola na cidade para que as alunas não precisassem deslocar-se até a capital do estado para formarem-se professoras (AMARAL; AMARAL, 2007).

Ainda conforme as autoras, na época da implantação da Escola Complementar, a cidade de Pelotas enfrentava uma crise financeira. Esta crise, que já vinha acompanhando o município desde o século XIX, foi agravada devido aos problemas com a queda dos negócios com o charque, e também pela crise do Banco Pelotense. Então, a criação da Escola Complementar para aquele momento difícil que a cidade vinha passando fazia com que as autoridades competentes enxergassem uma forma de aumentar o prestígio social da cidade.

Os problemas advindos da queda dos negócios do charque e a crise do Banco Pelotense, que veio a fechar em 1931, representam uma das possibilidades para melhor explicar o desejo das "famílias cultas" pelo prestígio social-cultural que representaria a criação da Escola Complementar (AMARAL; AMARAL 2007, p. 20).

Além disso, a criação da escola também é reflexo de uma movimentação da comunidade escolar, junto aos representantes políticos locais e regionais, pois sua criação seria de grande importância para muitos que, a partir daí, poderiam obter

---

<sup>8</sup> Associação fundada pela Liga Feminina de Ação Católica de Pelotas, em 11 de junho de 1936, com o nome de creche São Francisco de Paula, é constituída pela união de pessoas organizadas para fins não econômicos, com a finalidade de assistir durante o dia crianças de ambos os sexos, que por condições de vida e de trabalho dos pais carecem de assistência familiar.

oficialmente a titulação para ser regente no Ensino Primário na sua própria cidade, ou seja, Pelotas, não mais deslocando-se até a capital do estado como já mencionado anteriormente nesse texto (*ibid.*, 2007).

No capítulo III, conheceremos um pouco sobre alguns diretores que foram de grande relevância no decorrer da história da Escola Complementar de Pelotas. Porém, é importante salientar que somente alguns deles foram mencionados pelas colaboradoras da pesquisa. Primeiro, porque não tivemos um número expressivo de diretores na escola, segundo, é relativamente normal que as personagens que colaboraram com essa dissertação mencionem fatos do seu período de estudo.

O primeiro diretor da Escola Complementar de Pelotas foi o Professor Emílio Martins Böeckel. Segundo Amaral e Amaral (2007), o professor era reconhecido como um profissional de grandes qualidades, sua gestão foi marcada pela criação do curso de aplicação em 1934, o chamado Curso Primário, que mais tarde foi chamado de anexo.

[...] que servia para as complementaristas aplicarem os conhecimentos adquiridos em Didática, era como que o “Laboratório Vivo” da Escola Complementar, onde a futura mestra podia começar a ensinar fazendo suas primeiras experiências prática, convivendo com a criança (AMARAL; AMARAL 2007, p. 12).

Devido ao aumento de matrículas e à criação de novos cursos, o primeiro prédio tornou-se pequeno e a Escola Complementar foi transferida para um prédio que suportasse suas necessidades, sendo ele localizado na Rua Santa Cruz, esquina General Neto, funcionando neste prédio entre os anos de 1932 e 1933 (*ibid.*, 2007).

Após sua criação, em 1929, a Escola Complementar de Pelotas já tinha formado “oito turmas num total de 219 alunas” (*ibid.*, p.13). Conforme uma das entrevistadas na obra de (AMARAL; AMARAL, 2007), no ano de 1938, no exame de admissão, houve uma situação inusitada, quando foram ofertadas 30 vagas e apenas seis alunas obtiveram sua aprovação no exame admissional.

Ainda conforme uma das entrevistadas da pesquisa de Amaral e Amaral (2007), o currículo do Curso Complementar era constituído das seguintes disciplinas: Civismo, Música, Habilidades, Educação Física, Português, Matemática, Física e Química, Didática e Pedagogia e Economia Doméstica, fazendo com que no pensamento da época predominasse a visão de que, se a moça não fosse

professora, seria uma boa esposa ou uma ótima dona de casa, pois o currículo era voltado também para as práticas domésticas.

Apesar de todas essas disciplinas serem voltadas para o Ensino Primário, naquela época, era muito difícil encontrar professores que tivessem domínio sobre todos os conteúdos, em especial os relacionados “a artes e ofícios manuais”, capacitação importante para o século XIX, e ainda em meados do século XX, pois havia muita demanda no cenário mercadológico por profissionais com este perfil, ainda que “recrutassem, das fabricas e oficinas, funcionários que tivessem conhecimento teórico e prático, estes não possuíam didática [...]” (OTTE; ARAÚJO; ORTH; 2017).

A Escola mudou-se novamente, devido ao não preenchimento das exigências adequadas às suas necessidades, para o prédio situado na rua General Osório, esquina Dr. Cassiano, ficando instalada nesse lugar do período de 1933 até 1941 (AMARAL; AMARAL, 2007). Atualmente, nesse endereço encontra-se a atual Escola Estadual de Ensino Médio Coronel Pedro Osório.

Devido ao falecimento do primeiro diretor, o professor Emílio Böeckel, a professora Margarida Pardelhas assume a direção da escola, que, ainda na mesma obra, é considerada uma educadora nata. A professora fica à frente da Escola Complementar no triênio de 1936-1939. Sua gestão foi marcada pela criação do curso noturno em 1937 (AMARAL; AMARAL, 2007).

No final da década de 30, o período foi marcado na Escola Complementar de Pelotas pela inauguração da Biblioteca “Emílio Martins Böeckel” e a criação do jardim de infância (*ibid.*, 2007). Na década de 40, a partir do decreto nº 91, de 7 de julho de 1940, a Escola Complementar de Pelotas passou a chamar-se Escola Complementar Assis Brasil, sendo seu Patrono Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil<sup>9</sup> (*ibid.*, 2007).

Na medida em que a escola crescia, foi necessário mudar-se novamente, devido ao seu expressivo número de alunos, sendo construído o novo prédio e a escola instalada em definitivo local, onde funciona atualmente o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil. A inauguração oficial deu-se em 7 de abril de 1942, na figura

---

<sup>9</sup> Joaquim Francisco de Assis Brasil foi um advogado, político orador, escritor, poeta, prosador, diplomata e estadista brasileiro; propagandista da República. Foi fundador do Partido Libertador, deputado e membro da junta governativa gaúcha de 1891 (WIKIPEDIA, 2018).

2 podemos ver a fachada do prédio construído na década de 40 para instalação da Escola Normal Assis Brasil, onde funciona até o momento a Instituição.

**Figura 2** – Prédio construído para instalação da Escola Normal Assis Brasil.



Fonte: Acervo do Instituto de Estadual de Educação Assis Brasil: foto da década de 40.

O ano subsequente foi marcado na Escola Complementar Assis Brasil pelo Decreto de Lei nº775, expedido em 15 de abril de 1943, no qual o governo brasileiro, a partir do artigo nº 248, “determinou que todas as escolas complementares oficiais adotassem, a partir dessa data, a estrutura e funcionamento estabelecidos naquele regulamento e passassem a chamar-se Escolas Normais” (AMARAL; AMARAL, 2007 p.14).

Ainda conforme a autora, o mesmo decreto serviu para criar o Curso Ginásial, ela ainda menciona que:

Porém, esse curso, recém criado por determinação do Governo, não foi por ele reconhecido oficialmente de pronto, faltando a Inspeção Federal, novas cadeiras foram criadas como o Latim. Enquanto o Curso Complementar se extinguiu, surgiu o Ginásial com quatro séries, começando a funcionar em 1943. Ao chegar em 1946, quando a primeira turma deveria receber o certificado de conclusão do curso ginásial, verificou-se com a nomeação do

1º Inspetor Federal Dr. Palmor Brandão Carapeços que, para cá veio em inspeção condicional, de 15 de março de 1945 a 15 de agosto de 1946, a fim de atender a três alunas transferidas de outras cidades, que o curso não tinha valor. A turma, liderada pela aluna Gicelda Julieta Alves, entrou em entendimento com a Direção, recebendo a confirmação de que para receber esse certificado teria que prestar o exame 91 (*ibid.*, 2007, p. 14).

O exame do art. 91, como era chamado, era realizado somente para os maiores de 19 anos, para a obtenção da licença ginásial, dando o certificado direitos conferidos obtidos em virtude de conclusão do curso de primeiro ciclo (*ibid.*, 2007). Em 23 de novembro de 1944, o Curso Ginásial conseguiu sua equiparação no Ministério da Educação (MEC). Em 1947, após o processo seletivo na época chamado de vestibular, iniciava-se o Curso Normal.

O novo curso recebeu a denominação de “Curso de Formação de Professores Primários”. A primeira turma de normalista formou-se em 23 de dezembro de 1949, a “nascente”, como era chamada a equipe diretiva e corpo docente, pelos discentes, ficou assim constituída: diretor: professor Emílio Martins Böeckel, corpo docente: professora Eva Rosa dos Santos, professora Hilda Bohrer Weber, professora Noêmia Dias Aguiar, professora Zulmira Lemos e professor Roberto Müller, e, na ocasião, contava com matrículas de 90 alunos (AMARAL; AMARAL 2007).

No ano de 1947, também se criava o Curso Supletivo Primário no turno da noite, sendo “as primeiras professoras desse curso as alunas da primeira turma do Curso Normal” (SARMENTO; PINHEIRO; ROSA; 2016, p.68). Outro fato que marca a escola, em 1952, é a criação oficial do Curso Científico, porém, ele já estava em funcionamento desde o ano anterior, sendo uma conquista da então diretora dona Maricota<sup>10</sup>. Esse curso funcionava no Colégio Estadual da Escola Normal Assis Brasil e, em 1959, o Curso Científico separou-se da Escola Normal (AMARAL; AMARAL, 2007). No ano de 1962, pelo decreto nº 13420, a Escola Normal Assis Brasil passou a denominar-se Instituto de Educação Assis Brasil. Sua importância é reconhecida no que se refere à formação de professores primários, tendo assumido outros níveis de ensino.

Ao longo do tempo, o Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil, passou por alterações e precisou adequar-se. Entre elas, “[...] em 1997, passou a ter

---

<sup>10</sup> “Dona Maricota” era um apelido chamado carinhosamente pelas normalistas. A Diretora Maria da Glória Pancinha de Sá esteve à frente da direção da escola de 1939 a 1959, conforme veremos posteriormente no capítulo III.

a denominação de Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, que mantém até os dias atuais” (TEIXEIRA, 2018).

O Instituto Estadual de Educação Assis Brasil tem um grande significado na vida das pessoas da cidade de Pelotas, pois ele foi e ainda é de grande importância no contexto educacional do estado do Rio Grande do Sul, sendo destacado como a melhor escola pública do município (AMARAL; AMARAL, 2007).

Em 2014 foi iniciado um trabalho de preservação do acervo documental do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB) por um grupo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)/Matemática da Universidade Federal de Pelotas.

Inicialmente, prevíamos ao projeto a duração de quatro anos estabelecida pelo edital (dois anos com renovação automática por igual período). No entanto, a partir do final de 2015 o projeto passou por uma gradativa redução do número de bolsistas, tendo se reduzido de 48 para 16 o total de alunos oriundos da Licenciatura em Matemática (SOUZA; RIOS; SILVA, 2016, p. 145).

A instabilidade enfrentada por este programa, devido às ameaças de encerramento, durante o ano de 2016, fizeram com que muitos alunos buscassem outras alternativas. Devido a isso, “não foi possível cumprir parte da proposta inicial, o que foi bastante frustrante para todos os participantes do projeto [...]” (*ibid.*, 2016, p. 145).

Atualmente, o IEEAB é uma das três instituições que integram o Projeto “Estudar para Ensinar: Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)”, o que possivelmente acarretará a organização desse acervo. Já esta dissertação tem uma conexão com o Projeto na medida em que tenta contribuir com problemáticas próximas, relativas a esse estabelecimento de ensino.

No ano de 2018, o IEEAB apresentava 1.726 alunos matriculados em várias modalidades e níveis de ensino, entre eles: Educação Infantil, iniciada na instituição em 2002, Ensino Fundamental, Ensino Médio, EJA (Educação de Jovens e Adultos), Educação de Surdos, o Curso Normal Regular, para os alunos que concluíram o Ensino Fundamental na modalidade Médio/Normal e o Curso Normal na modalidade aproveitamento de estudos, para os alunos que concluíram o Ensino Médio (SARMENTO; PINHEIRO; ROSA; 2018).

Para realizar esta dissertação, utilizei como percurso metodológico a História Oral para produção de fontes e a análise documental, realizando o cruzamento das narrativas produzidas com os documentos institucionais encontrados relativos ao período estudado. Referente a essas duas metodologias utilizadas na dissertação, farei uma apresentação para o leitor no próximo capítulo.

## 2. UMA APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA

A metodologia da História Oral, enquanto proposta de pesquisa no Brasil, tem suas primeiras práticas associadas ao Centro de Pesquisa e Documentação e História Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), fundado em 1975, como técnica de pesquisa voltada para à preservação da memória, tendo como marco importante um Setor da História Oral realizando entrevistas com importantes figuras políticas do Brasil (THOMPSON, 1998).

Embora tenhamos esses valiosos registros de História Oral no país, esta metodologia se consolidou somente na década de 90, quando houve profundas transformações políticas, que possibilitaram um verdadeiro *boom* da História Oral, pois, anteriormente, esta metodologia não aparecia nos currículos dos cursos universitários. A partir daí passou a ser usada por pesquisadores em trabalhos de Ciências Sociais, envolvendo-se em temáticas da classe trabalhadora, minorias e grupos discriminados (FERRERIA, 1998).

Ouvir as vozes ou as narrativas do povo compreendia um método por essência político, ou seria uma intenção política, em que saber a memória da coletividade seria o mesmo que conhecer o que ou como pensa o eleitor e suas preferências (FERREIRA, 2002).

Ainda conforme a autora, “[...] este *boom* pode ser explicado também a partir de mudanças no próprio campo da História, com o rompimento do paradigma estruturalista, mas também a partir de transformações mais gerais na sociedade brasileira” (*idem*, 1998, p. 3).

Além disso, Thompson, (1998) explica que a História Oral pode nos proporcionar a compreensão de problemas contemporâneos que persistiram durante algum tempo, favorecendo a identificação e o conhecimento de diferentes problemas sociais (*ibid.*, 1998). De forma mais específica, que entende “[...] por História Oral a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (*idem*, 2002, p. 9).

Durante a Conferência Internacional de História Oral, no Rio de Janeiro, no que diz respeito aos desafios dessa metodologia para o século XXI, Portelli (2010) destaca a importância da História Oral “[...] como alternativa crítica, presença radical no enfrentamento atual do que está se tornando o pensamento dominante”

(PORTELLI, 2010, p. 8). Desse modo, tem uma relevância importante para entendermos questões sociais, é uma forma de tratar problemas ou identificar situações que já foram vividas, mas estão sendo esquecidas no passado. Ainda segundo o autor, a História Oral, atualmente, pretende mostrar sua potência, sua riqueza, suas dúvidas, seus problemas, seus desafios e seus resultados.

A História Oral é campo de pesquisa que atua sobre o social, de onde, a partir de narrativas carregadas de significados e de natureza singular, ocorre a aquisição de conhecimentos relacionados ao enfrentamento de situações, de desafios, de tomadas de decisão específicas, particulares de distintos sujeitos (*ibid.*, 2010). Ainda de acordo com o autor, a prática da História Oral, é apropriada à conjuntura globalizada, sendo utilizada em diferentes contextos, como ambientes acadêmicos, político, social, profissional, militante, entre outros.

De acordo com Alberti (2012), fazer História Oral não é simples. O entrevistador não deve ser ingênuo ao pensar que gravar as falas se constitui no fazer pesquisa. Esta concepção genérica aponta para a desvalorização da fonte narrativa, de forma que não se trata de apenas gravar, mas trata-se de garantir um diálogo significativo, ou seja, onde a narrativa traga elementos que contribuam com a reconstituição do objeto de interesse do pesquisador.

Para Ferreira (1998), a História Oral é uma metodologia que favorece o desenvolvimento das ciências sociais e humanas, de caráter multidisciplinar e desmistificador, que traz por essência o respeito à subjetividade humana, possibilitando, inclusive, a emergência de memórias até então ocultas. Por tratar-se de uma metodologia que pode ser aplicada a todas as áreas de estudo, tem sido bastante usada em pesquisas do campo da História da Educação Matemática.

Ainda, pode citar-se, como exemplo de uso da metodologia da História Oral no campo de pesquisa da História da Educação Matemática, trabalhos como o de Baraldi (2003), Garnica (2005) e Rios (2012) que fazem uso dessa metodologia, vinculada à História da Educação Matemática. Além disso, existem diversos trabalhos apresentados em eventos, artigos, publicações em revistas, livros, dissertações e teses que envolvem a temática, mostrando que a História Oral tem sido bastante usada em pesquisas do campo da História da Educação Matemática.

Existem, ainda, identificação de grupos de pesquisas, especialmente o Grupo de História Oral e Educação Matemática, que reúne pesquisadores de vários

estados brasileiros para abordar essa temática, como podemos ver a seguir:

Os projetos em Educação Matemática e História Oral, atualmente, são desenvolvidos de forma sistemática [...] grupo de pesquisa, constituído em meados de 2002, que, interinstitucionalmente, reúne pesquisadores da USC – Universidade do Sagrado Coração de Bauru, UNESP – campus de Bauru e campus de Rio Claro, UFPR – Universidade Federal do Paraná e UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas (GARNICA, 2003, p. 1).

No contexto do desenvolvimento da História da Educação Matemática, a História Oral é admitida por apresentar recursos eficazes para a evolução da área, observada como disciplina e ciência. O uso da História Oral na História da Educação Matemática dá destaque à importância dos “vestígios de práticas de professores [...] diferentes do até então discutidos [...] trazidos à tona a partir de narrativas de professores, dirigentes, funcionários, alunos, pais, enfim, atores do meio educacional” (SILVA; SOUZA, 2007, p. 162).

A História Oral difere-se de um método por entender que método consiste em seguir regras, então, trato nesta pesquisa a História Oral como uma metodologia de caráter qualitativa. Mesmo nos valendo de um planejamento para as entrevistas, ela não segue parâmetros determinados, o que difere do método. Não existe um modelo de resposta pronto, cada colaborador apresenta a sua subjetividade, fazendo com que esta metodologia mostre um caráter individual (GARNICA, 2005). Na pesquisa com História Oral, o número de entrevistados não é o mais importante, ela pode apresentar uma limitação de personagens pela dificuldade de encontrá-los, porém, o que interessa é a qualidade de como são feitas as entrevistas.

A História Oral trata-se de uma metodologia de pesquisa que absorve a concepção de registro oral, onde faz-se uso de entrevistas com a finalidade de contribuir para a construção da história, ou, ainda, a partir de suas experiências, propiciar avanços científicos em distintos campos de estudos (FERREIRA, 1998).

Explicando a diferença oferecida pela História Oral, Portelli (2016) afirma que, ao oposto dos documentos, as narrativas constituídas como “fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo” (*ibid.*, p. 10).

É preciso compreender que a dimensão dos desafios na aplicação da metodologia está associada à capacidade do entrevistador de demonstrar o quanto

são valiosas as memórias do entrevistado, induzindo-o a lembrar de momentos, situações inusitadas, sentimentos vividos e iniciativas tomadas por conta destas dificuldades que o ajudaram a vencer. Assim, a narrativa do entrevistado poderá contribuir com estudos específicos.

Para Alberti (2012, p. 29), “a História Oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento”, precisando, assim, que seja em tudo refletida. Ou seja, o pesquisador ou entrevistador deve ter bem claro o que quer ouvir, o que espera ouvir, fazendo questões previamente elaboradas e ordenadas que venham ao encontro dos objetivos do estudo, ao mesmo tempo em que estimulem as memórias do entrevistado.

Tive a oportunidade de evidenciar uma singularidade da História Oral durante as entrevistas que realizei para esta pesquisa quando as entrevistadas tiveram interpretações distintas sobre mesmos episódios, coincidindo com o que explica Pinto, ao afirmar que em nenhum momento as narrativas de pessoas distintas sobre um mesmo tempo, fato, ou cena expressam as mesmas ideias, ou trazem interpretações iguais. “As recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas” (PORTELLI, 1997, p.16 *apud* PINTO, 2006, p. 47), pois a memória é ainda que seja reconhecidamente individual e esteja estreitamente ligada ao sujeito, incorpora elementos de sua condição social, cultural e conhecimentos específicos.

A metodologia utilizada é aplicada a partir do processo de rememoração do passado, atribuindo significado àquelas experiências vividas, trazendo um novo significado ou oportunizando um diferente modo de conhecimento do vivido, ou uma verdade até então oculta (PINTO, 2006).

No caso desta pesquisa, ao ouvir ex-normalistas, consegui sanar as indagações que me inquietam desde o Curso Normal, no que se refere à Matemática presente na formação de professores primários como práticas e métodos pedagógicos, pois, a partir das entrevistas, retomo memórias do sentimento de como era o ensino no período delimitado da pesquisa.

Considerando que uma das entrevistadas foi normalista da Escola Normal Assis Brasil e depois professora, já quando a escola passa a chamar-se Instituto de Educação Assis Brasil, consigo me aproximar de um aspecto particular do processo da formação de professores primários, que é o sentimento de ser professora das normalistas, de saber como era dar aula no Curso Normal e como era a prática de

ensino, partindo da narrativa dela.

Desse modo, a partir do uso dessa metodologia, foi possível, junto às entrevistadas, registrar suas memórias a respeito das trajetórias de formação na Escola Normal Assis e Brasil e posteriormente, no Instituto de Educação Assis Brasil, observada em duas diferentes perspectivas: a primeira é a rememoração das práticas de ensino quanto aos conteúdos, ao sistema de ensino e às metodologias; a outra é relacionada às experiências, ao modo como as ex-normalistas lembram o que aprendiam, seus sentimentos sobre a instituição e sobre ser normalista.

Um trabalho com História Oral não se define somente com fontes orais, devido a isso não é possível tomar as narrativas como um discurso pronto, sendo necessário realizar o cruzamento de documentos que, durante o decorrer da pesquisa, foram fundamentais para compreender as fontes orais em que fiz o cruzamento das narrativas produzidas com documentos que identifiquei relacionados ao Curso Normal no Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968.

Os documentos mencionados no parágrafo anterior, os quais foram identificados por mim, basearam-se em: reportagem de jornal, fotos da galeria de ex-diretores, um trabalho realizado pelas ex-normalistas, documentos institucionais, como o diário de classe da disciplina de Didática da Matemática. Sendo assim, fiz a partir deles uma análise documental para o presente estudo.

A maior parte dos documentos que utilizei foi encontrada no acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, as fotos das diretoras que veremos no capítulo III foram digitalizadas a partir da galeria de ex-diretores que se encontra no auditório do IEEAB, quando cuidadosamente precisei movê-las para realizar a digitalização como uma das ações do Projeto “Estudar para Ensinar Práticas e Saberes Matemáticos das Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1869-1970)”.

A análise documental faz-se necessário para que o pesquisador possa ter uma interpretação aprofundada das informações contidas nos documentos. Essa interpretação exige atenção, pois muitas vezes as informações não estão expressas nos documentos, sendo necessário ter um olhar observador, cuidadoso e criativo para essas fontes (CORSETTI, 2006).

Ainda, conforme a autora, referente à análise documental afirma que:

O trabalho a ser realizado exige que se persigam o sujeito da produção dessas fontes, as injunções na produção e as intervenções, isto é, as modificações sofridas e o destino e destinatário desse material. Não podemos deixar de considerar a importância de problematizar o tema à luz da literatura que lhe é pertinente, propor questões, buscar as fontes, rever a literatura, checar as questões e reformulá-las se for o caso, voltar às fontes até que esgotem o problema e as fontes. Reafirmamos que são as questões que se fazem a cada um e ao conjunto do material e a relação que se estabelece entre elas e as respostas obtidas que criam a possibilidade de se “fazer história”. Assim, o trabalho com as fontes na análise documental, que exige cuidado, atenção, intuição, criatividade, não prescinde de uma relação anterior com a teoria e com a metodologia da história (*ibid.*, 2006, p.36).

No caso dessa dissertação a análise documental das fontes foi problematizada na medida em que analisei as informações encontradas nos documentos, fazendo o cruzamento das fontes com as narrativas produzidas, conforme veremos no próximo capítulo. A análise documental associada à entrevista proporciona “uma análise mais profunda e complexa, por meio do entrecruzamento das fontes materiais com as fontes orais” (TEIXEIRA, TAMBARA, 1996, p. 1). O uso dos métodos da análise documental e da entrevista, ainda, conforme os autores podem ter grande importância para pesquisas que estudam as instituições escolares na medida em que é permitido a problematização das fontes encontradas e das fontes produzidas (*ibid.*, 1996).

A partir dessas definições é possível perceber que a análise documental permite trabalhar junto com outras metodologias, podendo ser mais explorada “ela pode complementar as informações obtidas por outras técnicas de coleta” (LÜDKE, ANDRÉ, 1996, p. 39). No próximo tópico abordarei a utilização da História Oral na realização da pesquisa de campo, apresentando reflexões a respeito da escolha das participantes, o processo de elaboração do roteiro e do planejamento das entrevistas, a realização das entrevistas propriamente e, por fim, o processo de transcrição e de aprovação das transcrições produzidas.

## **2.1 UTILIZANDO A HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA DE CAMPO**

No caso do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, procurei no acervo da escola documentos que pudessem identificar como eram as práticas pedagógicas no

período de estudo da pesquisa, buscando por planejamentos de aula, folhas de atividades, *etc.*, Porém, durante a busca, não consegui encontrar um número significativo de documentos desse tipo, inclusive, em função de que, atualmente, o arquivo não se encontra adequadamente organizado ou catalogado.

Além disso, vale dizer que encontrei no acervo do IEEAB, diários de classes com nomes e registros de conteúdos trabalhados nas disciplinas, conforme veremos na figura 12, porém esses documentos não respondem, às questões pretendidas por esta pesquisa, pois não possuem elementos relativos ao que eu queria saber, uma vez que me interessei pelas experiências e sentimentos de como era estudar no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil, como foi a experiência da formação de professores primários que vivenciaram e de como era ser normalista naquela instituição, com cultura escolar própria.

As entrevistas e análises realizadas neste trabalho podem contribuir para compreender a Matemática presente naquela cultura escolar particular, ligada à formação de professores primários, no período de 1955 a 1968. O método se justifica por ser, como já dito, relevante para fins de recuperação de memórias do passado que estão sendo esquecidas nos dias atuais, e pode ser considerado como um meio de conhecer o olhar e o sentir dos professores e alunos sobre meios e métodos, vindo a quebrar paradigmas, romper com o tradicional e favorecer um *feedback* nas leis e diretrizes educacionais (SILVA; SOUZA, 2007).

No caso desta pesquisa, isto se aplica porque, ao perguntar para as entrevistadas como foram suas experiências enquanto professoras ou normalistas do Curso Normal, tive acesso às memórias a respeito da Matemática que fazia parte da formação, ali realizada.

Desse modo, a pesquisa proporcionará que as memórias das normalistas do IEAB possam ser tratadas como um conjunto de fontes históricas inéditas para pesquisas no campo da História da Educação Matemática, visando à construção de um novo conhecimento, proporcionando que novos pesquisadores possam utilizar-se desses materiais para estudar outros temas da área.

A princípio, a delimitação temporal prevista para a pesquisa era a partir de 1947, devido à criação da Lei Orgânica do Curso Normal nº 8.350/1946, finalizando em 1970, quando foi criada a lei de Diretrizes e Bases nº 5692/71, que extinguiu o Ensino Primário e instituiu a escola de primeiro e segundo grau com passagem

automática. No entanto, só foi possível localizar quatro ex-alunas do período de 1955 a 1968, das quais uma atuou também como professora. Decidi, então, redefinir o recorte temporal da pesquisa, ajustando-a ao período em que encontrei pessoas disponíveis para conversar comigo sobre o tema.

Para que seja validada uma pesquisa de História Oral é preciso que se reflita sobre o que seria considerado um número razoável de colaboradores, que participarão da produção das fontes. Essa reflexão depende do interesse de pesquisa, do objeto que está sendo tratado e da viabilidade da execução do projeto (ALBERTI, 2004). No caso desta pesquisa, defini por ouvir quatro ex-normalistas, em função da falta de disponibilidade de várias pessoas consultadas para dar entrevista, além da própria limitação de tempo para o cumprimento de uma pesquisa de mestrado.

Segundo Thompson (2002):

[...] a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar enfoque da própria história e revelar novos campos a investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história - seja em livros, museus, rádios ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 2002, p. 22).

A metodologia da História Oral é investigativa e favorece a análise de novas fontes, sendo que, muitas vezes, a partir de questionários o pesquisador não consegue suprir toda a sua necessidade de indagações. Certamente o uso dessa metodologia, que se realiza com entrevistas e relatos, favorece uma melhor qualificação dos estudos, abrindo novas áreas para investigação, e assim as narrativas passam a constituírem valiosos registros com o passar dos anos (PORTELLI, 2010).

O percurso metodológico possibilitou um ajuste entre a História Oral, metodologia bastante criativa, e essa dissertação, pois ela assume um caráter individual, possibilitando ao pesquisador formas de realizar a pesquisa de maneira satisfatória e bem-sucedida. Assim, a disposição das entrevistas de memórias de ex-normalistas a respeito da Matemática na formação de professores primários, na Escola Normal Assis Brasil e, posteriormente, no Instituto de Educação Assis Brasil, podem contribuir para a produção de outros trabalhos.

Outra área de pesquisa da qual a dissertação aproxima-se é a da História da Educação. Apesar de haver diversos trabalhos desse campo desenvolvidos no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, dentre os quais se cita os de Amaral; Amaral (2007) e Venzke (2011), não identifiquei a existência, até o momento, de pesquisas que tenham analisado a Matemática na formação de professores primários no Curso Normal do IEAB, em perspectiva histórica, justificando, assim, a viabilidade dessa dissertação, fazendo com que o preenchimento desta lacuna seja suprido.

Após estudar e me apropriar dos aspectos da metodologia da História Oral para realização dessa dissertação, e identificar as personagens para pesquisa, preoquei-me em elaborar um roteiro, levando em consideração questões que provocassem a memória das entrevistadas em relação à estrutura do curso, a avaliação do ensino naquela época, a Matemática no Curso Normal, como os professores ensinavam, quais matérias havia no currículo do curso, os métodos e as práticas de ensino. As perguntas que fiz foram prioritariamente relacionadas com a Matemática na formação de professores primários e, mais especificamente, nas disciplinas de Matemática e Didática da Matemática.

No entanto, não fiz perguntas fechadas para que as entrevistadas pudessem ficar mais descontraídas para contar as suas memórias. O roteiro planejado foi com dez perguntas<sup>11</sup> abertas, deixando as entrevistadas à vontade para expor lembranças de assuntos que não mencionei como entrevistador.

Na entrevista, é necessário realizar um planejamento criterioso com questões que possibilitem despertar expressões e sentimentos vividos, a atenção do pesquisador deve estar voltada para questões que possibilite perceber as expressões e sentimentos dos sujeitos (ALBERTI, 2004).

Uma vez definido o grupo de colaboradores, deve-se considerar que a ocasião da entrevista precisa de um clima de tranquilidade, amigável, e, até mesmo de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado, que sentindo confiança passará a narrar com segurança suas memórias (PORTELLI, 2016).

Entretanto, ainda de acordo com o mesmo autor, o entrevistador não deve se surpreender se, ao desligar o gravador, o diálogo passe a ter um novo sentido, com informações mais profundas e surpreendentes. Este fato se dá em função do estado

---

<sup>11</sup> Ver apêndice A.

de informalidade que pode produzir um relaxamento do entrevistado, que, mesmo sem ser intencional, por vezes, muda o tom ou lembra-se de algo que ainda não tinha sido mencionado na entrevista.

A primeira entrevistada foi localizada a partir de uma conversa informal com uma professora que atuava na biblioteca do IEEAB no ano de 2017. Ao ficar sabendo sobre minha pesquisa, ela se interessou pelo assunto e me informou que tinha uma colega que foi normalista e também professora no Instituto de Educação Assis Brasil, e que, atualmente, já estava aposentada da rede estadual, sendo diretora pedagógica de uma escola da rede particular do município de Pelotas, e certamente ela poderia se interessar em contribuir com a minha pesquisa.

Imediatamente fui até à escola onde a professora atuava, mas não tive sucesso no primeiro momento. Na semana seguinte retornei e a encontrei. Tive então a oportunidade de fazer uma pré-entrevista<sup>12</sup> com a professora Marina Laranjeira, que se mostrou receptiva em colaborar com meu trabalho. O diálogo foi muito proveitoso, pois pude expor o tema da minha pesquisa e como ocorreria a entrevista, sem entrar em detalhes do que eu queria saber, evitando interferir negativamente no processo.

As demais entrevistadas foram localizadas a partir de um anúncio publicado no “Almanaque Gaúcho” do jornal Zero Hora, do qual a coordenadora do Projeto “Estudar para Ensinar Práticas e Saberes Matemáticos das Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1869-1970)”, identificou o anúncio e de imediato informou para o professor orientador dessa pesquisa, que me encaminhou o anúncio da ocorrência da comemoração dos 60 anos de formatura das normalistas da antiga Escola Normal Assis Brasil, turma de 1957, como se lê na imagem a seguir:

---

<sup>12</sup> Entende-se por Pré-entrevista uma conversa com o colaborador anteriormente a realização da entrevista. Segundo Meihy (2000), a Pré-entrevista é marcada pela preparação do encontro, com o fim de apresentação, confirmar o interesse do colaborador. Fazer combinados práticos como definir local, agendar data e falar minimamente sobre o que trataremos na entrevista.

**Figura 3 - Anúncio de Almoço de Confraternização das Normalistas da Escola Normal Assis Brasil**



*Fonte: Jornal Zero Hora – Almanaque Gaúcho 8/12/2017 p. 48, 2ª Edição; Ano 54, nº 18.955*

De imediato, fiz contato com as organizadoras do evento para conseguir em algum momento ir ao almoço e tentar convidá-las para participarem da minha pesquisa. A partir do contato telefônico, presente no anúncio, uma das organizadoras aceitou que eu tivesse uma conversa com suas colegas após o almoço de confraternização, que foi realizado no dia 15 de dezembro de 2017, em uma churrascaria da cidade de Pelotas. No dia do evento fui acompanhado de uma colega do grupo de pesquisa, com a intenção de digitalizar documentos, caso uma das ex-normalistas estivesse com algum material que fosse de interesse para a pesquisa.

Estava combinado que eu poderia falar com as ex-normalistas quando terminasse o almoço. À medida que o tempo foi passando, elas iam terminando de almoçar e se despediam das outras colegas. Vendo aquela situação me desloquei até o roll de saída e as abordei, essa abordagem me rendeu outras duas entrevistas.

Após a saída das ex-normalistas ainda fiquei para conversar com as organizadoras da comemoração, quando tivemos uma conversa agradável sobre o seu período de estudo na Escola Normal Assis Brasil. Na ocasião, tive acesso a um álbum confeccionado por uma delas na disciplina de Didática da Matemática. Naquele momento não foi possível realizar a digitalização, ficando combinado que o digitalizaria em uma próxima ocasião.

Ainda no mês de dezembro entrei em contato com as ex-alunas, da turma de 1957, para pré-agendarmos as entrevistas. Por tratar-se de um período de final de ano e de recesso escolar, não foi possível realizar de imediato, exceto com a professora Irany, que aceitou realizar a entrevista no mês de janeiro, ficando

combinado com as outras ex-normalistas a realização das entrevistas após o término das férias escolares.

Conforme a tabela 1, foram realizadas quatro entrevistas, totalizando 2 horas e 17 minutos de gravação, que renderam 47 páginas de transcrições, as quais se constituem no produto dessa dissertação. Entre as entrevistadas, todas continuaram trabalhando na área da educação, três delas fizeram graduação e uma optou por não fazer Curso Superior. Além disso, todas as ex-alunas moram na cidade de Pelotas, o que facilitou as entrevistas.

**Tabela 1 - Realização das entrevistas**

Entrevistada:	Data da Entrevista:	Duração da Entrevista:
Marina	9/11/2017	23min 15s
Irany	26/01/2018	44min 13s
Terezinha	17/05/2018	44min 31s
Iony	17/05/2018	25min 9s

Além das professoras mencionadas, na tabela acima, encontrei outras seis ex-normalistas, mas que não consideraram o momento propício para a participação na pesquisa, devido a motivos particulares. Afirmaram que numa próxima oportunidade gostariam de participar.

Entrevistei duas ex-normalistas que se formaram no ano de 1957, Irany e Terezinha. Irany, logo após a formatura, começou a lecionar na rede municipal de ensino, numa escola localizada na zona rural. Ela conta que foi uma experiência boa, mas ficava muito isolada, pois tinha praticamente que morar na escola. Terezinha, depois de formada, também começou a lecionar, retornando para o seu município de origem, Santa Vitória do Palmar<sup>13</sup>, e contou-me que não teve muito contato com Pelotas, já que depois foi morar em Porto Alegre. Quando sua filha mais velha formou-se no 2º grau e as outras ainda estavam estudando, percebeu que o ensino na capital estava fraco. Também notou que não conseguia fazer com que suas filhas continuassem progredindo, então decidiu retornar a Pelotas, colocando-

<sup>13</sup> Trata-se de um município fronteiriço brasileiro do estado do Rio Grande do Sul, localizado no extremo sul do Brasil, na fronteira com Uruguai.

as no IEAB.

Marina foi aluna da Escola Normal Assis Brasil até o ano de 1962, e, posteriormente, começou a exercer a profissão de professora na própria Instituição. A última entrevistada foi Iony, que se formou no IEAB no ano de 1968, e durante sua vida profissional adquiriu experiência com alunos de várias faixas etárias e especializou-se em Inspeção Escolar, atuando na rede municipal e privada de ensino do município de Pelotas e, ainda, quando estava próximo à sua aposentadoria trabalhou na 5ª Delegacia Regional de Educação<sup>14</sup>.

Durante as entrevistas, estava um pouco nervoso, mas acredito que não deixei transparecer para as entrevistadas. Minha única experiência prática com História Oral ocorreu em uma atividade na disciplina de “História Oral e Educação Matemática”, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que cursei como aluno especial.

O roteiro de perguntas estava memorizado, para não correr o risco de inibir as entrevistadas com a leitura das questões. Utilizei um aparelho celular para a gravação, posicionado de forma discreta para que as entrevistadas “esquecessem” que estavam sendo gravadas e pudessem responder com mais naturalidade.

Para recuperar os temas de interesse de suas falas, sem ter que interrompê-las imediatamente, levei um pequeno bloco de rascunho para tomar nota de pontos que pediria que elas retomassem, inclusive, possibilitando pedir-lhes que falassem de outros temas sobre a formação Matemática ocorrido no Curso Normal, que não estavam previstos no roteiro inicial.

Realizei as entrevistas deixando espaços para que as participantes pudessem lembrar de aspectos mais gerais de seus períodos de estudante, e não somente da Matemática praticada no curso de formação de professores primários, pretendendo ampliar as possibilidades de reflexões sobre o vivido naquele período escolar.

A primeira entrevista foi realizada na sala da direção da escola que Marina trabalha, ambiente que não se mostrou o mais adequado para a realização da mesma, uma vez que havia bastante ruído produzido pela sala de aula ao lado, além de ruídos dos alunos nos corredores. Esses ruídos eram escutados mesmo estando com a porta fechada.

---

<sup>14</sup> Atualmente a 5ª Coordenadoria Regional de Educação.

Antes de começar a entrevista apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>15</sup> para a professora Marina, sendo esse termo disponibilizado para todas as colaboradoras dessa dissertação.

Já com o aparelho celular gravando, comecei a entrevista me apresentando e falando sobre o meu projeto de pesquisa. A entrevistada também se apresentou, falando do tempo em que foi normalista e de como se tornou professora do Instituto de Educação Assis Brasil. Após esta primeira apresentação comecei o roteiro que tinha elaborado.

Minha primeira pergunta foi relacionada às lembranças que ela tinha de quando trabalhava no IEAB, pois, como mencionado anteriormente, ela exerceu docência no Curso Normal. Como as outras entrevistadas não tinham esta experiência, achei importante explorar esta peculiaridade da professora Marina. Por se tratar de uma ex-normalista que também foi professora, durante sua fala a colaboradora falou simultaneamente de lembranças do tempo de quando era normalista e de lembranças do tempo que era professora no IEAB.

Marina começou a falar sobre o material didático do Curso Normal, como o Cuisenaire e o Tangran, explicando-me que, naquele período, eram confeccionados com papelão. Ela apresentou muita segurança para responder às perguntas, e, a cada uma, mencionava que esses materiais ainda são utilizados na escola onde trabalha. Durante a entrevista me olhava diretamente nos olhos, e, ao olhar para ela, percebia que estava gostando de contar suas memórias, mesmo que essas se misturassem com episódios e práticas utilizadas no presente.

Além de tentar cumprir o roteiro previamente elaborado, fiz perguntas que me surgiam no momento, fazendo com que ela retornasse ao período de estudo, ou seja, de quando ela era normalista ou professora no IEAB. Outro fato importante foi que a entrevistada, quando se referia às práticas do IEAB, sempre o defendia com vigor e firmeza, e era visível o brilho no olhar e a expressão do sentimento de carinho e apreço que possui até hoje pelo Instituto Estadual de Educação Assis Brasil.

A característica que a entrevistada apresentou de defender a escola, a forma de expressar-se em relação ao IEAB, foi uma marca comum entre as demais

---

<sup>15</sup> O Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se no apêndice B. E os termos assinados encontram-se em posse do pesquisador.

entrevistadas, que também apresentaram expressões de apreço em suas falas, com declarações positivas ao lembrarem-se do tempo que foram normalistas. Tal fenômeno pode ser explicado como uma característica típica dos processos do exercício mnemônico à memória, que é uma particularidade de pesquisas que trabalham com lembranças.

Todas as colaboradoras em suas memórias defenderam a escola. Isto se chama seletividade, quando, ao falar, elas escolhem aquilo que foi mais alegre no IEAB, produzindo um sentimento de saudade do tempo de normalista. O outro lado das lembranças poderia ser fatos de uma memória apaziguada, em que crises e tensões, que talvez tenham feito parte do seu tempo de normalistas, não é tão presente no discurso colocado, ou seja, a partir das narrativas todas elas trazem uma seletividade da memória laudatória.

Outra marca comum das memórias das entrevistadas é que ao falarem tanto da Escola Normal Assis Brasil ou do Instituto de Educação Assis Brasil, o reconstroem tomando valores interpretativos da atualidade, do momento pessoal que vivem, ou de valores que ainda possuem. Quando se referem ao processo educacional vivido, não se restringem aos momentos em que lá estudaram, mas em como aqueles momentos repercutiram em suas trajetórias de vida. É preciso considerar que, no caso de todas as colaboradoras desta pesquisa, como veremos, a formação do Curso Normal repercutiu e relacionou-se com suas atuações profissionais, uma vez que a atuação na Educação se explicita em suas trajetórias profissionais. Tal efeito se justifica, como afirma Rios (2012), uma vez que as narrativas de memória contam aquilo que os entrevistados viveram, impregnadas pelo modo como ainda se relacionam com o seu passado e pelos significados que atribuem, no tempo presente, a tudo aquilo que foi vivenciado.

A entrevista com Marina foi finalizada com uma frase emblemática da colaboradora: “Como é bom recordar!”. Percebi que aquele momento, que foi de fundamental importância para mim, como pesquisador, também foi importante para a entrevistada, o que se repetiu no caso de outras colaboradoras, que demonstraram satisfação em recordar tantos momentos, corroborando à posição de Bosi (2007), segundo a qual fazer uso da memória de pessoas mais idosas constitui, inclusive, um processo de valorização do sujeito, quando ele se sente importante por saber que suas memórias importam para os outros, e este exercício de rememoração faz

com que lembranças que estavam adormecidas se tornem ativas e venham a contribuir com o presente.

A segunda entrevistada foi a professora Irany, uma das normalistas que encontrei no almoço de comemoração dos 60 anos de formatura. Antes de começar a entrevista chamou seu esposo para apresentar-me, e ela mesma falou sobre qual era o meu papel aquele dia em sua residência, me surpreendendo ao mencionar a importância da minha pesquisa com tanta convicção, momento em que relatou que também tinha uma irmã que estudou no IEAB. Solicitei o contato e, em uma atitude espontânea, ela própria realizou uma ligação para sua irmã, Iony. Ao me passar o telefone mencionei questões da pesquisa e já agendamos a entrevista para um momento posterior.

Com o aparelho celular já gravando, comecei a entrevista com uma nova apresentação, porém, formalmente, para registrar com clareza, mesmo que para um controle interno, quem era a colaboradora que estava sendo entrevistada. O ambiente para a entrevista era apropriado, mas a entrevistada estava um pouco inibida durante boa parte do tempo pelo fato de estar sendo gravada. Mesmo assim começou a refletir sobre a Educação da época.

Conversamos sobre os materiais que havia no Curso Normal, questionei se ela os tinha guardado e me informou que armazenou por muitos anos, mas depois foi distribuindo para quem estava estudando nas escolas de Magistério de Pelotas, e que também já havia passado 60 anos e era difícil guardar. Este tem sido um dos motivos de estar encontrando dificuldade para digitalizar os acervos pessoais das ex-normalistas, pois meu interesse em digitalizar esses acervos parte por ser uma das metas do Projeto “Estudar para Ensinar: Práticas e Saberes Matemáticos das Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1869-1970)”, no qual essa dissertação está inserida como já dito anteriormente.

Todo o tempo a entrevistada mencionava a sua escola de formação com apreço e carinho, principalmente quando se lembrava dos nomes dos professores, e também que ela era uma ótima aluna e nunca foi reprovada, incluindo outros fatos da época em que era professora primária. Naquele momento percebi que talvez devesse voltar a entrevista para suas lembranças como normalista, porém, sua narrativa era tão envolvente que não consegui focar no tema. Percebi que Irany não

dava destaque para suas lembranças sobre o Curso Normal pelo fato que não estavam tão acentuadas como aquelas sobre ser professora primária.

Meu objetivo era escutar memórias do seu tempo como normalista, mas a entrevistada destacava principalmente memórias sobre seu tempo de professora primária. Este fenômeno é um risco que corremos quando trabalhamos com a História Oral, pois a entrevista não é um acordo planejado, ela não é neutra, ou seja, ela envolve interesses de quem quer saber e de quem quer contar. Neste caso, os interesses de pesquisa do entrevistador e as memórias que mais importam para o entrevistado, ratificando o que esclarece Portelli (2010), ao afirmar que “[...] encontros em campo muitas vezes são difíceis e conflituosos: o que ‘interessa’ aos ouvidos do pesquisador não coincide necessariamente com o que o narrador tem vontade de contar” (*ibid.*, p. 211).

Mesmo com sua resistência, conduzi a entrevista fazendo perguntas e tentando produzir fontes na medida do possível, tratando a respeito do que me interessava. Finalizei a entrevista com agradecimentos, e, ao desligar o celular, o diálogo continuou de uma maneira mais espontânea, momento em que a entrevistada se colocou à disposição para caso eu necessitasse de mais alguma contribuição.

A terceira entrevistada foi a professora Terezinha, que também foi uma das alunas que encontrei no almoço de confraternização. Comecei a gravar com o aparelho celular, conforme fiz nas outras duas entrevistas, de uma forma discreta. Percebi que o fato de estar gravando não pareceu inibir a entrevistada. O início foi como de praxe, com apresentações. Logo após continuei com meu roteiro de perguntas, que fizeram com que suas lembranças do Curso Normal se acentuassem naquele momento. O ambiente foi apropriado para a entrevista, já que não havia ruídos que afetassem o diálogo, tivemos apenas algumas interrupções simples em função do contexto doméstico.

Durante a entrevista, como as demais colaboradoras, era visível o orgulho que a ex-normalista sentia da Escola Normal Assis Brasil, dizendo muitas vezes que a escola era muito bem conceituada e que acredita que é assim até os dias de hoje. Conforme ia acontecendo o diálogo, percebi que suas memórias e sentimentos de ser normalista estavam bastante presentes. Num gesto espontâneo, durante a

entrevista, Terezinha levantou-se e foi até seu armário, onde pegou um envelope com uma foto que tirou no dia da sua formatura.

Questionei sobre materiais do Curso Normal e mais uma vez não tive êxito, pois, assim como as outras, a entrevistada não guardou materiais do tempo da escola. Terezinha atribuiu a não conservação dos materiais, entre outras coisas, ao clima da região. Além de contar sobre a qualidade que atribui a Escola Normal Assis Brasil, durante a entrevista, Terezinha relatou fatos de sua vida pessoal e profissional, pois estas lembranças também eram relacionadas a ser normalista. A entrevistada finalizou reforçando que o Curso Normal ensinava como transmitir os conteúdos no Ensino Primário, e nos despedimos com agradecimentos, devido à oportunidade do momento que foi válido para ambos.

A última entrevistada, professora Iony, encontrei-a através da sua irmã, conforme já mencionado. Iniciei a entrevista, assim como as outras, gravando por meio de uma apresentação formal, para a identificação da colaboradora.

Iony iniciou a entrevista enfatizando que estudou a vida inteira no IEAB, do jardim ao Curso Normal, e lembrou-se no primeiro momento do estágio que realizou como critério para receber a titulação de professora do Ensino Primário. Continuou a entrevista relatando que teve muitas experiências boas, lembrou-se também das disciplinas de Didática Geral e Didáticas Específicas, aspectos que serão discutidos oportunamente no próximo capítulo.

A entrevistada relatou ainda, que na época trabalhavam muito com material concreto, como o ábaco, porém, também não guardou esses materiais. Finalizou a entrevista lembrando dos professores que teve e de que não tem recordações ruins da escola.

Depois das entrevistas, iniciei as transcrições, que foram demoradas, pois procurei sempre respeitar a fala das participantes e seus modos de expressão. Porém, muitas vezes, a emissão de algum ruído ou até mesmo a forma de expressar-se das entrevistadas fizeram com que eu retornasse várias vezes o áudio para ter certeza que estava sendo fiel na transcrição.

Após transcrever as entrevistas retornei às colaboradoras para entregar-lhes uma cópia da transcrição da entrevista, juntamente com o Termo de Uso de

Entrevista<sup>16</sup>, com a finalidade de receber a autorização de publicação de suas entrevistas transcritas juntamente com a autorização para divulgar o nome das entrevistadas, disponibilizando um tempo necessário para que elas pudessem ler suas entrevistas e fazerem ajustes, caso considerassem necessário.

Depois do tempo estabelecido para que elas fizessem a revisão da transcrição, recebi as versões revistas das entrevistas, que continham pequenas alterações e correções no texto. Uma vez atendidas as solicitações de ajuste, as colaboradoras receberam suas transcrições e, por fim, foi considerado que esses materiais poderiam ser divulgados, além de autorizar-me a identificá-las. Cabe dizer que não houve revisões ou cortes significativos que pudessem prejudicar o objetivo da pesquisa.

Esta etapa é muito importante para uma pesquisa que se realiza com os pressupostos da História Oral. Segundo Alberti (2012), é importante que o pesquisador transcreva com fidelidade as entrevistas. Nesta fase da pesquisa, trazem-se elementos do referencial teórico, produzindo uma reflexão crítica, a partir da qual é possível tanto legitimar os dados quanto compreender a possibilidade contributiva do material coletado em narrativas.

Apresentei para o leitor neste capítulo algumas considerações importantes sobre a metodologia da História Oral, questões relativas à pesquisa de campo, quando realizei as entrevistas com as quatro colaboradoras. No próximo capítulo, farei uma análise das entrevistas realizadas com as ex-normalistas da Escola Normal Assis Brasil e posteriormente o Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968.

---

<sup>16</sup> O modelo do Termo de Uso de Entrevista utilizado encontra-se no apêndice C. E os termos assinados, encontram-se em posse do pesquisador.

### 3. MEMÓRIAS DE UM COTIDIANO ESCOLAR

Neste capítulo apresento, de um modo geral, algumas reflexões a partir do que me foi contado pelas ex-normalistas que entrevistei a respeito do Instituto de Educação Assis Brasil e da Matemática que tiveram na formação de professores primários desta Instituição, no período de 1955 a 1968. Além das questões gerais lembradas por elas, trago a análise de temas específicos, como a estrutura do curso, a avaliação do ensino no período, as metodologias de ensino e outros aspectos das aulas de Didática da Matemática.

No período delimitado da pesquisa tivemos várias mudanças na legislação, uma delas a criação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1961. Devido a essas alternâncias nas prescrições educacionais, é provável que as memórias das entrevistadas difiram a respeito das práticas cotidianas experimentadas na Instituição. Para o leitor compreender melhor as mudanças ocorridas no Curso Normal, trarei, primeiramente, as memórias das alunas que estudaram no primeiro período de estudo da pesquisa, com início no ano de 1955, até a implantação da LDB em 1961, período em que a escola em questão chamava-se Escola Normal Assis Brasil, foi nele que Irany e Terezinha foram normalistas. O segundo período de estudo será a partir de 1962, quando a Escola Normal Assis Brasil passa a ser denominada Instituto de Educação Assis Brasil. Apesar de Marina ter estudado no primeiro período, farei a análise de suas memórias no segundo, devido a ela ter se formado em 1962, e todas as suas lembranças, durante a entrevista, terem se referido a ele, quando foi professora do Curso Normal. Iony, minha última entrevistada, também foi normalista no segundo período e formou-se em 1968.

É importante dizer que as ouvi sem fazer julgamento do que era considerado certo ou errado naquele período. Algumas vezes, elas mesmas fizeram comparações entre seu tempo de estudo e o atual. Isso acontece como efeito dos processos de rememoração, quando elas lembram, por exemplo, no presente sobre as experiências do período escolar atribuindo valores atuais, carregando tal comparação com valores de hoje em diálogo com o que elas acham que foram (HALBWACHS, 1950 *apud* DIAS; RIOS, 2007).

Este tipo de comparação pode ser notado, por exemplo, no trecho da fala de Irany, referente ao corpo docente da escola, quando diz que, no final da década de 50, os professores não apresentavam nada novo, atribuindo este fato à idade deles e afirmando que “no Assis Brasil, não tinha nada de diferente, não tinha mesmo, porque os professores daquela época eram mais idosos” (IRANY, 2018, p. 8)<sup>17</sup>.

O fato de não haver práticas pedagógicas diferenciadas é atribuído pela entrevistada à idade dos professores. Ela ainda menciona que o professor que mais gostava era o mais jovem e esse sentimento fica expresso quando se lembra de suas aulas.

[...] ele sentava na escrivaninha, brincava com a gente, era o mais jovem dos meus professores, ele já era casado e tinha dois filhos. Ele foi dentista e depois foi diretor da Faculdade de Odontologia, nós achávamos um amor, queridinho, o resto tudo era de gente madura (IRANY, 2018, p.8).

O professor que a entrevistada menciona chamava-se Gastão Coelho Pureza Duarte, ele dava aula de Anatomia e foi um professor que marcou a vida escolar delas, pois ele também foi mencionado na entrevista de Terezinha, sendo lembrado como um ótimo professor. Em nenhum momento Irany disse que os outros não foram bons profissionais, mas comentou que não apresentaram coisas novas, devido a terem idades avançadas. Já Terezinha afirma “que o ensino era bom” (TEREZINHA, 2018, p. 6). Irany se lembra do professor Gastão Coelho Pureza Duarte como um bom professor isso pode ser explicado pelo fato de que, para professores mais jovens, o relacionamento com os alunos pode ser mais fácil, em função da proximidade da idade.

Algo que também pode contribuir para que as normalistas o tenham conceituado como um ótimo professor é que ele fazia algumas capacitações profissionais, conforme sua ficha funcional encontrada no acervo do IEEAB. Podemos comprovar a partir de uma portaria de dispensa que lhe autorizava a realizar curso de formação, conforme podemos observar no anexo A, dando vestígios que, possivelmente, deveria realizar atividades diferenciadas em suas aulas, devido aos cursos que realizava. Este, por exemplo, no estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>17</sup> Para me referir às entrevistas, usarei o primeiro nome da entrevistada, de modo a não ser confundida com referências citadas no corpo da dissertação.

Outra personagem marcante na vida escolar de Terezinha foi a diretora Maria da Glória Pancinha de Sá, chamada carinhosamente por alguns de “Dona Maricota”. Ela atuou na direção da Escola Complementar Assis Brasil por mais de 19 anos, dirigindo a instituição de 5 de agosto de 1939 até 31 de dezembro 1959 período em que a escola já denominava-se Escola Normal Assis Brasil. Foi em sua gestão que a escola passou por grandes modificações e mudou-se definitivamente para o seu prédio atual (AMARAL; AMARAL 2007, p.13).

**Figura 4 - Diretora Maria da Glória Pancinha Sá**



Fonte: Galeria de ex-diretores do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil

Conforme o trecho da entrevista com Terezinha, percebemos que, muito mais que dirigir a escola, Dona Maria da Glória Pancinha de Sá preocupava-se com suas alunas, pois, como já dito, muitas vinham de outras cidades.

T- [...] Dona Maria, era ótima, era maravilhosa. A dona Maria era diretora e, sabe, ela era uma diretora que não tinha vergonha de nada. Naquela época, nós tínhamos 17 anos, e acho que existia um curso de 2º grau, também, e ela entrava no banheiro dos meninos e tirava os meninos de lá de dentro.

V - Ah é?

T - É, uma diretora como a gente chamava antigamente, “faca na bota”.

V - Faca na bota!

T - Ela era, sim! Mas ela era uma pessoa muito compreensiva, eu me lembro muito bem dela (TEREZINHA, 2018, p. 2)

A expressão “faca na bota”, utilizada pela entrevistada, refere-se à maneira determinada e decidida com que dona Maria da Glória Pancinha de Sá dirigia a escola. A entrevistada ainda lembrou que, um dia, conversando com a diretora, a mesma lhe disse:

T- [...] tu estudas e frequentas as aulas, porque eu sou capaz de ir em qualquer lugar pegar minhas alunas [...], porque eu sei que meninas andam frequentando lugares que não devem, eu sou capaz de ir buscar. Era uma diretora que se preocupava com a gente, hoje eu vejo a preocupação que ela tinha conosco, de cuidar dessas meninas que vinham de outras cidades, deslumbradas com Pelotas (TEREZINHA, 2018, p.6).

Mesmo que não tenha sido mencionada pelas entrevistadas, a diretora Ruth Lamas Ribeiro, que assumiu a direção da escola logo após a aposentadoria de dona Maria, também foi alguém marcante. Sua gestão foi no período de 1959 a 1965, e, durante ela, a Escola Normal Assis Brasil passou a denominar-se Instituto de Educação Assis Brasil (AMARAL; AMARAL 2007, p.15).

**Figura 5** - Diretora Ruth Lamas Ribeiro



Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil

A diretora Zilda Morrone, mencionada por Marina, foi mais uma das pessoas inesquecíveis do IEAB. Ela dirigiu a escola de 1966 a 1975, sendo a quinta diretora desde a sua inauguração, em 1929.<sup>18</sup>

**Figura 6 - Diretora Zilda Morrone**



Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil

Conforme Marina, a direção da professora Zilda Morrone foi marcada por importantes transformações no que se refere aos recursos didáticos da época, como o mimeógrafo, que estava surgindo. Este fato é lembrado pela entrevistada ao afirmar que a diretora “proporcionava tudo que tu quisesse” (MARINA, 2017, p. 1), referindo-se aos materiais pedagógicos para dar aula, já que Marina foi aluna e, nesse período a que se refere, atuou como professora.

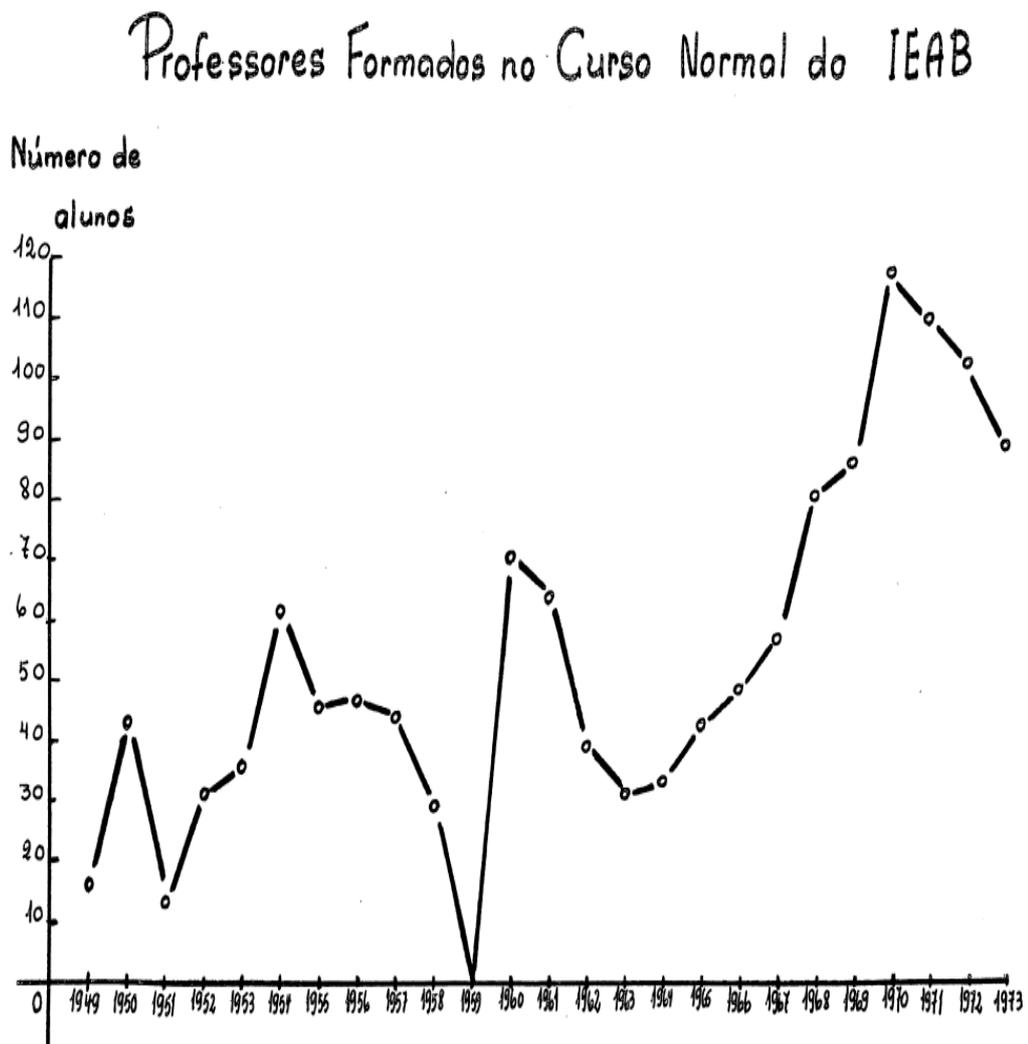
Uma questão marcante para Terezinha é que as turmas do Curso Normal eram grandes, sendo de aproximadamente 60 alunas. Além da memória de Terezinha, outro indício de que as turmas eram grandes é um trabalho de pesquisa realizado pelas normalistas quando se extingue o Curso Normal, no ano de 1974,

---

<sup>18</sup> Lista de diretores: Professor Emilio Martins Böeckel (1929-1935), Professora Margarida Pardelhas (1936-1939), Professora Maria da Glória Pancinha de Sá (1939-1959), Professora Ruth Lemos (1959-1965), Professora Zilda Morrone (1966-1975).

mostrando dados estatísticos do número de normalistas formadas nos anos de 1949 a 1973, conforme podemos observar na figura a seguir:

**Figura 7 - Professores formados no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil**



Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, f. 8.

Como podemos observar na figura acima, o número de formandas do Curso Normal é aproximado com o número de normalistas que Terezinha lembra que havia

por turma no período, exemplo disso é que no ano anterior ao seu ingresso no Curso Normal, formaram-se 60 normalistas, exatamente o número de alunas que Terezinha lembrou. Já durante o seu período de estudo na Escola Normal Assis Brasil, as turmas de normalistas também mantiveram essa média de alunas, oscilando próximo a 50 alunas, conforme vimos na figura 7. Confirmando que havia bastante procura pelo curso na época. Outro fato que instiga curiosidade é que, no ano de 1959, não houve formandas, conseqüentemente, não houve turma em 1957. Não é possível confirmar esta hipótese, devido a não terem sido encontrados diários de classe no acervo relacionado ao período.

Terezinha lembra que o Curso Normal tinha a característica de fazer com que as pessoas convivessem melhor, o que ela menciona é uma consequência de no currículo do Curso Normal haver disciplinas voltadas à área das Ciências Humanas. Entre elas Psicologia Educacional, Sociologia Educacional, Higiene e Educação Sanitária (BRASIL). Outra lembrança de Terezinha, de seu tempo de normalista, é que ela sempre participou de atividades esportivas no IEAB. Seu gosto fez com que cursasse a faculdade de Educação Física na capital do estado, posteriormente. A partir das leituras realizadas é possível perceber que o esporte foi algo marcante no IEAB, Terezinha lembra, ainda, que “no Assis Brasil era um uniforme lindo quando eu jogava vôlei, vermelho, marinho e branco. Muito bom!” (TEREZINHA, 2018, p. 6). Quando a questioneei se ela gostava mais de Educação Física ou Matemática, Terezinha menciona que:

T - Olha, eu gostei sempre de Educação Física e Matemática, muito, até me arrependi. Não, não é me arrepender, porque eu poderia ter feito Matemática, era uma disciplina que depois de aposentada poderia continuar trabalhando. Apesar que, até hoje, eu larguei ano passado a prática de esporte (TEREZINHA, 2018, p. 9).

Vemos a importância que a entrevistada dá para a disciplina de Matemática quando afirma que se arrependeu de não a ter cursado. Fica claro que, na visão de Terezinha, a Matemática poderia seguir sendo sua fonte de renda após se aposentar. Em se tratando da Matemática no Curso Normal no período de Irany, o primeiro, ela lembra que a disciplina era voltada para ensinar a dar aula, não era uma Matemática preparatória para ingresso na faculdade, conforme o trecho de sua entrevista:

I - O Normal era só para dar aula, com o Normal tu não fazias Agronomia, Odontologia ou Medicina, com o Normal tu não fazias vestibular. Um grupo de colegas que tiraram Odontologia iam [se matricular] direto para o Científico, era mais puxado (IRANY, 2018, p. 8).

O que a entrevistada está informando refere-se ao momento que a educação brasileira vivia, a partir do Decreto-Lei 4.244, de 9 de abril de 1942 que normatizava o ensino, sendo ministrado em dois ciclos: o primeiro compreendia o Curso Ginásial e o segundo era dividido em dois cursos paralelos, o Clássico e o Científico. O primeiro ciclo tinha a duração de quatro anos e o segundo de três.

O Curso Clássico era voltado para um conhecimento melhor da Filosofia, já o Curso Científico abrangia um conhecimento mais detalhado das ciências. O Curso Normal, que era responsável pela formação de professores primários, não foi contemplado pelo decreto mencionado no parágrafo anterior, mas, no Brasil, em 1946, foi criada a Lei Orgânica do Curso Normal, que normatizou a formação de professores, até a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no ano de 1961.

A Lei Orgânica do Curso Normal também dividiu o curso em dois ciclos, sendo que o primeiro formava regentes de ensino primário, com duração de quatro anos, e o segundo era destinado ao curso de formação de professores primários, e tinha a duração de três anos. Irany lembra que “quem tirou o ginásio, quem tirou faculdade, que aí vai pro ginásio, aí sim era bem forte a Matemática, mas pra quem ia dar aula até a 4ª série não era” (IRANY, 2018, p.2).

Já sua irmã, que estudou no segundo período, dez anos depois, disse que teve alguns problemas com a Matemática, dando uma pista de que a disciplina existia neste período. Isso pode ser confirmado quando cruzamos as informações com os diários escolares do Curso Normal do segundo período da pesquisa, conforme veremos nas figuras 9 e 10, dando indícios de que, no período de dez anos, houve mudança na estrutura do Curso Normal. Ou pode ser também que Irany não se lembre realmente da disciplina de Matemática.

Terezinha, que estudou no mesmo período de Irany, diz que “[...] no Normal tu voltavas pra Matemática, de como ensinar Matemática, como fazer somar, como fazer a dezena, a centena. Os conceitos básicos, é isso que eles ensinavam na Matemática” (TEREZINHA, 2018, p. 14). Ainda sobre as memórias das aulas de Didática da Matemática no Curso Normal, época em que Terezinha estudou, ela

lembra que os professores traziam problemas para elas resolverem, conforme podemos observar a seguir, no trecho da sua entrevista:

T- Alguma coisa, assim, por exemplo, eles traziam problemas em sala de aula pras alunas resolverem, e tu ensinavas: por que o aluno não aprendia a dividir na Matemática? Por que não aprendia a dividir? Por que não aprendia a tabuada? Eles não sabiam, como vou te dizer... manual, não. Tinha que fazer cinco cubinhos, tu tens cinco coisas, mais cinco, olha aqui, muda aqui, muda ali. Eles faziam esta parte de explicar, tanto que todo mundo, depois que nós saímos do Normal, pra lecionar em qualquer outro lugar tinha que ter Didática, se não tivesse Didática, o professor não era contratado (TEREZINHA, 2018, p. 4).

No parágrafo anterior, vimos que, na disciplina de Didática da Matemática, segundo as memórias de Terezinha, eram trabalhadas questões de problemas, assim como o porquê de os alunos não conseguirem resolvê-los. Então, para auxiliar no conteúdo, eram confeccionados materiais que serviam para as normalistas darem aulas no ensino primário.

Analisando as entrevistas de Terezinha e Irany, percebi que a primeira se lembra dos materiais que eram confeccionados. A outra não se lembra da confecção de materiais, pois afirma que “[...] não tenho recordação da Matemática, coisa pra passar pra criança... nenhuma. Fico triste de dizer isso, mas não tenho nada que me lembre na escola [...]” (IRANY, 2018, p.9). Por um lado, Irany e Terezinha dizem que a Matemática era só para ensinar como dar aula para as crianças, mas, durante a entrevista, Terezinha nos dá vestígios que existia Matemática como disciplina, conforme podemos ver no trecho de sua entrevista:

V - E no Curso Normal, a senhora tinha a Matemática e a Didática da Matemática?  
 T - Tinha a mesma coisa.  
 V - Era junto Matemática e Didática?  
 T - Não, Didática era Didática e Matemática era Matemática (TEREZINHA, 2018, p. 8).

Uma das hipóteses é a de que Irany pensou que a Matemática ensinada era apenas para trabalhar com as crianças, já que ela considera tudo a mesma coisa. Outra hipótese é que ela não se lembra da Matemática porque não dava tanta importância à disciplina, ou, ainda, poderia não ter dificuldade com a matéria, por isso, não lembra. Cabe salientar ao leitor que são conjecturas, pois há uma contradição entre as memórias das entrevistadas.

Como já dito, o segundo período foi quando a Escola Normal Assis Brasil passou a denominar-se Instituto de Educação Assis Brasil, período em que, segundo Marina e Iony, havia Matemática no Curso Normal. Porém, é importante dizer que a escola foi modificada pela legislação. Iony estudou no IEAB por quase uma década, lembrando que tinha pânico de Matemática. Quando questionei sua memória a respeito, enquanto aluna, ela mencionou que era “péssima, péssima! Eu odiava Matemática, odiava a Matemática!” (IONY, 2018, p. 8). Como não ficou claro se ela estava referindo à disciplina de Matemática ou à Didática da Matemática, perguntei para tirar esta dúvida, e entendi que ela estava se referindo à Matemática, conforme trecho a seguir:

V - E passavam Matemática [...] ou Matemática para ensinar para as crianças?

I - [...] Tinha uma parte que era das crianças, como te digo, como tu iria trabalhar com as crianças, tal assunto, mas a Matemática em si, eu fui uma aluna muito fraca sempre em Matemática, eu tinha medo de Matemática [...] (IONY, 2018, p. 9).

Como tive acesso aos Diários de Classe do Instituto de Educação Assis Brasil, no período que Iony fez Curso Normal, busquei nos documentos oficiais registros das disciplinas citadas pela entrevistada, para ficar claro ao leitor qual era a diferença entre a disciplina de Matemática e a Didática da Matemática.

**Figura 8** - Diário de Classe da Disciplina de Matemática do Curso Normal do ano de 1967.

Disciplina <u>MATEMÁTICA</u>	<b>Instituto de Educação "Assis Brasil"</b>
Mês <u>SETEMBRO</u> de <u>1967</u>	<b>PELOTAS</b>
Turma <u>única</u> Turno <u>1º</u>	<b>DIÁRIO DE CLASSE</b>
Especialização em <u>1º ano</u>	<b>CONVENÇÃO: PRESENÇA (PONTO). FALTA F</b>
Professor <u>CECY SACCO</u>	

Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, f. 15

A figura extraída do Diário de Classe do acervo do IEEAB nos mostra que, no Curso Normal, as disciplinas de Matemática e Didática da Matemática eram ministradas separadamente. A próxima figura, extraída igualmente dos Diários de

Classe do acervo do IEEAB, reafirma esta hipótese, conforme também foi mencionado nas memórias da Iony.

**Figura 9** - Diário de classe da disciplina de Didática da Matemática do Curso Normal do ano de 1967.

Disciplina <u>DID. DA MATEMÁTICA</u>	<b>Instituto de Educação "Assis Brasil"</b> PELOTAS <b>DIÁRIO DE CLASSE</b> ✓ CONVENÇÃO: PRESENÇA (PONTO), FALTA F
Mês <u>SETEMBRO</u> de <u>1967</u>	
Turma <u>única</u> Turno <u>1ª</u>	
Especialização em <u>1º ano</u>	
Prof. <u>RICARDINA V. LOPES</u>	

Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, f. 17.

Além de ser possível afirmar a existência da Matemática e da Didática da Matemática no Curso Normal, a partir do segundo período, cabe salientar que nenhuma das professoras que ministraram as disciplinas foram mencionadas pelas entrevistadas, ainda que outros personagens marcantes tenham sido lembrados, como dito anteriormente nesta dissertação.

A seguir, abordarei como era a estrutura do Curso Normal, o que analisei nas entrevistas, ou seja, como as professoras que fizeram o curso avaliam o ensino de sua época de estudo, e como era a Matemática e as práticas pedagógicas do passado.

### 3.1. ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO

Começo este tópico fazendo um levantamento de algumas disciplinas que as entrevistadas lembraram sobre o Curso Normal, no período delimitado de estudo. Uma disciplina marcante para Irazy foi Anatomia, ela diz que "Anatomia eu gostava muito" (IRANY, 2018, p. 1). Anatomia também foi marcante para Terezinha, pois ela se lembrou da disciplina relacionando-a ao Professor Gastão Pureza Duarte, que foi bem conceituado na visão delas, conforme comentado no tópico anterior.

No trecho da entrevista de Terezinha podemos identificar outras disciplinas marcantes:

Algumas disciplinas eu lembro ainda, existia Física, que nunca aprendemos nada. Isso é verdade! No Normal, muita pouca noção de Física. Existia a professora Ismênia, a baixinha da Biologia, esta foi boa, Dr. Gastão dava Anatomia, ótimo professor. Agora não me lembro o de Português, mas todos eram bons professores [...] (TEREZINHA, 2018, p. 1).

Terezinha atribui não ter aprendido o conteúdo de Física ao fato de não existir no currículo do Curso Normal a Didática de Física. “Eu aprendi pouquíssimo de Física, tanto que tive que estudar Física pra fazer vestibular, na minha lembrança não tinha Didática em Física” (TEREZINHA, 2018, p.3). Esta lembrança nos mostra a importância das disciplinas de Didática no Curso Normal, pois ela diz que aprendia o conteúdo quando havia Didática. Não encontrei no acervo do IEEAB a ficha funcional da professora Ismênia, citada pela entrevistada, o que não me permite assim avaliar sua formação continuada, como foi feito com o professor Gastão.

Outras disciplinas lembradas pelas entrevistadas foram: Português, Matemática, Biologia, Religião, Sociologia, Física, Literatura, Psicologia, Educação Física, Cultura Geral, Didática Geral e Didáticas Específicas, como Linguagem da Língua Portuguesa, Didática da Matemática, Didática das Ciências e Didática de Estudos Sociais. Algumas disciplinas estão mais acentuadas nas memórias das entrevistadas do que outras, possivelmente existiram mais disciplinas no Curso Normal que não foram lembradas pelas colaboradoras. Das disciplinas mencionadas, as didáticas eram as mais cobradas, conforme fala Terezinha: “[...] a Didática era a pior, todos os anos, tanto é que o nome da palavra é Didática, Didática mesmo, e tinha que ser aplicada em outras disciplinas, tanto é que se tu não passavas em Didática, tu não passavas no curso” (TEREZINHA, 2018, p. 3).

Conforme as colaboradoras que fizeram o Curso Normal no segundo período, nas didáticas, elas aprendiam a confeccionar materiais para trabalhar com as crianças em suas aulas de estágio. Ao tratar destas aulas, Terezinha lembrou que faziam pequenos estágios, diferente do que chamam de estágio atualmente, e que, na época em que era normalista, elas davam aulas de curta duração para as turmas do ensino primário da Escola Normal Assis Brasil. Estas não eram ministradas durante todo o dia, era entregue um conteúdo e, a partir dele, as normalistas aplicavam as aulas. Terezinha lembra que ministrou “duas aulas, a gente se

preparava para dar aula de frente a uma comissão julgadora” (TEREZINHA, 2018, p.7). Durante estas aulas, elas eram avaliadas pelo professor de Didática e mais dois profissionais, que faziam parte de uma comissão julgadora. Explicando sobre como funcionava o estágio em seu período de normalista, ela conta:

T - Houve pequenos estágios, só pequenos estágios. Não foi assim, dar seis meses de aula, nem três meses, eram pequenas aulas avaliadas pelo professor de Didática e uma comissão. Eu nem me lembro, acho que dei duas aulas, a gente se preparava para dar aula de frente a uma comissão julgadora.

V - Eu fiz meu Curso Normal em Bagé, e era um professor que olhava essas microaulas, não era uma comissão julgadora.

T - Nós éramos três e a gente tremia. Agora tu falaste nisso e eu me lembrei, a gente estava tremendo lá no Assis Brasil para fazer uma aula dessas. Não sabia quem era a comissão julgadora, mas nós não fazíamos assim com professor, todo o dia essas aulas, eles explicavam na aula ou para o grupo inteiro, o grande grupo, mas nunca pegavam individual para tu fazer.

V - Para preparar a aula?

T - Não, tu tinhas que procurar aprender, se tu não ias lá na comissão, tu não passavas. Ninguém queria rodar, não é?

V - Sim, claro.

T - E tinha esse conceito também, principalmente, o meu grupo que era tudo de fora, ninguém queria rodar, mas a gente não fazia estágio como se faz hoje (TEREZINHA, 2018, p. 7).

O que Terezinha diz, ao se lembrar do estágio no IEAB, é que ele foi bem mais curto no período que foi normalista, comparando com a mudança na forma de fazer estágio, e essa alteração no estágio foi posterior ao período que se formou. É possível que ela tenha recebido estagiárias por um período de tempo maior quando começou a lecionar, por isso faz a comparação.

Irany, que estudou no mesmo período de Terezinha, não se lembra das “pequenas aulas”, pois para Terezinha, aquelas “pequenas aulas” eram como uma substituição do estágio, já para Irany era uma atividade da disciplina, não a interpretando como um estágio. Uma estratégia possível para analisar se houve ou não estágio no primeiro período, seria buscar nos Diários de Classe do acervo do IEEAB registros da disciplina, porém não consegui encontrá-los. Suponho que foram danificados no incêndio que a escola sofreu no ano de 1970 (AMARAL; AMARAL, 2007).

Como Terezinha não teve um estágio de duração de seis meses, como passou a ser usual, ela acredita que não houve estágio, e sim uma simulação de aula, supervisionada por professores avaliadores. Irany também acredita que não houve o estágio, mas elas dizem isto de formas diferentes. Terezinha afirma o

mesmo, se referindo ao modelo atual, porém ocorreu uma prática que julga ser estágio. Irany sequer reconhece esta prática como estágio, ela não interpreta aquelas “pequenas aulas” desta forma, ou seja, ambas afirmam que não havia estágio no primeiro período. O que havia, conforme menciona Terezinha, eram atividades para a avaliação do modo de dar aula.

Nos dois casos, é possível afirmar, a partir do que elas dizem, que não havia estágio como uma atividade fora do Curso Normal com crianças, pois estas intervenções pedagógicas eram realizadas com os próprios alunos da Escola Normal Assis Brasil. Irany, de modo diferente de Terezinha, afirma que, quando fez o Curso Normal, não havia estágio, e que saíam direito para uma sala de aula, chegando a mencionar que fez estágio, mas referindo-se ao probatório, que trata da aprovação num concurso público, quando foi designada para a Escola Municipal Luiz Pena Fiel na Cascata<sup>19</sup>.

I - [...] fiz três anos de estágio, dois anos no Capão do Leão, pelo estado, e no município, nesse que eu te disse, perto da Cascatinha, Luiz Pena Fiel. Logo eu peguei o Ondina Cunha, aqui na Gonçalves Chaves, que é ali perto da Delegacia de Ensino, quando eu casei a gente vinha pra cidade, então, aí eu peguei ali. Mas hoje ninguém mais faz estágio pra ir pra fora como eu ia, acabou.

V - Este estágio que a senhora está dizendo é o do concurso?

I - Sim, é.

V - Anteriormente, se eu não estou enganado, quando se fazia um concurso público, te mandavam para zona rural para fazer estágio.

I - Sim, e, às vezes, nesse concurso do estado, tinha gente que pegava cidade até no norte do Rio Grande do Sul.

V - No concurso do estado?

I - Do estado.

V - Então, no Curso Normal, não tinha na sua época o estágio, vocês não davam microaula?

I - Não, aquilo que apareceu de fazer estágio, não. Eu, lá no Ondina Cunha, aqui na cidade, quando eu casei, peguei muita estagiária, tiravam o Normal, dentro da cidade. Eu peguei no Ondina Cunha muita estagiária, iam lá fazer o estágio pra poder receber o diploma. Elas davam aula por seis meses e depois recebiam o diploma (IRANY, 2018, p. 7).

Irany reforçou que, em seu período de estudo, não havia estágio, mas, posteriormente, passou a ter.

Fazendo uma comparação das entrevistas de Terezinha e Irany, percebi que a primeira se lembra de que confeccionavam materiais e que tinham pequenas aulas de estágio. Irany não se lembra destes materiais, e tampouco das aulas de estágio.

<sup>19</sup> Cascata é um distrito do município de Pelotas. O distrito possui cerca de 3.000 habitantes e está localizado na região sudoeste do município, fazendo divisa com os outros distritos Pelotenses.

Esta comparação das memórias das entrevistadas faz-se necessário para entendermos a estrutura curricular do Curso Normal no período da pesquisa, quando fica claro para o leitor que, no primeiro período, as normalistas não faziam o estágio curricular de seis meses, já as normalistas que fizeram Curso Normal no segundo período tiveram estágio nessa modalidade.

Outro indício que existiu estágio no segundo período foi o trabalho de pesquisa realizado pelas normalistas quando se extingue o Curso Normal, no ano de 1974, sendo mencionado durante uma entrevista com a Diretora Zilda Morrone, que o estágio curricular começou em 4/4/1960. Outro indício que ainda pode comprovar a existência do estágio no segundo período é a reportagem do jornal Diário Popular, estando no anexo B<sup>20</sup>, no qual anuncia que o estágio é a nova meta atingida pelo Instituto de Educação Assis Brasil. Marina, que também foi professora no IEAB, afirma que “[...] O curso era três anos e o estágio seis meses, tu não tinhas o título se tu não fizesses o estágio” (MARINA, 2017, p.7), ou seja, as normalistas faziam estágios curriculares como requisito obrigatório para a obtenção do título de professora do Ensino Primário. A própria professora Irany chegou a supervisionar, conforme ela lembrou parágrafos acima, e Terezinha também mencionou que não era um estágio de seis meses, o que sugere que, provavelmente, ela recebeu estagiária, pois ela própria não lembra de ter tido essa experiência.

Segundo informações do jornal, o estágio foi um requisito obrigatório, devido à lei 2588 de 25/1/1955, e proporcionava às normalistas a realização de suas práticas de regência de classe, aprendidas no Curso Normal, num período de seis meses.

Iony lembrou especificamente de sua turma, de quando realizou estágio. Período que, segundo ela, lhe trouxe experiência, pois ela se dá conta que existe uma relação complexa no sistema educativo entre o que o programa educacional pede e a realidade do aluno.

I - Eu fiz estágio numa vila muito pobre, chamava-se Vila dos Agachados, no fim da Avenida Bento Gonçalves, hoje é o Condomínio Village. Era apenas uma peça de madeira, um chalé grande dividido em quatro partes, e a casa, a casinha do guarda, ficava a uns dez metros, dez passos do colégio. Era uma vila muito perigosa, e a vivência daqueles alunos não tinha, para mim, nada a ver com problemas de Matemática. O que eu poderia desenvolver numa 2ª série como prova do meu estágio? Os alunos

---

<sup>20</sup> A reportagem anunciada encontra-se na contracapa do jornal Diário Popular referente ao nº 243, ano 79, de 17 de junho de 1969.

pediam coisas na rua, eles pediam comida e pediam dinheiro, então, eles tinham muito mais experiência do que aquilo que eu passaria para eles.

V - Sim.

I - A respeito de troco, especificamente, lembro que pretendia ensinar as crianças com dinheiro, e eu me lembro que falei, nesta ocasião, com minha orientadora, e disse para ela exatamente isto que estou te dizendo, que eu me sentia até, assim, até abobalhada, que eles sabiam muito mais do que aquilo que estava no planejamento. Eu perguntei se eu podia ir além, ela me disse: não.

V - Não podia ir além daquilo que estava no conteúdo?

I - Que eu tinha que seguir o programa. Foi a primeira decepção, porque eles sabiam muito, muito mais, pelas vivências. Achei, assim, sabe, aquilo me marcou, sabe.

V - Sim.

I - Eles tinham muito mais pra dar do que aquele planejamento ali, mas era um estágio, eu tinha que fazer, não é?

V - Claro.

I - Gostasse ou não gostasse, não é, Vinícius?

V - Era o estágio pra ter o diploma de professora?

I - Diploma de professora (IONY, 2018, p. 2).

No segundo período, Iony nos remete a um debate sobre como utilizar ideias e concepções prévias do aluno na sala de aula. Ela relata a frustração de não poder trabalhar o que acreditava ser importante, de acordo com a realidade dos alunos, como o sistema monetário, conteúdo em que não pode avançar, devido às normas vigentes da época.

Essas normas vigentes vinham do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais<sup>21</sup> (CPOE) que, segundo Fischer e Rios (2018) tensionava as professoras primárias a realizarem o que estava no programa e, conseqüentemente, isso repercutia na atuação delas junto às estagiárias, que deveriam aprender a ser professoras de acordo com o que orientava o CPOE. Ainda que tal consideração não se referisse à formação das normalistas em Pelotas, considero que a afirmação da entrevistada reforça esse entendimento.

O CPOE utilizava como mecanismo de controle do que era feito no ensino primário gaúcho as chamadas “provas prontas”<sup>22</sup>, esse mecanismo era a partir da elaboração de uma prova feita pelo CPOE, aplicada, aos alunos no final do ano letivo como critério para aprovação. Nesse sentido é que pode-se entender a

<sup>21</sup> O CPOE, era um órgão da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, que atuou no período de 1943 a 1971 (FISCHER; RIOS; 2018).

<sup>22</sup> Tratava-se de um sistema de avaliações anuais com o objetivo de diagnosticar a realidade educacional e aperfeiçoar o sistema primário de ensino. Estas provas não condiziam com a realidade do ensino, já que era uma única prova para todo o Rio Grande do Sul, causando problemas no que diz respeito a interpretação (FISCHER, 2005).

preocupação da “orientadora” do estágio que Iony cumprisse exatamente o programa, também produzido por esse sistema.

Temos com isso uma indicação clara da pressão que existia por parte do CPOE para que os alunos do ensino primário alcançassem certos padrões educacionais. A pressão era tão significativa que, como explica Fischer (2005), os resultados desta avaliação também serviam para definir a promoção na carreira dos professores do Estado.

De fato, tudo isso constituía-se como um poderoso instrumento de controle e praticamente subordinava todas as demais atividades do ano. Algumas entrevistadas chegam a declarar que seu planejamento se restringia a seguir pormenorizadamente o “Programa”. Havia a certeza absoluta que dali derivavam as famosas questões (*ibid.*, p. 162-163).

As normalistas precisavam cumprir no estágio o que determinava o Programa Experimental e as outras recomendações do CPOE, e, inclusive, isto foi um aspecto negativo para Iony, causando-lhe frustração. As estagiárias do IEAB, na experiência de Iony, não tinham autonomia para dialogar entre teoria e realidade, tudo era regrado pelas orientações recebidas pela professora que estava supervisionando o estágio que, como é de se esperar, também estava submetida às orientações e pressões do CPOE. Assim é que podemos justificar a atitude dela ao não aceitar que a estagiária adaptasse o conteúdo à realidade escolar. Percebo que Iony tentou, enquanto normalista, não apenas utilizar os conhecimentos prévios dos alunos, mas ir além do que estava pré-determinado. Porém, como já explicamos, foi orientada a não avançar, pois outros conteúdos não estavam no planejamento, conseqüentemente não caíam na prova, e, como ela estava no estágio, relata que “[...] mas era um estágio, eu tinha que fazer [...]” (IONY, 2018, p. 2).

O que Iony está se queixando com essa memória é da sua dificuldade de lidar com aquelas regras, por reconhecer que elas não favoreciam a aprendizagem do aluno. A entrevistada teve de lidar com a decepção, por não poder trabalhar outros conteúdos de maneira mais próxima da realidade escolar. Ela sabia que, ao assumir uma turma, considerava que passaria a ter esta autonomia, e, portanto, poderia trabalhar seus conteúdos de um modo diferente, conforme podemos observar no trecho a seguir:

V - E este sentimento de decepção passou?

I - Passou. Encarei como uma coisa que estava dentro do estágio, era uma previsão feita pela, caso, minha orientadora, era ela que orientava o estágio e ela tomou esta atitude, tudo bem (IONY, 2018, p. 8).

Na entrevista de Iony não foi mencionado explicitamente as provas vindas do CPOE, mas Marina, que foi professora no segundo período desta pesquisa, lembrou-se delas:

M - Do currículo, inclusive naquela época o Centro de Pesquisas e Orientações do Estado, CPOE, que mandava parte de Ciências, eu não me lembro, assim, exatamente como era, mas tinha estágio de experiências que as alunas tinham que fazer a parte prática por ano, e, naquela época, as provas vinham de Porto Alegre, lacradas como no ENEM. Entendesse?

V - Interessante.

M - Essas provas vinham de Porto Alegre.

V - Sim, vinham da secretaria?

M - Sim, e de Porto Alegre (MARINA, 2017, p.3).

Marina, afirma que no segundo período as estagiárias tinham que cumprir o programa vindo do CPOE tratando essas orientações do sistema de ensino de forma natural, o que nos leva a pensar que para sua turma tal prática já estava bem mais consolidada, a ponto de não produzir muito estranhamento entre as normalistas.

Assim, o que se pode concluir em relação à estrutura curricular no IEAB é que existiram duas ações que podem ser entendidas como práticas de ensino, a do primeiro período, que eram as “pequenas aulas” dadas pelas normalistas, realizadas dentro da disciplina de Didática, onde havia uma comissão que avaliava as aulas que eram dadas para os alunos que estudavam na própria Escola Normal Assis Brasil, e a do segundo período, que foi a mudança do modo de fazer o estágio da Escola Normal Assis Brasil, quando a escola passa a ser denominada Instituto de Educação. Com esta mudança, o estágio passa para seis meses, e feito em escolas fora do IEAB, sendo que, todas as entrevistadas receberam alunas estagiárias e reconhecem que isto passa a ser uma modalidade oficial, um novo jeito de fazer estágio na Instituição.

### **3.2. MEMÓRIAS DO ENSINO DA MATEMÁTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORA PRIMÁRIAS**

Neste tópico, abordarei especificamente sobre o ensino da Matemática na formação de professores primários, por ser objetivo central dessa pesquisa, ou seja,

produzir e analisar fontes históricas a partir de narrativas desenvolvidas em situações de entrevistas que versaram sobre a formação matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968. Antes, quero mencionar as condições de ensino do IEAB, em geral, que me foram contadas pelas entrevistadas, além das condições de controle e regras da Instituição e que relações elas estabelecem entre o que aprendiam e o que ensinavam após formadas.

No trecho a seguir da entrevista de Irany, fica claro sua percepção sobre o ensino que teve na época, no Curso Normal:

V - Mas como a senhora avalia, que definição a senhora daria naquela época como era o ensino?

I - Olha, como eu não sei o atual, mas valeu. Agora, quando entrávamos numa sala de aula formada, víamos que a coisa era assim, meio chocante, vinha, assim, dividido o que tu podias dar (IRANY, 2018, p. 5).

Sua expressão ao dizer que o ensino “valeu” pode ser interpretada como uma lembrança positiva, mas este excerto da entrevista indica que as memórias relativas ao ensino que teve não trazem elementos muito explicativos da experiência da entrevistada. Já na entrevista de Terezinha, ao questionar sobre a avaliação que fazia do ensino na sua época de normalista, período que coincidiu com o de Irany, ela responde que “foi excelente”, o que reforça que Terezinha tinha o IEAB em alta conta. Como já mencionado, ela preferiu que as filhas viessem estudar no Instituto, quando considerou que “lá [na capital] era ruim, que o ensino estava mais fraco, e eu não tinha pulso suficiente” (TEREZINHA, 2018, p. 5), foi quando decidiu voltar a morar em Pelotas para suas filhas estudarem no IEAB.

Em relação às memórias de Marina, sobre o ensino na instituição, lembrei de que quando fui agendar a entrevista, ela me disse que o ensino no IEAB era ótimo. Então, fiz o seguinte questionamento:

V - A Senhora me falou que o Curso Normal era ótimo e a senhora avalia com essas palavras o ensino do curso na época?

M - Excelente. Prova é que os professores que tu recebes que tem Pedagogia, mas não tiraram magistério, a diferença é grande (MARINA 2017, p.4).

A entrevistada, que exerce função em uma escola da rede particular de Pelotas, misturou componentes da época que foi professora com a realidade de hoje quando compara a diferença entre as professoras que fizeram o Curso Normal e as

que possuem somente a graduação em Pedagogia. Porém, fica claro que ela considera o Curso Normal excelente, tanto hoje quanto no tempo em que foi professora do IEAB.

Historicamente existem dois cursos responsáveis pela formação de professores primários, a formação em nível médio, na modalidade oferecida no Curso Normal, e a formação de nível superior. As escolas normais possuem um caráter de disciplinas com formação geral e profissional, as disciplinas com formação geral referem-se aos conteúdos a ensinar e as disciplinas com formação profissional referem-se às ciências da educação (VALENTE, 2017).

No caso da formação realizada no nível superior tem uma nítida separação entre os saberes de formação geral e aqueles profissionais. Considerando os saberes de formação geral, eles são ministrados no curso secundário; assim, a formação em nível superior, lançando mão das ciências da educação, e suas cadeiras disciplinares, encarrega-se dos saberes profissionais (BORER, 2009, *apud*, VALENTE 2017).

Marina comparou a diferença das professoras formadas em Curso Normal e as que são formadas em nível superior, dando indícios que o Curso Normal prepara mais para o contexto escolar, uma conjectura que pode ser observada, pela fala de Marina, é que essa diferença possivelmente é devida o Curso Normal possuir um currículo com mais disciplinas voltadas a ciências da educação, já na graduação existe um currículo mais voltado aos saberes a ensinar (VALENTE, 2017).

Já Iony, ao ser questionada sobre o Curso Normal, diz o seguinte:

V - E como que senhora avalia a estrutura do curso, o ensino do curso, naquela época?

I - Maravilhoso, maravilhoso!

V - Avalia positivamente, então?

I - Maravilhoso! Tomara que continue tão bom quanto era! (IONY, 2018, p. 7).

Avançando sobre as memórias relativas à avaliação das ex-normalistas, a respeito do IEAB, um fato importante é sobre o controle que a direção tinha do trabalho dos professores, como se nota no trecho narrado por Terezinha, ao se lembrar da realização de uma prova:

T- Até me lembro de um professor de Psicologia que veio, acho que no 2º Normal, era de Rio Grande, e ele chegou e veio fazer prova, passou cinco perguntas no quadro. Era prova e a dona Maria entrou na sala de aula, olhou e disse: professor, quer se retirar da sala de aula? Aquela diretora era assim, era diretora mesmo. Ela dizia: porque isto não é pergunta que se faça para uma turma de estudantes, o senhor vai lá no gabinete e escolhe duas perguntas difíceis, duas fáceis, duas médias ou uma fácil, tem que

dosar e isso aí não está dosado. E ele teve que sair da sala de aula, nós ficamos esperando e ele voltou com as perguntas, ele colocou cinco perguntas difíceis (TEREZINHA, 2018, p. 2).

A diretora da época, dona Maria, possui uma imagem na memória da entrevistada de profissionalismo e respeito, mas não só isto. Temos, nesse trecho, também a indicação de uma direção autoritária naquele período, ainda que pudesse ser justificado em função de questões metodológicas relacionadas à avaliação, quando a entrevistada lembra que era preciso “dosar” as questões.

Pode-se notar, a partir da menção das entrevistadas, que todas elas avaliaram positivamente o ensino que receberam no Curso Normal, este sentimento ficou claro em todas as entrevistas realizadas, nos dando vestígios de que a escola tem um prestígio na memória delas até hoje. Outro fato que podemos destacar é a forma como as colaboradoras colocaram em prática os ensinamentos pedagógicos aprendidos no Curso Normal, durante as suas vidas profissionais.

Retomando especificamente sobre o ensino da matemática como é o objetivo desse item, Irany, referente às suas práticas de ensino enquanto professora do ensino primário diz:

V - E o que a senhora aprendeu no Assis Brasil a senhora aplicou enquanto professora na época?

I - Olha, com certeza devo ter, aplicado, mas depois pra lidar com as crianças tem muita diferença, né? E tu vai assim, uma coisa pra tornar mais acessível, tua cabeça vai idealizando coisas. A tabuada mesmo, não devia, mas nós fazíamos assim: dois vezes dois, nós colocávamos dois pauzinhos mais dois pra eles saberem que tinha que somar, assim acho que aprendiam mais fácil a Matemática, ensinando a fazer pauzinho. Era uma coisa da gente.

V - Essas coisas a senhora não aprendeu no Assis Brasil?

I - Não.

V - Era como a senhora falou, quadro, conteúdo e caderno. Não faziam os materiais?

I - Sim, era muita coisa da gente, na hora vinha, pra chamar a atenção pra fazer, tipo, chamar o aluno e tomar a tabuada, não, jamais! Na hora do trabalho dele, das contas de multiplicar, eu fazia assim (IRANY, 2018, p. 4-5).

Apesar de direcionar a entrevistada para saber o que tinha aprendido na Escola Normal Assis Brasil, Irany me retorna sugerindo que o que praticava nas aulas era efeito da relação com seus alunos, quase de modo contraditório ao que disse antes, que “com certeza devo ter, aplicado” (IRANY, 2018, p. 4). O que me parece que a entrevistada pretendeu explicar é que o que fazia parte de sua formação no Curso Normal era modificado por ela, como efeito da prática como

docente.

Ainda sobre sua prática docente, após sua formatura no Curso Normal, Irany lembrou-se de que “[...] os programas que já vinha estabelecido do estado, e ela nos orientava que tinha que trabalhar só aquilo dali [...]” (IRANY, 2018, p. 5). A entrevistada reconhece que não tem recordação da Matemática, pois o que tinha que fazer nesta disciplina vinha pronto de Porto Alegre. Certamente, referia-se aos programas de ensino do CPOE.

Terezinha lembra-se que, quando começou a dar aula, utilizou o que aprendeu na Escola Normal Assis Brasil, porque logo após sua formatura, no ano de 1958, conseguiu um contrato em Santa Vitória do Palmar, sua cidade de origem, e foi dar aula numa turma de repetentes, alunos que, como ela conta “[...] não passavam em disciplina nenhuma, eu consegui recuperar seis daqueles que eram abandonados. Então, eu me sinto feliz da vida, porque tudo de prática que eu tinha era do Assis Brasil [...]” (TEREZINHA, 2018, p. 10).

A entrevistada atribui seu êxito ao fato de ter aprovado alunos que provavelmente seguiriam repetentes, devido as práticas pedagógicas desempenhadas com a turma, práticas que aprendeu na Escola Normal Assis Brasil. Terezinha lembra que sempre fazia exercícios para que os alunos aprendessem a tabuada:

T- Eu exigia, fazia bastante exercícios pra que eles aprendessem a tabuada, que é essencial. Hoje, tu pergunta para um menino quanto é cinco mais oito e eles não sabem te responder. E eu fazia naquela época a tabuada: fulano, vamos lá, repete, repete, repete. Repetição que faz gravar. O repetitivo, sempre tive noção que repetir é que faz gravar as coisas, dois mais dois são quatro. Quanto é dois mais dois? É quatro. Quanto é dois mais dois? É quatro. Até que aquilo grava, porque tem coisas essenciais na vida que tu tens que gravar, porque nunca vai sair que dois mais dois são quatro. Tu podes fazer um mais três, são quatro, mas dois mais dois sempre será quatro, exato. Então, acho que o repetitivo tem que fazer, tem que fazer exercícios (TEREZINHA, 2018, p.11).

Podemos observar que o método de Terezinha é o da memorização, já o de Irany são os materiais concretos, mas ela acreditava que, a partir desta prática, os alunos também decorariam a tabuada. Irany pode ter aprendido este método no Curso Normal, porém, não o mencionou em suas lembranças, afirmando que aprendeu sozinha, dizendo que na sala de aula era bem diferente e que “[...] dependia da capacidade e criatividade de cada um [...]” (IRANY, 2018, p. 7).

Marina, por exercer a função de diretora pedagógica atualmente, lembrou em sua entrevista algumas práticas pedagógicas que não eram feitas no tempo em que era normalista, mas que são feitas atualmente, por exemplo, “[...] pegar esses folders, os folhetos que as lojas distribuem, e dar para os alunos formularem problemas” (MARINA, 2017, p.7). Questionei-a por que essas atividades não eram feitas naquele tempo, e, segundo ela, a realidade era outra, pois afirmou que “[...] naquela época, compras a crédito nem existia muito, quando se fazia era no caderno, isso era uma coisa que não fazíamos e eu acho maravilhoso” (MARINA, 2017, p. 8).

Já Iony, em relação a suas práticas pedagógicas, após ter se formado, não apresentou memórias relacionadas a ser professora do Ensino Primário, mas disse que saiu do IEAB com uma experiência “tremenda” (IONY, 2018, p. 7), reforçando o apreço que as entrevistadas possuem até hoje pela instituição.

### **3.2.1. A MATEMÁTICA NO CURSO NORMAL NOS ANOS 50**

Como já dissemos anteriormente, a pesquisa enxerga claramente dois períodos da Escola e é possível identificar, na memória das entrevistadas, a matemática diferenciada nesses dois períodos como veremos a seguir.

Como já foi possível notar quando falamos da estrutura do Curso Normal no primeiro período na década de 50, a disciplina de Matemática e a Didática da Matemática tinham o objetivo de ensinar as normalistas a serem professoras no Ensino Primário, mas nesse tópico avançarei nessa explicação.

Sobre a Matemática no Curso Normal, Irany lembra que não era tão “forte” quanto a Matemática que teve quem optou por fazer o Ginásio. Esta peculiaridade pode ser devido ao curso ter uma metodologia diferenciada, com o objetivo de formar professores primários, conforme o artigo 8º da Lei Orgânica do Curso Normal, que obrigava as instituições de formação de professores primários a ofertar a disciplina de Matemática somente na primeira série (BRASIL, 1946).

Quando questionada sobre a disciplina de Matemática e Didática da Matemática, Terezinha lembra:

T - Sobre a Matemática, deixa eu pensar um pouquinho sobre a Matemática... eu acho que a gente não tinha muitas aulas durante a semana, era só conteúdo de primário pra ensinar, como ensinar o primário. Não era assim, tu estás numa faculdade, tu estás vendo outros conteúdos, ou vamos imaginar assim, um conteúdo que tu tenhas desde lá, do primário, e depois tu vais aperfeiçoando este conhecimento. Lá não, no Normal tu voltavas pra Matemática, de como ensinar Matemática, como fazer somar, como fazer a dezena, a centena. Os conceitos básicos, é isso que eles ensinavam na Matemática.

V - Como fazer?

T - Sim, quando eu fiz de 1ª à 4ª série aprendi dezena, centena e unidade. E eu não tenho bem certeza, mas eu acho que não aprendi nada de Matemática, outras coisas, eu voltei para aquela Matemática de como ensinar um aluno a saber uma centena, como ensinar um aluno a ver uma dezena. Entendes?

V - Sim.

T - A minha Matemática não foi aperfeiçoada no Normal, para acrescentar conhecimento, foi baseada para que eu soubesse fazer aquela disciplina, dar para aqueles alunos.

V - A ensinar eles?

T - Ensinar eles, eu não lembro nada de Matemática, passei muito bem em Matemática, não tenho problema nenhum. E eu lembro deles ensinando a fazer os quadradinhos, os ensinavam de maneiras diferentes, como fazer as dezenas e centenas, porque depois a professora de didática que exigia aquilo dali (TEREZINHA, 2018, p.14).

As disciplinas de Matemática e Didática da Matemática não tinham apenas nomes diferentes, como já dissemos, mas também atribuições diferentes. Enquanto uma fazia uma espécie de revisão de conteúdo, “a matemática a ensinar”, e a outra abordava “a matemática para ensinar” (VALENTE, 2017).

A “matemática a ensinar” é relacionada aos conteúdos que as normalistas aprendiam para dar aula para as crianças e a “matemática para ensinar” refere-se às maneiras didáticas de como elas iriam ensinar o conteúdo.

*Os saberes para ensinar* levam-nos a todo um ferramental, a todos os utensílios que deverão ser mobilizados pelo futuro docente para cumprir o seu ofício de ensinar. Assim, se o “saber a ensinar” constitui o objeto de trabalho docente, o “saber para ensinar” traduz-se como um saber capaz de tomar esse objeto constituindo-o como um *ensinável*, um saber como instrumento de trabalho (VALENTE, 2017, p 216).

Na comparação das entrevistas de Irany e Terezinha vimos que a primeira disse que existia a disciplina matemática, mas, não era tão “forte”, já a segunda nem se lembrou da disciplina de matemática, colocando em dúvida se houve ou não a disciplina no Curso Normal no primeiro período. O que é possível concluir a partir das lembranças das entrevistadas que estudaram no primeiro período é que devido à disciplina de matemática voltar aos conteúdos do ensino primário “matemática a ensinar”, elas acharam que não tiveram o componente curricular de Matemática.

Ainda sobre a “matemática a ensinar” e a “matemática para ensinar”, para exercer a função de professor de matemática é preciso um conhecimento maior que saber a “matemática a ensinar”, pois apenas com o domínio do conteúdo o professor não adquire um saber profissional, é a partir da “matemática para ensinar” que o professor aprende “[...] métodos para ensinar, maneiras de aprender, sobre o currículo escolar, formas de planejar, comunicar, avaliar” (PINTO; NOVAES, 2018, p. 142).

A “matemática para ensinar” envolve não só a competência de saber algoritmos, aritmética ou outros conteúdos das disciplinas, ela envolve “práticas intuitivas para a docência dos primeiros passos da aritmética e da geometria” (VALENTE, 2017, p. 262). Analisando a “matemática para ensinar” é possível afirmar que a formação dos professores para atuar nos primeiros anos escolares é vinculada diretamente “matemática para ensinar”, já a “matemática a ensinar”, o autor refere-se como os objetos de trabalho do professor. (*ibid.*, 2017).

Como vimos, ao narrar recordações do tempo da sua formação de professora primária, Terezinha não se lembra de ter estudado a Matemática ginásial, o que ela comenta são memórias da disciplina de Didática da Matemática, e não encontrei nenhum Diário de Classe desse período, que comprove a existência da disciplina de Matemática, o que pode ser um indício de ter existido o “Curso de Regentes do Ensino Primário”, antes do Curso Normal, ao invés de curso ginásial, mas até o presente momento não encontrei documentos no acervo da escola que me permita afirmar sobre a existência do Curso de Regentes do Ensino Primário no primeiro período de estudo. Cabe acrescentar que, segundo Venzke (2010), o “Curso de Regentes do Ensino Primário” existiu no Assis Brasil entre 1969 e os primeiros anos da década de 1970.

Na entrevista, Irany se lembrou de uma disciplina que abordava conteúdos matemáticos de outro modo, mas ela também relata que esta disciplina não tinha o nome de Matemática, recordando apenas que quem a ministrava era um professor homem.

I - Tinha uma matéria, o professor já faleceu, todos já faleceram daquela época, eu não me lembro como era o nome da matéria, era Matemática, mas a palavra não era Matemática, me faltou.

V - Era uma matéria para trabalhar com as crianças?

I - Eu nem sei sabe, hoje eu penso que muita coisa que a gente estudou, eu não sei se tinha a ver dar pras crianças, porque até a 4ª série tinha que ser

muito leve, depois sim, que a coisa aperta. Eu acho assim, quem tirou o ginásio, quem tirou faculdade, que aí vai pro Ginásio, aí sim era bem forte a Matemática, mas pra quem ia dar aula até a 4ª série não era (IRANY, 2018, p.2).

Irany afirma que a Matemática no Ginásio era mais “forte” que a Matemática de quem estava no Curso Normal, dando indícios de que no Curso Normal aprendiam a “matemática a ensinar” para o ensino primário e por este motivo, afirmou que a matemática no Curso Ginásial era mais “forte”. Conforme lembrança de Terezinha, que diz que “Didática era Didática e Matemática era Matemática” (TEREZINHA, 2018, p. 8), também há vestígios de que ela teve a disciplina de Matemática, porém, durante a entrevista, Terezinha não confirmou esta hipótese, quando menciona que:

T - Sobre a Matemática, deixa eu pensar um pouquinho sobre a Matemática... eu acho que a gente não tinha muitas aulas durante a semana, era só conteúdo de primário pra ensinar, como ensinar o primário. Não era assim, tu estás numa faculdade, tu estás vendo outros conteúdos, ou vamos imaginar assim, um conteúdo que tu tenhas desde lá, do primário, e depois tu vais aperfeiçoando este conhecimento. Lá não, no Normal tu voltavas pra Matemática, de como ensinar Matemática, como fazer somar, como fazer a dezena, a centena. Os conceitos básicos, é isso que eles ensinavam na Matemática (TEREZINHA, 2018, p. 14).

Durante sua entrevista Terezinha, afirmou que “Didática era Didática e Matemática era Matemática”, indicando que existia, no primeiro período desta pesquisa, essas duas disciplinas, mas ao final da entrevista se contradisse, como se nota no excerto acima, ao afirmar que “Lá não, no Normal tu voltavas pra Matemática, de como ensinar Matemática, como fazer somar, como fazer a dezena, a centena” confirmando assim a hipótese que ela pensou que tanto a disciplina de Matemática e Didática da Matemática eram a mesma coisa, e não enxergou elas separadamente.

Cabe salientar ao leitor que a documentação como os diários de classes que poderia fazer com que essas discordâncias fossem esclarecidas não foram encontrados, como já afirmei em outros momentos do texto, possivelmente foi danificado devido a um incêndio ocorrido em 1970. Contudo, nesse item pude fazer um levantamento a respeito da disciplina de Didática da Matemática sendo possível afirmar que tinha no primeiro período, ficando expresso na fala de Terezinha quando

a questioneei sobre a disciplina, ela mesma diz que “Didática era a pior, todos os anos, tanto é que o nome da palavra é Didática” (TEREZINHA, 2018, p.3), a entrevistada lembra, ainda, que a disciplina de Didática era muito rígida e quem não passasse nessa disciplina não conseguiria o título de Professora do Ensino Primária.

### **3.2.2. A MATEMÁTICA NO CURSO NORMAL NOS ANOS 60**

As entrevistadas que estudaram na década de 60, Marina e Iony, se lembram de que existiam as disciplinas, de Matemática e Didática da Matemática, concordando com o que foi identificado nos Diários de Classe apresentados nas figuras 9 e 10, que comprovam a existência de ambas disciplinas no Curso Normal.

Marina e Iony foram alunas na década de 60, quando, se poderia dizer, a escola tornou-se outra, transformada pela legislação.

É referente a esse novo período, quando a escola passou a chamar-se Instituto de Educação Assis Brasil, que as ex-normalistas se lembram de terem estudado Matemática como uma disciplina específica. Apesar de lembrarem disso, são poucas as memórias que elas possuem sobre a disciplina, apresentando memórias muito vagas a respeito dela.

Iony lembrou que era péssima em matemática e que odiava a disciplina, pois apresentava dificuldades para aprender o conteúdo, chegando a mencionar que “tinha um pânico de matemática” (IONY, 2018, p. 9). Marina não contou memórias relativas à Matemática, pois, como já dito em sua entrevista, suas memórias referiram-se ao tempo em que foi professora no IEAB.

O que se pode destacar, especialmente em função das memórias das entrevistadas, é relacionado com a “matemática para ensinar” (VALENTE, 2017) presente na disciplina de Didática da Matemática, tema sobre o qual as colaboradoras deram mais ênfase. Um exemplo disto é quando lembram que nas aulas de Didática da Matemática elas eram responsáveis por construir materiais pedagógicos para trabalharem com os alunos do Ensino Primário.

Conforme veremos a seguir, a partir do Diário de Classe da disciplina de Didática da Matemática, de 1967, indicam-se os materiais que deveriam ser confeccionados pelas normalistas.

**Figura 10** - Registro de Conteúdos da Disciplina de Didática da Matemática do Curso Normal do ano de 1967, f.14

Data	MATERIA LECIONADA	Rubrica do fe
3	Material Cuisenaire	R. V. h.
5	Como trabalhar com os fatos fundamentais	R. V. h.
6	Como trabalhar os fatos	R. V. h.
10	Fisicações dos fatos fundamentais. Apresentação de material confeccionado pelos alunos	R. V. h.
12	Recursos para levar a fisicação dos fatos fundamentais	R. V. h.
13	Jogos	R. V. h.
17	Adições auxiliares e complementares	R. V. h.
19	Adição com transporte de reserva	R. V. h.
20	Adição com transporte de reserva	R. V. h.
26	Preparação para a Subtração	R. V. h.
24	Fatos fundamentais da Subtração	R. V. h.
27	Processos de Subtração	R. V. h.
31	Processos de Subtração	R. V. h.

Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil.

Na primeira linha da imagem, identificamos o material Cuisenaire, mencionado por Marina. Este material é uma das práticas pedagógicas que atualmente estão sendo esquecidas. Ele é feito originalmente de madeira, mas a entrevistada relata que, na época, era feito no Curso Normal com papelão, na disciplina de Didática da Matemática, e eram utilizados pelas normalistas, em seu estágio. O material Cuisenaire começou a ser utilizado com objetivo de trabalhar questões matemáticas que envolvessem a atenção e a memória, para desenvolver a capacidade de realizar cálculos mentais, com o intuito de estimular o processo de aprendizagem da criança. A técnica de trabalho com o material Cuisenaire permite que o aluno trabalhe a aritmética, envolvendo as quatro operações, dentre outros conteúdos (JESUS; LANDO; 2016, p. 10 - 11).

Ainda conforme as autoras, com a influência do Movimento da Matemática Moderna, o material Cuisenaire começou a ser utilizado como apoio pedagógico e didático no ensino da Matemática. Havia preocupação com a mudança do método de ensinar, em que questões tradicionais e aprendizagens mecânicas não fariam parte do programa do ensino da Matemática. A partir daí este método começou a ser usado no Brasil para ensinar noções fundamentais da Matemática no Ensino Primário.

[...] o método Cuisenaire ou Método dos Números em Cor foi criado pelo professor belga Georges Cuisenaire Hottelet, que após um longo período de estudos e testes, apresenta sólida fundamentação psicopedagógica, o qual proporciona a criança desenvolver a aprendizagem operatória das noções fundamentais da matemática no ensino primário. A estrutura material do método é composta por barrinhas ou reguinhas coloridas, vale salientar que cada uma das cores representadas pelas barrinhas está associada a um valor numérico (MÁRQUEZ, 1967, *apud* JESUS; LANDO, 2016, p. 7).

O material Cuisenaire é constituído de barras coloridas com tamanhos diferentes, e cada tamanho corresponde a uma cor. Essas barras, com valores de um até dez, proporcionam à criança o aprendizado de noções de números e quantidades nas operações aritméticas, podendo ser utilizado como recurso didático em qualquer etapa do ensino para suprir lacunas conforme a necessidade dos alunos. O método Cuisenaire surgiu no Brasil a partir de 1920, porém, como vimos no tópico anterior, não foi mencionado pelas entrevistadas que estudaram na década de 50, já as entrevistadas da década de 60, Marina e Iony lembraram apenas da confecção de materiais. Iony diz que “[...] a gente fazia muito material concreto” (IONY, 2018, p.5), não especificou exatamente o material Cuisenaire, mas afirma que os confeccionavam para trabalhar no estágio. Marina, que foi professora, fazia este material porque era uma preocupação pedagógica, e afirma que “era excelente pra aprenderem a multiplicação e a divisão, mas sumiu, não ouve mais falar” (MARINA, 2017, p.2).

Outro conteúdo que está registrado no diário de classe da disciplina de Didática da Matemática, como se observa na figura 12, é relacionado com o que a professora da classe chama de fatos fundamentais.

Em relação aos fatos fundamentais, nomenclatura que era utilizada também pelo CPOE, pois acreditava ser importante trabalhar o conteúdo relacionado às propriedades das operações para superar as dificuldades que determinadas combinações apresentavam (SALVADOR, 2015). Ainda conforme a autora, a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul orientava os professores a trabalharem os fatos fundamentais, que conforme o diário de classe aqui apresentado, era também trabalhado no IEAB quando a professora Ricardina, responsável pela disciplina de Didática da Matemática, registrou no seu planejamento como trabalhar os fatos fundamentais, recurso para trabalhar os fatos fundamentais e os fatos fundamentais da subtração, conteúdo que se pode dizer importante, pois a professora Ricardina passou o mês de setembro inteiro trabalhando vários aspectos dos fatos

fundamentais. Essa nomenclatura que circulava no CPOE chegou no IEAB, pois como vimos na figura 12, na disciplina de Didática da Matemática, esse era um componente que as professoras ensinavam para as normalistas.

Dentre os itens discutidos sobre os fatos fundamentais, como já mencionados no item anterior, parece que “os recursos para levar fixação dos fatos fundamentais” (LOPES, 1957, p. 17) podem ser relacionados com propostas pedagógicas também realizadas por Marina, a partir de uma atividade que conta ter feito:

M - Ah, eu lembro de uma vendinha que nós fazíamos, armávamos uma barraquinha, um mercadinho, e os alunos iam fazer as comprinhas, um tirava as notinhas, outro dava o troco, isso nós fazíamos. Mas, assim, buscando os preços ali que tu achavas, utilizando esses materiais didáticos (MARINA, 2017, p. 8-9).

Analisando a atividade realizada por Marina no IEAB, pode-se inferir que se trata de uma das estratégias que ela utilizava para trabalhar os fatos fundamentais, envolvendo as operações matemáticas de adição e subtração, as quais eram ensinadas na Didática da Matemática de modo que as normalistas realizassem atividades práticas com os seus alunos.

Outro fato marcante no IEAB pode ser observado num trecho da entrevista de Marina, que traz a lembrança da realização de provas piagetianas no Curso Normal:

M - Claro, e tu sabes que o maior problema da Matemática, entre os quatro e cinco anos, quatro e cinco não, cinco e seis, eles ter a noção de um porquê. Se tu fizeres aquela experiência... eu não me lembro quem é o autor, tu colocas água num pote pequeno e coloca um pote grande, aí tu passas a água do pote pequeno para o pote grande, enche de novo o pote pequeno e tu perguntas: onde há mais água? Ele vai te dizer que é no grande, por que? Porque ele ainda não tem a noção.

V - E a senhora trabalhava esse tipo de experiência no Assis Brasil?

M - Sim, e acredito que fazem até hoje, eu acho. Não sei por que não tenho mais ideia, e o curso preparava para tudo isso. No começo, tinha técnicas e incentivavam, eu estou te falando a experiência que eu tive no Instituto de Educação Assis Brasil [...] (MARINA, 2017, p. 4-5).

A lembrança de Marina nos mostra claramente que, na Didática da Matemática, utilizavam-se provas baseadas no método de Piaget. Jean Piaget (1896-1980) que foi um renomado psicólogo e filósofo suíço, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Nasceu no dia 9 de agosto de 1869, em Neuchâtel, na Suíça. Seus estudos tiveram grande importância para as áreas da Psicologia e da Pedagogia.

O estudo de Piaget serviu para entender melhor o desenvolvimento cognitivo

humano, estabelecendo os níveis de estágio conhecidos como: período operatório concreto, que se divide em sensório-motor, em que se desenvolve a linguagem, do primeiro mês até os dois anos de idade. No período pré-operacional, entre 2 e 7 anos, nessa fase, a criança entra em contato com o simbólico. Já no período operatório concreto o indivíduo adquire vários conhecimentos, como a capacidade de conservação do número, sendo ele o penúltimo estágio dado por Piaget. O último período, chamado operatório formal, a partir dos 12 anos, é o nível mais elevado do raciocínio, acredita-se que, nesta fase, a criança já consiga trabalhar com a abstração (SANTOS, 2017).

As provas mencionadas pela entrevistada nos possibilitam entender como a criança lida com conceitos matemáticos de conservação de número, substância, volume e peso. Estas provas são importantes porque, a partir delas, podemos identificar o nível de aprendizagem da criança, já que é possível que ocorra variações entre as idades e os estágios do indivíduo (*ibid.*, 2017). Acredito que se o professor souber estes conceitos, entenderá assim os estágios de como as crianças aprendem, adequando as atividades pedagógicas para cada nível de ensino, de acordo com as condições de percepção de cada criança, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

As provas piagetianas, a que a entrevistada se referiu, devem ser aplicadas individualmente para cada sujeito, com a utilização de algum material que possa dar escoamento a um líquido, por exemplo: duas garrafas, uma de forma arredondada, que se afunile no gargalo, e outra de igual volume da primeira, porém, com formato cilíndrico e mesmo tamanho. Coloca-se na primeira garrafa algum líquido, e coloca-se novamente este líquido na segunda garrafa. Pede-se para a criança dizer para pararmos de enchê-la, assim que alcançarmos a quantidade da primeira garrafa. Ao perguntar para a criança em qual garrafa tem mais líquido, se ela não tiver a noção de volume formada, dirá que é na maior, sendo que ambas possuem o mesmo volume (RODRIGUES, 2007). Este é um exemplo de prova piagetiana que era ensinado para as normalistas do IEAB.

Seguindo a análise das entrevistas, vale mencionar que Iony se lembrou de outros recursos didáticos que faziam durante as aulas de Didática da Matemática:

V - E de Matemática, a senhora lembra de alguma coisa que fez na Didática de Matemática?

I - Material concreto, a gente fazia muito material concreto. Aquele o Ábaco a gente construiu, coisas para as crianças contarem.

V - Material de contagem.

I - Nós fazíamos com qualquer material, caixinha, vidrinho, tornávamos bonitinha uma coisa que era feia, né?

V - Sim.

I - Forrávamos as caixinhas de fósforo, aí tu tornavas aquilo aprazível para as crianças manusearem e aprenderem (IONY, 2018, p.5).

Como podemos perceber, no segundo período relacionado à disciplina de Didática de Matemática surgiram várias práticas pedagógicas, as quais visavam o desenvolvimento cognitivo do aluno, sendo uma destas práticas a utilização de materiais concretos (SILVEIRA, 2012). A entrevistada ao se referir ao ábaco aponta para outro componente da “matemática para ensinar” (VALENTE, 2017) e ainda pode ser associado a um tema presente no diário, “como trabalhar os fatos fundamentais”. O “ábaco” é formado por uma moldura com bastões, dispostos no sentido vertical, cada um corresponde a uma posição das unidades, dezenas e centenas, nos quais os materiais deslizam livremente para a contagem.

O ábaco pode ser considerado uma espécie de calculadora manual, e, a partir dele, podem ser realizadas contas de adição, subtração, multiplicação e divisão, assemelhando-se ao cálculo mental (ANDRÉ, 2008, p. 2). Estes materiais concretos eram confeccionados para que as alunas aplicassem nas suas turmas de primário quando fizessem estágio.

Conforme as entrevistadas, o Curso Normal, após transformar-se em Instituto de Educação, passa a oferecer em caráter obrigatório a disciplina de Matemática e Didática da Matemática, assim como o Estágio Curricular. As entrevistadas não gostavam da Matemática, exceto Terezinha, mas sim da Didática da Matemática. As memórias de Marina foram sobre quando ela foi professora da disciplina de Didática da Matemática, manifestando prazer, durante a entrevista, em ensinar a disciplina.

Encerro este capítulo após apresentar um exercício de análise das memórias das ex-normalistas, em relação a sua formação no Curso Normal, a estrutura do curso, a avaliação do ensino da época, a Matemática no Curso Normal, as disciplinas de Matemática e Didática da Matemática e as metodologias praticadas pelas entrevistadas, para que o leitor tenha subsídios para conhecer como era o Ensino da Matemática no Curso Normal da Escola Normal Assis Brasil e, posteriormente, no Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968.

Ainda poderia ter feito análise de outros trechos do que as entrevistadas disseram, mas realizei algumas escolhas do exercício possível, mas esses outros aspectos não analisados nessa dissertação ainda poderão ser explorados por mim, ou por outros pesquisadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentando fazer o desfecho desse trabalho, ainda que tenho a certeza que outras coisas poderiam ser ditas a respeito da formação de professoras primárias, a partir do que as entrevistadas me disseram, tento retomar brevemente o que a pesquisa me conduziu para fazer uma fundamentação daquilo que concluí. É importante mencionar, novamente, que durante a minha trajetória profissional sempre ficava imaginando como teria sido, no passado, a Matemática na formação de professores primários nos Cursos Normais e essa indagação me motivou a fazer uma pesquisa que estudasse a temática. Sendo assim, este trabalho me possibilitou momentos de diálogo com as ex-normalistas, fazendo reflexões sobre a Matemática aplicada no Curso Normal em tempos passados.

A presente pesquisa teve como objetivo geral produzir e analisar fontes históricas a partir de narrativas, desenvolvidas em situações de entrevistas, que versaram sobre a formação matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968. Para isto, foram produzidas quatro fontes históricas que são as narrativas que resultaram no produto dessa dissertação.

Durante as entrevistas, alguns elementos foram marcantes e ficaram visíveis nesse trabalho. Da memória das ex-normalistas enxerga-se duas propostas curriculares diferentes, uma nos anos 50 e outra nos anos 60, e claramente possuem perfis diferentes relacionados às mudanças ocorridas na legislação, sendo assim, decidi separar a explicação em dois blocos, em função das memórias delas, de um lado Irany e Terezinha que fizeram Curso Normal, quando a Instituição intitulava-se Escola Normal Assis Brasil e de outro lado Marina e Iony que estudaram no período em que a escola chamava-se Instituto de Educação Assis Brasil.

No primeiro período, as entrevistadas apresentaram percepções diferentes no que se refere aos métodos de aprendizagem, Irany afirma que no Curso Normal não havia nada de novo e Terezinha afirmou que ensinavam de maneira diferente, havendo confecção de materiais pedagógicos. Podemos concluir que existem contradições importantes entre as lembranças das normalistas que estudaram no primeiro período referente aos métodos de ensino. Já Marina e Iony, que estudaram no segundo período, lembraram que confeccionavam materiais pedagógicos para trabalharem com os alunos do Ensino Primário, podendo assim concluir que no

segundo período eram produzidos esses materiais, fazendo uso de materiais concretos como métodos de aprendizagem.

Esses materiais concretos eram confeccionados com a utilização de cartonagem, sendo possível afirmar, a partir das lembranças das entrevistadas, que esses recursos didáticos produzidos eram utilizados pelas normalistas no seu período de estágio. Destaca-se como materiais preparados por elas, o material cuisenaire e o tangram, identificando assim, que a disciplina de Didática da Matemática era responsável pela matemática para ensinar.

Na busca de acervos pessoais, que as ex-normalistas confeccionaram durante o Curso Normal, não tive êxito, uma vez que a inexistência desses materiais é atribuída pela má conservação e efeitos do clima da cidade de Pelotas. Além disso, as entrevistadas disseram que na medida em que o tempo foi passando, foram desfazendo-se dos materiais.

Durante as entrevistas eu esperava que as colaboradoras lembrassem mais aspectos relacionados à disciplina de Matemática, mas as memórias delas acabaram destacando muito pouco sobre a disciplina, voltando-se mais para a Disciplina de Didática da Matemática. No primeiro período as disciplinas de Matemática e Didática da Matemática estão muito relacionadas a ponto de haver contradições sobre a existência da disciplina de Matemática. O que se pode concluir é que no Curso Normal a disciplina de Matemática voltava-se à “matemática a ensinar”, fazendo com que as normalistas do primeiro período enxergassem essas duas disciplinas unificadas.

Além da disciplina de Matemática e Didática da Matemática, as quais foram meu lócus da entrevista, outras disciplinas faziam parte da estrutura curricular do Curso, entre elas: Português, Matemática, Biologia, Religião, Sociologia, Física, Literatura, Psicologia, Educação Física Cultura Geral, Didática Geral e Didáticas Específicas, como Linguagem da Língua Português, Didática da Ciências e Didática de Estudos Sociais.

Ainda no que se refere à estrutura curricular do Curso Normal, é possível concluir que no primeiro período as normalistas não faziam estágio curricular fora da escola, apenas davam pequenas aulas. Já no segundo período o Curso Normal oferecia estágio de caráter obrigatório com uma carga horária expressiva e com seis meses de duração.

Sendo assim, concluo que no primeiro período a “matemática a ensinar” era atribuída à disciplina de Matemática, voltando a conteúdos do ensino primário, já a “matemática para ensinar” era ministrada pela disciplina de Didática da Matemática.

No segundo período as entrevistadas afirmaram que existiam no Curso Normal as disciplinas de Didática da Matemática e Matemática e, após o cruzamento das fontes das entrevistas e dos documentos institucionais, comprovei a partir de diários de classes a existência de ambas as disciplinas. Embora possa confirmar a existência da disciplina de Matemática no segundo período, como já dito, são poucas as memórias que as entrevistadas apresentaram relacionadas à “matemática a ensinar”, dando ênfase à confecção e uso de materiais concretos para trabalhar conteúdos matemáticos, como o material cuisenaire e o ábaco e, ainda, realização das provas piagetianas.

Por fim, ficam sanadas as inquietações que acompanhavam, enquanto profissional da educação, e que me motivaram à realização deste trabalho e, ainda, permitiu-me contribuir com a História da Educação Matemática na formação dos professores primários na Escola Normal Assis Brasil e posteriormente o Instituto de Educação Assis Brasil, mesmo existindo outras pesquisas neste estabelecimento, não há registros de trabalhos envolvendo a temática da matemática.

Acredito que essa pesquisa merece outros avanços, pois outros assuntos abordados pelas entrevistadas, e não analisados aqui, poderão servir para pesquisas futuras. Devido a isso, as transcrições das entrevistas resultaram o produto dessa dissertação, ficando disponível para outros pesquisadores utilizarem e também a possibilidade que eu possa retomar para utilizar em outras pesquisas que poderei realizar na minha vida acadêmica.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. De versão a narrativa no manual da história oral. **História Oral**, v.15, n.2, p.159-166, jul-dez, 2012. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=download&path%5B%5D=263&path%5B%5D=295>> Acesso em 01 abr. 2018.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: Textos em História**. Rio de Janeiro: Fvg, 2004. 196 p.

ALVES, Antonio Mauricio Medeiros *et al.*, Aspectos da criação do curso de magistério do Colégio Municipal Pelotense (1992): contribuições à história da formação docente. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice. **Instituições formadoras de professores no Rio Grande Do Sul**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2008. p. 104-12.

AMARAL Giana Lange do; AMARAL, Gladys Lange do. **Instituto de Educação Assis Brasil: Entre a memória e a história**. Pelotas: Seiva, 2007. 183 p.

ANDRÉ, Tamara Cardoso. O sistema de numeração decimal no ensino inicial de matemática. **Ideação: Revista do Centro de Educação e Letra**, Foz do Iguaçu, v. 11, n. 1, p.99-110, jan/jun. 2009.

BARALDI, Ivete Maria. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Matemática. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (São Paulo), 2003. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102158/baraldi\\_im\\_dr\\_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102158/baraldi_im_dr_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 12 abr. 2019.

BERGOZZA, R. M. LUCHESE, T. A. Escola Complementar: primeira escola pública para formação de professores primários na cidade de Caxias do Sul – 1930-1961. **Revista Congectura**, v.15, n3, set/dez., 2010.

BICA, Alessandro Carvalho. **Ginásio Santa Margarida: Um estudo sobre a gênese e a consolidação de uma Instituição Escolar Anglicana de Ensino na cidade de Pelotas**. 2006. 103 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRASIL, Joaquim Francisco De Assis. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Joaquim Francisco de Assis Brasil&oldid=53468923](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Joaquim_Francisco_de_Assis_Brasil&oldid=53468923)>. Acesso em: 29 out. 2018.

BRASIL. Decreto nº 4.244, de 9 de abril de 1942. **Lei Orgânica do Ensino Secundário**. Brasília, DF, 9 abr. 1942. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm)>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. **Lei Orgânica do Curso Normal**. Brasília, DF, 2 jan. 1946. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL. Lei nº 9394/1996, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BÚRIGO, E. Z.; FISCHER, M. C. B.; PEIXOTO, F. A. B. Saberes matemáticos na escola primária do Rio Grande do Sul: permanências e mudanças nas prescrições dos ensinamentos. In: COSTA, D. A.; VALENTE, W. R. (Orgs). **Saberes matemáticos no curso primário**: o que, como e por que ensinar? Estudos histórico-comparativos a partir da documentação oficial escolar. 1ed.São Paulo: Livraria da Física, 2014, v. 1, p. 149-168.

BÚRIGO, Elizabete Zargo; *et al.*, **Estudar para Ensinar**: Práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970). Projeto de Pesquisa a ser submetido ao CNPq – Edital Universal Faixa B, out./nov. de 2016.

BÚRIGO, Elizabete Zargo; SANTOS, Janine Garcia. A escola normal de Porto Alegre e as matemáticas no seu programas de estudo. **3º encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática**. História da Educação Matemática

e Formação de Professores. Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus outubro, 31, 2016 – novembro, 2, 2016.

CORSETTI, B. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. **UNirevista**, v.1, n.1, p.32-46, 2006.

DIAS, André Luís Mattedi; RIOS, Diogo Franco. **TÓPICOS EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS: HISTÓRIA E MEMÓRIA**. Rio Claro: Unicentro, 2007. 40 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da História Oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História Oral**. São Paulo, nº 1, p.19-30, jun. de 1998. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/516.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/516.pdf)> Acesso em: 15 de Jan. 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, Tempo Presente e Historia Oral**. Topoi Rio de Janeiro. p.314-332, Dezembro de 2002. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf)> Acesso em: 05 Fev. 2018.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas: Seiva, 2005. 304 p.

FISCHER, Maria Cecília Bueno; RIOS, Diogo Franco. Cadernos de Beatriz: Planejamento de Matemática no Registro de Estágio de uma Normalista Gaúcha (1967). **Revista Sbem Rs**, v. 2, n. 19, p.34-44, 2018.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro. In: **V CIBEM**, Porto: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2005. p. 1 - 12.

JEAN PIAGET. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jean\\_Piaget&oldid=54082738](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jean_Piaget&oldid=54082738)>. Acesso em: 19 jan. 2019.

JESUS, Eliana Maria de; LANDO, Janice Cassia. Os saberes matemáticos no grupo escolar Castro Alves em Jequié-Ba na década de 1960: uma análise do manual Didática das Matemáticas Elementares. In: 3º Encontro Nacional De Pesquisa Em História Da Educação Matemática, 2016. **Anais** [Espírito Santo]: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. p. 1 - 15.

LEMOS, Vanessa dos Santos. **Propaganda e coerção na Política Educacional do Estado Novo (1937-1945), em Pelotas RS.** (Dissertação) Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS, 2012. p.186. Acesso em 15 jun. 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: Epu, 1986. 975 p.

MARTINS, Angela Maria Souza. Breves reflexões sobre as primeiras escolas normais no contexto educacional brasileiro, no século XIX. **HISTERDBR** On-line, Campinas SP, n. 35, p.173-182, set. 2009. Disponível em: <<https://www.google.com/search8>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom *et al.*, **História Oral na América Latina.** In: ALBERTI, Verana *et al.*, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 85-115.

Normalistas do Assis Brasil. **Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 8 dez. 2017. p. 48, Ano 54, nº 18.955

Normalistas: Estágio é Nova Meta Atingida pelo A. Brasil. **Jornal Diário Popular.** Pelotas, 17 jun. 1969. contracapa, Ano 79, nº 243

PACHECO, L. S. **Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac – 110 Anos Preservação e Historicidade.** (Dissertação) Mestrado em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Sociais e Humanas.. Santa Maria, RS Brasil. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10977/PACHECO,%20LUIZA%20SEGABINAZZI.pdf>> Acesso em: 02 abr. 2018.

PACHECO, L. S. **Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac** - Contextualização e Caracterização com os Institutos de Educação no interior gaúcho. 19&20, Rio de Janeiro, v. VII, n. 3, jul/set. 2012.

Pasta funcional da professora Ricardina Lopes. 1967. Acervo do Instituto de Estadual de Educação Assis Brasil, Pelotas.

PINTO, Ana Lúcia Guedes. Percursos do Letramento de professores das séries iniciais do ensino fundamental: o papel da História Oral no estudo da memória das leituras. **Revista Nuances: Estudos Sobre Educação**. Presidente Prudente SP/ Ano XIII, v. 13, nº 14, p. 45-59, Jan/Dez de 2006. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/369/404>> Acesso em: 01 Fev. 2018.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte de escuta**. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **ENSAIOS DE HISTÓRIA ORAL**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. 258 p.

RIOS, Diogo Franco. Contribuições dos Lugares de Memória para a Formação de Professores de Matemática. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 17, p.5-23. 2015.

RIOS, Diogo Franco. **Memórias de ex-alunos do Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da matemática moderna**: a construção de uma instituição modernizadora. 2012. 504 f. Tese (Doutorado) - Curso de Matemática, Universidade da Bahia, Salvador, 2012.

RODRIGUES, Inaiara Bartol. Estudo sobre a aplicação da prova piagetiana de escoamento do líquido para avaliação da noção temporal. **Aprender - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, v. , n. 8, p.37-59, 2007.

SALVADOR, Heloisa Hernandez de Fontes. As revistas pedagógicas e os procedimentos operatórios: a revista do ensino do Rio Grande Do sul. In: XII Seminário Temático, 12, 2015, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Pucpr, 2015. v. 12, p. 296 - 309. Disponível em: <[http://www2.td.utfpr.edu.br/seminario\\_tematico/ANAIS/24\\_SALVADOR.pdf](http://www2.td.utfpr.edu.br/seminario_tematico/ANAIS/24_SALVADOR.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2019.

SANTOS, Alan Ferreira dos. **Aplicação das provas piagetianas segundo o método clínico**: um estudo experimental com crianças de 5 a 9 anos. 2017. Disponível em: <[http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?aplicacao-das-provas-piagetianas-segundo-o-metodo-clinico-um-estudo-experimental-com-criancas-de-5-a-9-anos&codigo=A1063&area=d10](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?aplicacao-das-provas-piagetianas-segundo-o-metodo-clinico-um-estudo-experimental-com-criancas-de-5-a-9-anos&codigo=A1063&area=d10)>. Acesso em: 3 fev. 2019.

SARMENTO, Clark Balbuena *et al.*, **Narrativas e memórias das escolas estaduais de curso normal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, 2018. 310 p.

SILVA, Circe Mary Silva da. A escola normal na província de São Pedro do Rio Grande do Sul e os saberes matemáticos para futuros professores (1869-1889). **Histemat – Revista de História da Educação Matemática**, v. 2, n. 3, p.28-53, fev. 2016.

SILVA, Heloisa da; SOUZA, Luzia Aparecida de. A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro Sp, v. 20, n. 28, p.139-162, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29122187100>>. Disponível em: Acesso em: 28 abr. 2018.

SILVEIRA, Daniel da Silva. **Professores dos anos iniciais: experiências com o material concreto para o ensino de matemática**. 2012. 103 f. Tese (Mestrado) - Curso de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande – Furg, Rio Grande, 2012.

TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice. **Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2008. 4 v.

TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice. **Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Universidade Federal do Espírito Santo, 2008a. 295 p.

TEIXEIRA, Tânia Nair Alvares. Análise da instituição através das memórias de normalistas durante os anos de chumbo do regime civil-militar brasileiro. In: XIX Encontro Estadual de História ANPUH RS, 14. 2018, Pelotas. **DEMOCRACIA LIBERDADE E UTOPIAS**. Rs: Universidade Federal de Pelotas, 2018. p. 1 - 15.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; TAMBARA, Elomar. **Análise Documental: Algumas Abordagens Metodológicas na Pesquisa em História da Educação**. 2016. Disponível em: <<http://principo.org/anlise-documental-e-historia-oral-algumas-abordagens-metodologicas.html>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução de Lourenço de Oliveira. Editora: Paz e Terra. 2ª edição. 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 385 p.

VALENTE, W.R. Os saberes para ensinar matemática e a profissionalização do educador matemático. **Rev. Diálogo Educativo**., v. 17, n. 17, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2836>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Dos livros didáticos para os cadernos de matemática: a emergência dos saberes profissionais. **Zetetiké**, Campinas SP, v. 25, n. 2, p.254-264, maio/ago. 2017.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Dos livros didáticos para os cadernos de matemática. **Zetetiké**: a emergência dos saberes profissionais, Campinas Sp, v. 25, n. 2, p.254-264, maio/ago. 2017.

VENSKE, L. H. D. Formação docente em Pelotas/RS (décadas de 1940 a 1960): uma questão de gênero. **Revista Textura**, n.24, p.105-119, jul. / dez. 2011.

VENZKE, Lourdes Helena Dummer. **"Já não vos assistirá plenamente o direito de errar, porque vos competirá o dever de corrigir" gênero, docência e Educação Infantil em Pelotas (décadas 1940-1960)**. 2010. 176 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1- Quais as lembranças que a senhora possui de quando fez Curso Normal no Instituto de Educação Assis Brasil?

2 - Como era a estrutura do Curso Normal?

3 - Como a senhora avalia o ensino da época?

4 - Me fale da Matemática que tinha no Curso Normal.

- O que mais a senhora lembra sobre o conteúdo?
- Como era a forma de ensinar?
- Quais eram os materiais e os métodos de ensino?

5 - Como vocês eram orientadas ao que ensinar?

6 - Como era cumprir essas orientações?

7- Vocês colocavam em prática o que era orientado?

8 - Como eram as práticas pedagógicas no momento em que vocês iam dar aulas?

9 - Como as normalistas eram iniciadas na prática didática?

10 - Para finalizar, a senhora lembra algo mais sobre a Matemática que praticou no Curso Normal ou quer falar sobre outro assunto, sobre a sua formação no Instituto de Educação Assis Brasil?

## APÊNDICE B

### MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a Senhora para participar de uma entrevista relacionada ao projeto de dissertação de mestrado sobre a Formação de Professores Primários no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, Pelotas/RS, entre 1947 e 1971, sob a responsabilidade de Vinícius Kercher, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista oral que será gravada, transcrita e apresentada para a senhora para que, confira e autorize a divulgação, posterior à qual poderá ser utilizada em trabalhos acadêmicos.

Se a senhora aceitar participar, estará contribuindo para qualificação do ensino da matemática ao oferecer sua perspectiva sobre a matemática que se praticava no Curso Normal do Assis Brasil naqueles anos. Caso não se sinta à vontade para responder a alguma pergunta, tens a total liberdade para não respondê-la. Caso, desista de sua participação na pesquisa, a senhora tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase do trabalho em andamento. Para qualquer outra informação no decorrer da pesquisa, a senhora poderá entrar em contato com o pesquisador na Rua Laudelino da Costa Medeiros 830, Centro de Hulha Negra – RS ou pelo telefone (53) 999749218.

Caso tenhas entendido e concordes em participar, favor assinar na parte destinada ao colaborador abaixo.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas pela colaboradora e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um deles.

Pelotas, 9 de novembro de 2017.

\_\_\_\_\_  
Colaboradora da Pesquisa.  
CPF:

\_\_\_\_\_  
Pesquisador  
CPF:

\_\_\_\_\_  
Orientador  
CPF:

## APÊNDICE C

### MODELO DO TERMO DE USO DE ENTREVISTAS

#### TERMO DE USO DE ENTREVISTA

Pelo presente Termo de Uso, eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, brasileira, portadora de carteira de identidade nº. \_\_\_\_\_  
Órgão Expedidor \_\_\_\_\_, CPF nº. \_\_\_\_\_, residente e domiciliada à  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, autorizo o uso, gratuita e espontaneamente, da  
transcrição da entrevista de caráter histórico que prestei ao pesquisador Vinícius Kercher da  
Silva, ficando, conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais  
e acadêmicos, a transcrição da mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não,  
bem como permitir a terceiros o acesso a mesma para fins idênticos, com a única ressalva  
preservação da integridade da fonte.

Além disso, concordo que eu seja identificada na transcrição da entrevista concedida.

Pelotas, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da entrevistada

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

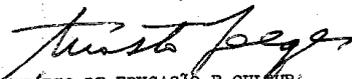
# ANEXO A

  
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

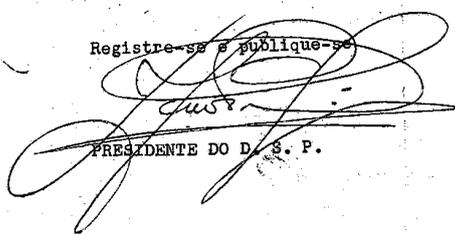
P O R T A R I A 08534 -7.1057

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL,  
tendo em vista o que consta do processo nº 32034/57, da Secretaria de Educação e Cultura, considera o professor adjunto do ensino normal, de Anatomia e Fisiologia Humana, padrão 4-0, do Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal "Assis Brasil", de Pelotas, GASTÃO COELHO PUREZA DUARTE, autorizado a afastar-se do Estado, no período de 1ª de agosto a 15 de outubro do corrente ano, sem prejuízo dos respectivos vencimentos, para realizar estudos sobre orientação de cátedra, no Rio de Janeiro, visto ter sido contemplado com bolsa de estudos.

  
GOVERNADOR DO ESTADO

  
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Registre-se e publique-se

  
PRESIDENTE DO D. S. P.

JDF/ARG

32034/57

## **TRANSCRIÇÃO DO ANEXO A**

### **PORTARIA 08534**

O Governo de Estado do Rio Grande do Sul, tendo em vista o que consta o processo nº 32034/57, da Secretaria de Educação e Cultura, considera o professor adjunto do ensino normal, de Anatomia e Fisiologia Humana, padrão 4-0, o Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal “Assis Brasil”, de Pelotas, Gastão Coelho Pureza Duarte, autorizado a afastar-se do Estado, no período de 1º de agosto a 15 de outubro do corrente ano, sem prejuízo dos respectivos vencimentos, para realizar estudos sobre orientação de cátedra, no Rio de Janeiro, visto ter sido contemplado com bolsa de estudos.

GOVERNADOR DO ESTADO

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Registra-se

Publica-se

Presidente do D.S.P

JDF/ARG

32034/57

## ANEXO B



Assis Brasil agora também proporciona estágios

# NORMALISTAS: ESTÁGIO É NOVA META ATINGIDA PELO A. BRASIL

Marília POLIESTI

Se atentarmos ao fato de que o Instituto de Educação Assis Brasil vem, dentro de sua nova estrutura, tomando medidas de verdadeira atualização educacional, sabemos que, se entrarmos em contato direto com os elementos responsáveis, e nos aprofundarmos em suas atividades, encontraremos várias metas a que estão dispostos a alcançar. E como uma escola moderna, não poderíamos deixar de encontrar ali, o estágio de normalistas, cujos princípios baseiam-se neste pensamento: "Suaviza o gesto, educa a palavra e conquistará o coração da criança". Assim, o estágio das normalistas, ao mesmo tempo que coloca as moças diante de um trabalho prático, vem trazendo uma série de benefícios a comunidade.

### O ESTÁGIO

De acordo com a Lei ... 2588 de 25/1/55 que reformulou o Ensino Normal, foi instituído o estágio da seguinte forma: "período de um semestre letivo, em que o aluno comprove capacidade de planejamento, execução e rendimento em trabalho de regência de classe".

De acordo então com essa reformulação, o estágio vem se realizando no Assis Brasil, com o mais completo êxito, visto que a presença de elementos capacitados, que tem a si essa responsabilidade.

### NO IEAB

O Instituto de Educação Assis Brasil possui duas escolas primárias, para fins

de estágio. Uma está localizada em zona central à rua Professor Araújo, 197 e a outra no Núcleo de Casas Populares, situada depois do Parque Tênis Clube.

Atende ainda a Escola Assistencial Hipólito Leite, localizada no Bairro Cruzeiro do Sul.

Este ano, porém há também estagiárias nas escolas Nossa Senhora de Lourdes, no Fragata e Instituto Pão dos Pobres, na Luz.

O estágio é coordenado pela professora Ricardina Vieira Lopes e a equipe é constituída de professores de fundamentos de educação, psicologia, didática geral, planejamento e administração, português, didáticas especiais, práticas educativas.

O número de estagiárias neste semestre é de quarenta e cinco. O número de crianças atendidas é de ... 530 alunos.

O trabalho realizado pelas aulas tem a constante orientação dos professores que constituem a Comissão Supervisora do Estágio.

### BENEFÍCIOS

Os alunos das escolas que pertencem ao Instituto de Educação Assis Brasil recebem atendimento médico e dentário, bem como merenda, pois não só a parte intelectual é cuidada, mas também a física, moral, social etc.

As escolas funcionam em dois turnos, para que possa atender o grande número de alunos que afluem às escolas atendidas por estagiárias, o que bem demonstra o interesse e dedicação e rendimento de trabalho das mesmas.

### AValiação

A avaliação da estagiária é feita constantemente, orientada pelos itens de uma ficha previamente elaborada pela comissão, da qual a aluna é cientificada.

A estagiária faz ainda

auto-avaliação e as direções das escolas, onde se realiza o estágio, opinam também sobre o trabalho realizado.

### NOVA TURMA

Uma nova turma de normalistas está se preparando para iniciar o estágio no próximo semestre. Para isso, já realizou visitas aos locais de estágio, para uma escolha de classe, local e turma, conscientizando-se assim, do trabalho que a aguarda.

As estagiárias têm reconhecimento e valorização esta prática de regência de classe, que as torna aptas a realizar um bom trabalho no curso primário, a qual se destinam.

Desse modo, vimos que no Instituto de Educação Assis Brasil há o interesse e a certa condução aos meios de realização de trabalhos dignos de uma escola que agora completa 40 anos de bons serviços a uma região, que se sente reconhecida e agradecida.

Direções e mestres, trabalham todos num sentido comum: a perfeita realização daquilo a que se propuseram: educar conscientemente.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática**



**PRODUTO**

**Vinícius Kercher**

**Pelotas, 2019**

**Vinícius Kercher**

**PRODUTO**

Produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Pelotas, 2019

## APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

Apresento aqui o produto referente à minha dissertação de mestrado intitulada “Narrativas de Normalistas sobre a Matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil (1955-1968)” vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - (PPGECM) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Este produto é um critério parcial para obter o título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

O objetivo da dissertação foi produzir e analisar fontes históricas a partir de narrativas desenvolvidas em situações de entrevistas que versaram sobre a formação matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968. Para isso, fiz uso da metodologia da História Oral, por identificar-se com o objetivo geral proposto pela minha pesquisa.

A decisão de fazer uso dos aportes da História Oral foi devido a compreender que essa é uma metodologia que se difere do método, pois ela é qualitativa, sendo uma das minhas pretensões de pesquisa, relacionadas ao sentimento de ser normalista. Assim como as experiências de como era estudar no Curso Normal, optei por esta metodologia que proporciona aos entrevistados falar sobre suas lembranças, pois ao realizar as entrevistas é visível que não existe um modelo de resposta pronto, cada colaborador apresenta a sua subjetividade, fazendo com que esta metodologia mostre um caráter individual (GARNICA, 2005).

No caso da minha dissertação, entrevistei quatro ex-normalistas e minhas perguntas foram referente à Matemática presente na formação de professores primários, como práticas e métodos pedagógicos, pois, a partir das entrevistas meu interesse era retomar memórias do sentimento de como era o ensino no período em que foram normalistas.

Para realização de uma pesquisa utilizando a metodologia da História Oral é preciso que se tenha claro o número de entrevistadas, e o que seria considerado um número razoável de colaboradores para produção das narrativas. Essa reflexão depende do interesse de pesquisa, do objeto que está sendo tratado e da viabilidade da execução do projeto (ALBERTI, 2004).

Devido à delimitação do tempo para realização de uma pesquisa de mestrado e, ainda, a dificuldade de encontrar as colaboradoras, optei por realizar quatro

entrevistas. Entre as ex-normalistas identificadas, duas estudaram na Escola Normal Assis Brasil<sup>23</sup>, no período de 1955 a 1961, outras duas estudaram no período em que a Instituição já passou a denominar-se Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1962 a 1968.

A primeira entrevistada foi localizada a partir de uma conversa informal com uma professora que atuava na biblioteca do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil no ano de 2017. Ao ficar sabendo sobre minha pesquisa, ela se interessou pelo assunto e me informou que tinha uma colega que foi normalista e também professora no Instituto de Educação Assis Brasil.

As demais entrevistadas foram localizadas a partir de um anúncio publicado no “Almanaque Gaúcho”, do jornal Zero Hora, a partir do qual a coordenadora do Projeto “Estudar para Ensinar Práticas e Saberes Matemáticos das Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1869-1970)”, no qual a minha dissertação está inserida, identificou o anúncio e de imediato informou para o professor, que foi orientador da minha pesquisa, e me encaminhou o anúncio da ocorrência da comemoração dos 60 anos de formatura das normalistas da antiga Escola Normal Assis Brasil, turma de 1957.

Após a identificação das entrevistadas, fui ao seu encontro para falar sobre a minha pesquisa, ou seja, “Narrativas de Normalistas sobre a Matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil (1955-1968)”, como já mencionado anteriormente.

Realizado o primeiro contato, tive a aprovação das ex-normalistas para realizar a entrevista, entregando para elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual se encontra o modelo no apêndice B da dissertação e os termos assinados estão em minha posse.

Para realizar as entrevistas planejei um roteiro de perguntas, o qual pode ser encontrado no apêndice A da referida dissertação, esse roteiro foi produzido para ter um planejamento, enquanto pesquisador, sobre o que perguntar, mas em nenhum momento fiz uso dele para leitura, pois correria o risco de inibir as entrevistadas, então memorizei as perguntas a serem feitas.

As entrevistas totalizaram 2 horas e 17 minutos de gravação, que renderam 47 páginas de transcrições, e as quais se constituíram o produto dessa dissertação.

---

<sup>23</sup> Atual Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, localizado no município de Pelotas.

Essas narrativas produzidas relacionam as práticas de professores primários na Escola Normal Assis Brasil e posteriormente Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968.

Para disponibilizar as entrevistas, que veremos a seguir, foi também disponibilizado o Termo de Uso das entrevistadas, documento que elas autorizaram-me a divulgar e publicar as narrativas para fins culturais e acadêmicos, além de autorizar-me a identificá-las pelo próprio nome. O modelo do Termo de Uso das entrevistas encontra-se no apêndice C da dissertação e as transcrições devidamente autorizadas, e rubricadas pelas colaboradoras, encontram-se em posse do pesquisador.

A seguir disponibilizo como produto da minha dissertação as narrativas, na íntegra, produzidas durante as entrevistas, para que outros pesquisadores possam fazer uso delas, para pesquisas na área da História da Educação Matemática, bem como em outras perspectivas que envolvam a Educação e/ou o Curso Normal.

Entrevista: Irany Neusa Carrico de Castro (I)

Entrevistador: Vinícius Kercher (V)

Tempo da entrevista: 44' 13''

Pelotas, 26 de janeiro de 2018.

Local: sua residência, Rua Dr. Ferreira Soares, 374 AP- 204

V - Bom dia, professora Irany.

I - Bom dia.

V - Meu nome é Vinícius Kercher, eu sou mestrando do Programa de Pós-Graduação do Ensino da Ciência e da Matemática pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e minha pesquisa é sobre memórias de ex-professoras e ex-alunas do Instituto de Educação Assis Brasil entre 1947 e 1971, me informaram que a senhora estudou e fez Curso Normal no Assis Brasil nesta época.

I - Sim, me formei tudo lá.

V - Qual foi o ano que a senhora se formou?

I - Eu me formei em 1957, eu tinha 18 anos.

V - 18 anos!

I - É.

V - E quais são as lembranças que a senhora tem da época do Curso Normal?

I - Ah! Eu sempre gostei de estudar, entendeu? E para mim era tudo maravilhoso, não é que eu fosse inteligente, eu era estudiosa, eu levava a sério o estudo. Muito, muito estudiosa.

V - E suas lembrança sobre os seus conteúdos, a senhora lembra?

I - Ah... lembro, tem matérias que eu gostava muito. Anatomia eu gostava muito, Biologia, que a gente dava naquela época. Tinha Matemática e tinha Português. Português sempre foi meio um pouco assim... não é que eu não ache bonito, mas eu tinha dificuldade na expressão, entendeu?

V - Sim.

I - Até na composição, eu fazia uma composição e depois faltavam as palavras pra continuar falando. Hoje não, eu fazia uma composição, encheria uma folha, eu acho.

V - E Matemática, a senhora tinha mais preferência?

I - Nunca, nunca tive problema, nunca fui reprovada em Matemática desde que eu iniciei a estudar, eu sempre passava.

V - Como era a Matemática na época no Curso Normal? Vocês aprendiam Matemática como conteúdo de Ensino Médio ou aprendiam Didática da Matemática para trabalhar com as crianças?

I - Tinha uma matéria, o professor já faleceu, todos já faleceram daquela época, eu não me lembro como era o nome da matéria, era Matemática, mas a palavra não era Matemática, me faltou.

V - Era uma matéria para trabalhar com as crianças?

I - Eu nem sei sabe, hoje eu penso que muita coisa que a gente estudou, eu não sei se tinha a ver dar pras crianças, porque até a 4ª série tinha que ser muito leve, depois sim, que a coisa aperta. Eu acho assim, quem tirou o ginásio, quem tirou faculdade, que aí vai pro Ginásio, aí sim era bem forte a Matemática, mas pra quem ia dar aula até a 4ª série não era. Mas a criança que tinha dificuldade em Matemática, de um modo geral, tinha dificuldade em todas as matérias.

V - Isso quando a senhora já dava aula?

I - Eu achava isso.

V - Sim.

I - Os pobrezinhos poderiam até ser esforçados, mas tinham uma dificuldade pra gravar.

V - Se não sabia Matemática, tinha dificuldades nas outras?

I - Mas eu achava assim, se estava bem em Matemática de um modo geral, estava bem em todas.

V - E, quando a senhora estudou no Assis Brasil, a senhora aprendia Didática da Matemática para trabalhar no Curso Primário e aprendia também os conteúdos de Matemática, como se fosse o Ensino Médio hoje? Como era esta estrutura de Curso Normal?

I - Não, era um professor só de Matemática que a gente tinha, ótimo professor, mas não estou me lembrando do nome dele. Ah... está me faltando o nome dele.

V - E este professor trabalhou didática com vocês também?

I - Sim, trabalhou, mas não foi uma coisa assim... como vou te dizer, uma coisa forte e determinada pra Matemática, era uma passada, assim, era uma parte mais como lidar com a criança e comportamento. A matéria mesmo assim eu não me lembro.

V - Tipo Educação?

I - Didática e essas coisas todas.

V - Além disso, como era a estrutura do curso, tinha Português, Matemática, o que mais tinha de disciplina no Curso Normal?

I - Ah, tinha as que te falei, Anatomia, Biologia, Português, Matemática, Religião e Sociologia, que era um padre que nos dava, muito querido o padre. Pena que eu não tenho o meu boletim pra ver as matérias. Eu não tenho a mão.

V - A senhora tem algum material daquela época guardado?

I - Eu tive durante muito tempo, mas depois eu doei, passei pra quem estava estudando, fui passando, mas eu tive durante muito tempo uma caixa com todo meu material, 60 anos se passaram.

V - Sim.

V - E a senhora lembra qual era o tipo de material que vocês faziam para trabalhar Matemática com as crianças? O que se faziam nas aulas de Didática? Que materiais eram esses?

I - Coisas de pegar, assim?

V - Isso!

I - Não, não tinha.

V - Não tinha, trabalhava com material concreto?

I - Não tinha, era tudo no quadro negro, a gente passava, não tinha nada assim, eu não me lembro, mas não era como deve ser hoje, como tu está falando, que fazem material concreto, naquele tempo não era não.

V - Vocês tinham uma disciplina de estágio para trabalhar com as crianças antes de se formarem?

I - Não, não fiz estágio.

V - Não tinha estágio nesta época?

I - Íamos direto pra uma sala de aula.

V - Era direto para sala de aula?

I - Sim, direto. Eu me formei em 1957. No ano seguinte, eu fui morar na Cascata, não sei se tu conheces a Cascata?

V - Lá da EMBRAPA?

I - É.

V - Sim.

I - Ali a escola é municipal, escola Luiz Pena Fiel. Era uma escola na beira da estrada, mas era campo, a Embrapa ficava lá no meio e a estrada, assim, de chão batido, passava, era só mato e ali tinha a escola onde a Terezinha Allan foi trabalhar comigo. Trabalhavam na escola, deixa eu lembrar... eu, a Terezinha, que era diretora, e mais duas, além da moça que era vizinha, que ajudava na limpeza. Mas era assim... era a escola, mais adiante tinha um chalé, uma casa verde e à frente era só campo, tinha um arame. Eu lembro de muitos alunos que tinham ali. Quando eu dava aula, eles atravessavam a estrada e entravam de baixo dos arames "enfarpados", naqueles matos, eles se iam, eles moravam tudo assim, tu não via nada, era uma escola, assim, foi bom, mas, assim, a gente ficava muito isolada, foi um ano que morei lá.

V - E o que a senhora aprendeu no Assis Brasil a senhora aplicou enquanto professora na época?

I - Olha, com certeza devo ter, aplicado, mas depois pra lidar com as crianças tem muita diferença, né? E tu vai assim, uma coisa pra tornar mais acessível, tua cabeça vai idealizando coisas. A tabuada mesmo, não devia, mas nós fazíamos assim: dois vezes dois, nós colocávamos dois pauzinhos mais dois pra eles saberem que tinha que somar, assim acho que aprendiam mais fácil a Matemática, ensinando a fazer pauzinho. Era uma coisa da gente.

V - Essas coisas a senhora não aprendeu no Assis Brasil?

I - Não.

V - Era como a senhora falou, quadro, conteúdo e caderno. Não faziam os materiais?

I - Sim, era muita coisa da gente, na hora vinha, pra chamar a atenção pra fazer, tipo, chamar o aluno e tomar a tabuada, não, jamais! Na hora do trabalho dele, das contas de multiplicar, eu fazia assim.

V - E como a senhora avalia o ensino que a senhora recebeu no Curso Normal no Assis Brasil naquela época?

I - Naquela época já era assim, né? Mudou depois, talvez tenha mudado até para melhor, eu acredito, mas foi muitos anos depois, eu acho.

V - Mas como a senhora avalia, que definição a senhora daria naquela época como era o ensino?

I - Olha, como eu não sei o atual, mas valeu. Agora, quando entrávamos numa sala de aula formada, víamos que a coisa era assim, meio chocante, vinha, assim, dividido o que tu podias dar. Eu lembro que até a 3ª série a gente trabalhava a tabuada até o cinco, depois, sim, que entrava o nove, a partir da 4ª série.

V - E os conteúdos que a senhora estudou no Assis Brasil, eram os que a senhora passava na aula?

I - A gente tinha uma coordenadora dentro da escola, ela também tinha os programas que já vinha estabelecido do estado, e ela nos orientava que tinha que

trabalhar só aquilo dali, não podia ultrapassar, era aquilo dali que a gente tinha pra dar pra eles. Mas naquela época tinha livrinhos, mas não tinha muita coisa, não pra trabalhar, mas tinha e a gente gostava.

I - Eu te disse que não tenho facilidade de expressão.

V - Não, esta excelente, é este mesmo o objetivo da pesquisa.

V - A senhora poderia me falar mais sobre a Matemática no Assis Brasil?

I - Olha, no Normal eu não acho que foi uma coisa bem pra passar pra criança. Olha, eu acho que a Matemática que eu gostei mais foi a do ginásio, eu me interessei mais pela Matemática do ginásio.

V - E o que a senhora fez depois que se formou?

I - Eu não fiz faculdade.

V - Quem sabe teria feito Matemática.

I - Sabe, foi uma bobeira minha.

V - Não quis fazer.

I - Eu fiquei contente de lecionar e ganhar meu dinheiro, entedesse?

V - Sim.

I - Foi uma bobagem, porque a maioria da turma do meu grupo de estudo, todas fizeram faculdade, mas eu não. Depois, casei em seguida, casei muito cedo, tenho 57 anos de casada.

V - E quanto tempo faz que a senhora se formou?

I - 60 anos.

I - Eu me formei em 1957 e fiz três anos de estágio, dois anos no Capão do Leão, pelo estado, e no município, nesse que eu te disse, perto da Cascatinha, Luiz Pena Fiel. Logo eu peguei o Ondina Cunha, aqui na Gonçalves Chaves, que é ali perto da Delegacia de Ensino, quando eu casei a gente vinha pra cidade, então, aí eu peguei ali. Mas hoje ninguém mais faz estágio pra ir pra fora como eu ia, acabou.

V - Este estágio que a senhora está dizendo é o do concurso?

I - Sim, é.

V - Anteriormente, se eu não estou enganado, quando se fazia um concurso público, te mandavam para zona rural para fazer estágio.

I - Sim, e, às vezes, nesse concurso do estado, tinha gente que pegava cidade até no norte do Rio Grande do Sul.

V - No concurso do estado?

I - Do estado.

V – Então, no Curso Normal, não tinha na sua época o estágio, vocês não davam microaula?

I - Não, aquilo que apareceu de fazer estágio, não. Eu, lá no Ondina Cunha, aqui na cidade, quando eu casei, peguei muita estagiária, tiravam o Normal, dentro da cidade. Eu peguei no Ondina Cunha muita estagiária, iam lá fazer o estágio pra poder receber o diploma. Elas davam aula por seis meses e depois recebiam o diploma.

V - É o meu caso, eu fiz Magistério e estudei quatro anos, que é Curso Normal também, e depois mais seis meses de estágio. Quatro anos e meio.

I - É.

V - Então, vocês eram só teoria e depois sala de aula. Não tinham estágio?

I - Sim, era só a teoria e depois se vira. Na sala de aula ia da capacidade e da criatividade de cada um, de cada tipo de professor de lidar com a criança. Olha, mas de uma coisa eu tenho certeza, eu fui muito, muito, assim, mãezona pra meus alunos, eu sempre gostei muito de crianças, como eu gosto até hoje, então, pra eles, eram meus filhos. Eu adorava as crianças, paixão!

V - A senhora quer me falar mais um pouco sobre os materiais, os métodos que os professores usavam para dar aula no Assis Brasil com vocês?

I - Assim, pra dar Matemática?

V - Isso, isso.

I - Não tinha nada! Era no quadro, eu não me lembro de apresentarem nada assim pra gente, pra mostrar. Olha, só se eu estiver muito esquecida, mas não tinha nada. E eu mesma, quando dava aula de matemática, não apresentava pros meus alunos nada, nada também.

V - A senhora falou que pra fazer a multiplicação utilizava os pauzinhos, este método, por exemplo, foi a senhora que teve a ideia de explicar para eles assim?

I - Uma coisa minha, por exemplo, duas vezes oito, colocava oito pauzinhos. Depois, mais oito pauzinhos e dizia: agora vocês somam. Eu fazia assim porque acreditava que desta maneira eles faziam sem decorar. Três vezes três, três pauzinhos. Eles somavam e sabiam que era nove.

V - Sabiam que a multiplicação é a soma.

I - É, era uma coisa que foi minha, não sei se as outras faziam isto.

V - O que a senhora aprendeu no Assis Brasil a senhora colocou em prática da maneira que aprendeu lá?

I - No Assis Brasil, não tinha nada de diferente, não tinha mesmo, porque os professores daquela época eram mais idosos, entendesse?

V - Sim.

I - Eles nem tinham que nos apresentar coisas diferentes, nós tínhamos professores bem idosos.

V - E o de Matemática, a senhora não lembra?

I - Ele era um homem, esqueci do nome dele. Mas ele não era jovem pra ter novidade. O professor mais moço que eu tive foi de Anatomia, foi até diretor da Faculdade de Odontologia, Gastão Pureza Duarte, ele era de Canguçu. Aquele era... ele sentava na escrivaninha, brincava com a gente, era o mais jovem dos meus professores, ele já era casado e tinha dois filhos. Ele foi dentista e depois foi diretor da Faculdade de Odontologia, nós achávamos um amor, queridinho, o resto tudo era de gente madura. Tinha Psicologia também, e eu gostava muito de Biologia, era uma professora bem idosa, era durona, até, muito, muito boas as aulas de Biologia dela. É uma matéria que eu gostei muito também, tinha Educação Física

também, Desenho, Educação Artística, Música também, tinha todas as matérias, assim, que tu já vens carregando.

V - E todas essas matérias aprendiam através da teoria?

I - Tudo teoria.

V - A senhora se formou em 57?

I - Me formei bem na idade, tirei o Ginásio em 54, bem na idade, 18 anos, cinco do primário, eu fiz o jardim, são seis, quatro do Ginásio, são quatorze, não, dez! E três do Normal, são treze. Eu nunca repeti ano.

V - E material, a senhora não guardou caderno?

I - Eu tinha, mas eu tinha uma prima que estava um ano antes de mim, então eu passei tudo pra ela, se tinha uma amiga próxima a ela, ia passando. A gente fez um álbum no final do curso, não sei de que matéria era, devia ser de Educação Artística. Mas tinha um álbum, e esta minha prima desenha muito bem, foi ela que me ajudou a formar meu álbum. O álbum era a única coisa que a gente fazia pra ter no final do curso, esse álbum eu me lembro, é uma pena não ter ficado com ele.

V - E esse álbum tinha de todas as disciplinas?

I - Não lembro, não me recordo. Aquilo ali valia nota, era um caderno de desenho com espiral, e a gente fazia com todo o amor e carinho, pois a gente ganhava nota. Uma pena não ter guardado, mas todos esses anos... eu tinha uma mala pequena que guardava tudo.

V - Professora Irany, para finalizar, a senhora lembra de mais alguma coisa sobre Matemática no Instituto Assis Brasil que nós não abordamos na entrevista ou qualquer outro assunto que a senhora queira mencionar?

I - Pois é, eu já te disse que do Normal que eu tirei curso de professora não tenho recordação da Matemática, coisa pra passar pra criança... nenhuma. Fico triste de dizer isso, mas não tenho nada que me lembre na escola, tu tinhas que acompanhar o programa da 1ª série, o que tinha que fazer de Matemática, só podia dar o que estava escrito, já vinha de Porto Alegre e aquilo dali a gente comprava livros, junto

com a coordenadora pedagógica, a gente organizava o mês pra dar aula, mas a criatividade era do professor.

V - E os livros e os conteúdos vinham de Porto Alegre? E os conteúdos?

I - A gente comprava livrinhos pra nós, professores, tirar muita coisa, hoje nem sei se tem.

V - Tem aquelas coleções, acredito que tem.

I - Ah, a gente se reunia, sempre eram duas 4ª séries, e a gente se reunia pra planejar. Eu trabalhei muito com 1ª, 2ª série e 3ª, mas, no fim, quando eu estava próxima de me aposentar, eu trabalhava só com 4ª série, e não gostei, pois são adolescentes. Naquela época tinha até rapazinho, eles não respeitam a gente.

V - A senhora sabe que eu trabalhei com anos iniciais, 1ª série, no caso, 1º ano agora.

I - Quanto menor melhor. A criança menor te chama às vezes de vó, de tia, de mãe, eles contam casos de casa na frente de tudo que é colega. Olha, o meu pai e minha mãe brigaram e ele deu um tapa na minha mãe. Não... não...

V - Eles têm a inocência.

I - Eles vêm e te contam tudo que os coleguinhas estão ouvindo, são puros, puros. Mas adolescente que eu peguei é a pior coisa que tem, não é fácil! E foi naquela época quando eu me aposentei, fim de 83.

V - 34 anos.

I - Mas eu não fui até os 30, me aposentei com 25, com 30 eu receberia o integral, com 25 não tive um triênio. De três em três anos tu recebias um triênio, aí eu teria dez triênios, aí, não, eu me aposentei com nove triênios, mas eu tinha a minha filha, meu marido tinha o emprego dele, aquela coisa toda, aí eu me aposentei. Hoje não tem mais, tem que ser os 30. E eu gostava dos meus alunos, tinha as mocinhas, os meninos eram piores, os adolescentes, mas como os pequenos... eu não nasci pra lecionar com grande, eu nasci pra trabalhar com pequeninhos. Quem trabalha com os pequeninhos não tem o valor merecido, a gente que não tem faculdade, então, não ganha bem. Eu não ganho R\$1500 com integral, com os descontos eu ganho

R\$ 1240, eu até hoje ganho isto, acho uma vergonha, né? Mas, se eu tivesse faculdade, eu ganharia mais um tanto, porque eu não tirei faculdade. Mas, se eu tirasse faculdade e não quisesse trabalhar com adolescente? Por que eu iria tirar se eu gostava de trabalhar com os pequeninhos?

V - Sim.

I - Só pra ganhar, mas, se eu tivesse que escolher, com certeza que eu seria uma ótima aluna porque no Normal fui uma ótima aluna.

V - E, se a senhora tivesse feito faculdade, provavelmente iria querer Matemática, eu notei que a senhora gosta de Matemática.

I - Se eu tivesse que escolher faria Matemática, com certeza! Eu sempre achei bonita a Matemática, eu tinha facilidade pra resolver. Eu nunca lembro, até posso ter sido reprovada, mas, no momento, eu não lembro de ter sido reprovada em Matemática.

V - As avaliações de Matemática eram por bimestre? Como eram as avaliações no curso?

I - Não, eram mensal. Eu lembro de uma professora muito boazinha, a dona Zulmira, lembro de duas professoras, uma era de História, eram senhoras. Todos os professores eram idosos, mas eu gostava muito da dona Zulmira dando Matemática no Ginásio, eu peguei ela de Matemática.

V - A senhora fez o Ginásio no Assis Brasil?

I - Sim. Naquele tempo era assim: Primário, Ginásio e Normal, e quem não ia pro Normal ia pro segundo grau, que era o Científico, preparava mesmo pra entrar na faculdade. O Normal era só pra dar aula, com o Normal tu não fazias Agronomia, Odontologia ou Medicina, com o Normal tu não fazias vestibular. Um grupo de colegas que tiraram Odontologia iam direto para o Científico, era mais puxado. Também tinha o Clássico, tinha o Científico e o Clássico, o Clássico geralmente era pra quem queria ser professor de Línguas. Muitas colegas minhas passaram na Católica pra tirar matérias como Pedagogia, eu acho, Pedagogia. Aquele professor que fica cuidando dos trabalhos dos professores. Eu tenho uma irmã formada em Pedagogia, eu não tiraria.

V - Eu não quis tirar formação de Pedagogia porque eu já tenho a formação do Curso Normal, então, fiz Matemática porque eu gostava de Matemática.

I - Eu não queria trabalhar cuidando os trabalhos dos professores. Sabe que, às vezes, ia um pessoal da delegacia, sem tu esperar, visitar. Elas não davam aula, só examinavam os conteúdos dos nossos trabalhos e davam palpites, e dentro de mim eu pensava assim: nunca deu aula e ainda vem dar palpite, aquele tipo de exercício não era para ter sido feito assim, era pra ter feito de outra maneira. Aí, dentro de mim, eu pensava: elas nem sabem lidar com crianças e vem depois aplicar o que elas aprenderam. Então, pedagogia eu jamais tiraria.

I - Olha, eu gostei de dar aula, tu não podes imaginar, mesmo ganhando pouco como a gente ganha, dinheiro pra mim não era importante. Mas a gente tem que fazer o que gosta e tudo que eu fiz foi com amor, muita dedicação, e amei os pequeninhos como se fossem meus filhos, e isto que eu acho importante, e eu sou muito feliz. Eu não tenho inveja de quem tirou faculdade, eu sei que se fosse hoje eu teria tirado, mas naquela época noiva, quase casando, eu casei início de 61, eu digo assim, foi tudo bom para mim. Não tenho arrependimento, e se eu tirasse faculdade, qualquer uma que eu tirasse, tinha certeza que eu seria uma ótima aluna, eu era muito estudiosa.

Agradecimentos Finais.

Entrevista: Terezinha Becker (T)

Entrevistador: Vinícius Kercher (V)

Tempo da entrevista: 44'31''

Pelotas, 17 de maio de 2018.

Local: sua residência, Rua Uruguai 1403, Bloco A AP- 105.

V - Bom dia, dona Terezinha.

T - Bom dia, querido.

V - Meu nome é Vinícius, sou aluno do Programa de Mestrado da Universidade Federal de Pelotas, minha pesquisa é sobre a formação de professores primários no Instituto de Educação Assis Brasil entre 1947 e 1971. Me informaram que a senhora se formou em 1957, procede?

T - Procede.

V - Então, a senhora fez Curso Normal?

T - Curso Normal no Assis Brasil.

V - Dona Terezinha, quais as lembranças que a senhora possui de quando a senhora estudou no Curso Normal, no Instituto de Educação Assis Brasil?

T - Muito especial da dona Maria, que era diretora da escola, uma pessoa firme nas decisões dela, muito firme. Eu gostava muito dela, achei o curso todo muito bom, foi muito bem, o Assis Brasil era um colégio muito conceituado e espero que continue sendo até hoje, não é? E acho que foi muito bom, eu aproveitei tudo que deu o Assis Brasil.

V - A senhora lembra como era a estrutura do curso, o que tinha, as disciplinas do curso?

T - Algumas disciplinas eu lembro ainda, existia Física, que nunca aprendemos nada. Isso é verdade! No Normal, muita pouca noção de Física. Existia a professora Ismênia, a baixinha da Biologia, esta foi boa, Dr. Gastão dava Anatomia, ótimo

professor. Agora não me lembro o de Português, mas todos eram bons professores, e nós éramos 60 alunas, e sempre participei do esporte no Assis Brasil. E a diretora, Dona Maria, era ótima, era maravilhosa. A dona Maria era diretora e, sabe, ela era uma diretora que não tinha vergonha de nada. Naquela época, nós tínhamos 17 anos, e acho que existia um curso de 2º grau, também, e ela entrava no banheiro dos meninos e tirava os meninos de lá de dentro.

V - Ah é?

T - É, uma diretora como a gente chamava antigamente, “faca na bota”.

V - Faca na bota!

T - Ela era, sim! Mas ela era uma pessoa muito compreensiva, eu me lembro muito bem dela.

V - E a senhora estava falando das disciplinas, da estrutura do curso...

T - As disciplinas eu me lembro. Física não aprendemos nada, isto é verdade, mas Biologia foi muito bom, tanto que no vestibular eu tirei dez na faculdade. Biologia era uma baixinha, Ismênia, acho que era Física, e a outra era bem baixinha, mas ela faleceu em seguida porque era bem velha, muito boa professora de Biologia. O Dr. Gastão era professor de Anatomia, nós tínhamos Anatomia, tinha Psicologia, não me lembro quem era Psicologia, tínhamos vários professores. Até me lembro de um professor de Psicologia que veio, acho que no 2º Normal, era de Rio Grande, e ele chegou e veio fazer prova, passou cinco perguntas no quadro. Era prova e a dona Maria entrou na sala de aula, olhou e disse: professor, quer se retirar da sala de aula? Aquela diretora era assim, era diretora mesmo. Ela dizia: porque isto não é pergunta que se faça para uma turma de estudantes, o senhor vai lá no gabinete e escolhe duas perguntas difíceis, duas fáceis, duas médias ou uma fácil, tem que dosar e isso aí não está dosado. E ele teve que sair da sala de aula, nós ficamos esperando e ele voltou com as perguntas, ele colocou cinco perguntas difíceis.

V - Ela era bem firme?

T - Firme e mandava, não tinha nem explicação para ela. Agora, as outras disciplinas eu fiz, muita Educação Física, sabe que lá na Coptel existe, como vou te dizer, umas piscinas térmicas, não lembro agora o sobrenome deles, a dona Alda,

eles têm ainda lá, era professora de Educação Física. Eu gostava muito de fazer Educação Física, sempre fiz Educação Física com ela. Eu era assim... (mostrou uma foto).

V - Continua bonita.

T - Assim que eu era no Normal, eu tinha muita fotografia.

V - E material do curso, a senhora tem ainda?

T - Não, não.

V - Cadernos?

T - Não guardei nada, o que eu tinha guardado era muito material de recreacionista, quando eu fiz os cursos, mas depois fui dando pras pessoas, tipo, tu não tens isto, então leva. Guardar é muito difícil, porque levei uma vida muito agitada, quatro filhas, trabalhando de manhã, de tarde e de noite, então, não guardei material nenhum, porque com a umidade do nosso Sul tudo se deteriora, fica tudo estragado, né?

V - Verdade.

T - Uma vez deixei um livrinho de receita dentro de uma panela, quando vi já estava mofado.

V - Imagina, aqui é muito úmido!

T - É, muito úmido!

V - E sobre Matemática, a senhora lembra como era a Matemática? Tinha Didática da Matemática? Como era a disciplina de Didática da Matemática?

T - Tinha Didática, eles davam aula de Matemática, eu não lembro quem era o professor de Matemática, não consigo me lembrar. Mas tinha tanto que a gente, a Didática era a pior, todos os anos, tanto é que o nome da palavra é Didática, Didática mesmo, e tinha que ser aplicada em outras disciplinas, tanto é que se tu não passavas em Didática, tu não passavas no curso.

V - A Didática era a base?

T - Era base a Didática, tudo era Didática como eu te disse. Em Física eu não aprendi nada, mas eu acho que não teve Didática de Física, é que não tinha aplicação pra nós, normalistas, a Física pras crianças. Eu aprendi pouquíssimo de Física, tanto que tive que estudar Física pra fazer vestibular, na minha lembrança não tinha Didática em Física.

V - Mas tinha Didática da Matemática?

T - Tinha Didática da Matemática, Didática de Português, tinha de tudo. A Didática era uma matéria, assim, que nós tínhamos, não sei quantas aulas deveríamos ter por semana, bastante aulas.

V - E a senhora lembra o que vocês faziam nas aulas de Didática e quais eram os conteúdos?

T - Alguma coisa, assim, por exemplo, eles traziam problemas em sala de aula pras alunas resolverem, e tu ensinavas: por que o aluno não aprendia a dividir na Matemática? Por que não aprendia a dividir? Por que não aprendia a tabuada? Eles não sabiam, como vou te dizer... manual, não. Tinha que fazer cinco cubinhos, tu tens cinco coisas, mais cinco, olha aqui, muda aqui, muda ali. Eles faziam esta parte de explicar, tanto que todo mundo, depois que nós saímos do Normal, pra lecionar em qualquer outro lugar tinha que ter Didática, se não tivesse Didática, o professor não era contratado.

V - Tinha que ter na grade curricular Didática?

T - Tinha que ter Didática. E eu acho que era muito bom a Didática, porque todo o Curso Normal era baseado na Didática.

V - E esses trabalhos manuais, vocês faziam nas aulas de Didática? Confeccionavam os materiais?

T - Confeccionávamos materiais, nós éramos uma turma muito grande, 60 alunas, e confeccionávamos.

V - Era uma única turma? Não era dividido?

T - Ah, não! Eram 1º, 2º e 3º ano, eram 60 alunas, tinha outras turmas com outros normais.

V - Mas só a sua turma eram 60?

T - Eram 60, mas eu encontrei 18.

V - No dia da confraternização?

T - Eu não sei se tem mais outras vivas por aí, tudo de 80 anos, ninguém menos de 80 anos. Ainda tem a Terezinha Alan, que mora aqui em Pelotas, e ela está muito bem da cabeça também, ela era da minha turma. Várias pessoas.

V - E professores?

T - Nenhum encontrei, não sei mais nenhum, depois que eu saí do Normal daqui levei outra vida diferente. Porque eu morei em Santa Vitória do Palmar, e dali eu parti pra Porto Alegre, não tive muito contato com Pelotas, desapareceram os contatos de Pelotas, porque em Santa Vitória a região é Rio Grande. Então, pra mim, que já trabalhava, era Rio Grande ou Porto Alegre.

V - Aí a senhora retornou para Pelotas?

T - Retornei quando eu tinha as minhas filhas, a mais velha já tinha terminado o 2º grau e as outras, o grupinho estava atrás, e eu não conseguia, eu vi que lá era ruim, que o ensino estava mais fraco, e eu não tinha pulso suficiente. Assim, pra manter elas estudando, porque, para mim, sempre me preocupo em saber. Não precisa ser nota alta, mas tem que saber.

V - Claro.

T - E um dia eu juntei tudo e vim embora para Pelotas, foi todo mundo para o Assis Brasil.

V - E suas filhas voltaram a estudar no Assis Brasil?

T - A minha filha menor voltou a estudar no Assis Brasil, a menor, a outra foi para o Pelotense, a outra para o São José e a outra já tinha terminado o 2º grau.

V - E a senhora começou a dar aula em Pelotas?

T - Comecei a dar aula, ainda fiquei aquele ano, porque eu tinha licença-prêmio, e no outro, ano comecei no Sylvia Mello.

V - E no Assis Brasil, a senhora nunca deu aula?

T - Convidaram, mas como eu tinha comprado um apartamento lá na Duque, de frente pra Faculdade de Medicina, eu preferi não vir para o Assis Brasil. E convidaram, o Assis Brasil pra eu vir, eu estava de licença-prêmio e eu disse: não vou atravessar a cidade. Eu trabalhava dois horários.

V - Mas o coração quase que aceitou, porque o Assis Brasil é a escola do coração.

T - Era! No Assis Brasil era um uniforme lindo quando eu jogava vôlei, vermelho, marinho e branco. Muito bom!

V - Dona Terezinha, como a senhora avalia o ensino daquela época? O que a senhora tem para falar sobre o ensino.

T - Excelente! Eu, na minha família, no meu grupo, assim, oh, eu fiz o Normal com 60 colegas, a cabeça não estava ainda bem formada, eu não tinha ainda bem, tinha 17 anos e ainda estava meio voando, não é? Sabe como é, né? Jovem saindo de uma cidade pequena, vindo para uma cidade maior, mas nunca deixei de cumprir minhas obrigações do colégio, porque meus pais iriam me matar se eu não fosse a aula. Um dia, a dona Maria, diretora do Assis Brasil, me disse: tu estudas e frequentas as aulas, porque eu sou capaz de ir em qualquer lugar pegar minhas alunas. Ela me disse bem isso: não se percam por aí. Ela sabia. Nós éramos cinco de Santa Vitória, de Arroio Grande, de Jaguarão, de tudo que é lado, muita gente, várias regiões.

V - Por que não tinha o Curso Normal nessas cidades?

T - Não tinha, era o antigo Ginásio até a 4ª série ginasial. Nós viemos para o Normal, aí se agrupou, tinha gente daqui, de todas as regiões. E eu ia lá conversar, porque eu era presidente do grêmio, eu sempre me metia nessas coisas, e ela me dizia isto: porque eu sei que meninas andam frequentando lugares que não devem, eu sou capaz de ir buscar. Era uma diretora que se preocupava com a gente, hoje eu vejo a preocupação que ela tinha conosco, de cuidar dessas meninas que vinham de outras cidades, deslumbradas com Pelotas.

V - E vocês moravam onde?

T - Em pensões, eu morava ali perto da Anchieta, perto da Catedral. Depois, fui pra Gonçalves Chaves, fui morando em várias pensões. Tudo em pensões a gente morava, eles tinham pensões para meninas, alugavam o quarto. Nós íamos a pé para o Assis Brasil, dali da Anchieta. Eu acho que o ensino era bom, a gente tinha sempre tudo novo, não é como hoje, tudo era novo pra gente, elas exigiam coisas da gente, eu acho muito bom o ensino.

V - E aquilo que vocês aprendiam, vocês tinham microaulas para colocar em prática dentro do Assis Brasil? Davam aula para as crianças? Como funcionava isto?

T - Houve pequenos estágios, só pequenos estágios. Não foi assim, dar seis meses de aula, nem três meses, eram pequenas aulas avaliadas pelo professor de Didática e uma comissão. Eu nem me lembro, acho que dei duas aulas, a gente se preparava para dar aula de frente a uma comissão julgadora.

V - Eu fiz meu Curso Normal em Bagé, e era um professor que olhava essas microaulas, não era uma comissão julgadora.

T - Nós éramos três e a gente tremia. Agora tu falaste nisso e eu me lembrei, a gente estava tremendo lá no Assis Brasil para fazer uma aula dessas. Não sabia quem era a comissão julgadora, mas nós não fazíamos assim com professor, todo o dia essas aulas, eles explicavam na aula ou para o grupo inteiro, o grande grupo, mas nunca pegavam individual para tu fazer.

V - Para preparar a aula?

T - Não, tu tinhas que procurar aprender, se tu não ias lá na comissão, tu não passavas. Ninguém queria rodar, não é?

V - Sim, claro.

T - E tinha esse conceito também, principalmente, o meu grupo que era tudo de fora, ninguém queria rodar, mas a gente não fazia estágio como se faz hoje.

V - E esses materiais que a senhora falou que faziam, esses materiais, utilizavam dessas aulas?

T - Eram sorteados os pontos.

V - Eram sorteados os conteúdos?

T - Eram, conforme o ponto que tu era sorteada. Eu sempre queria o três, porque gostava do número três, aí tu tinhas um tempo para preparar a aula, aí tu procuravas os professores, se tu quisesse. O problema era teu de fazer, apresentar a aula para aquela comissão julgadora e o professor daquela disciplina estava lá, mais dois para avaliar.

V - E o professor da classe?

T - Sim, estava lá também, lá junto. E eu lembro duas vezes no Assis Brasil, nós fomos no 4º ano primário dar aula, e foi uma comissão avaliadora. Eu não me lembro o que eu dei, mas agora, olhando assim, me lembrando, eu vejo os alunos todos sentados. Porque todo mundo usava uniforme naquela época, eu vejo eles sentados numa sala fora, do lado do Assis Brasil, e eu fui lá dar aula e depois outra vez, lá em cima. Duas aulas que eu lembro de ter dado.

V - E os conteúdos a senhora não lembra?

T - Não.

V - Os conteúdos matemáticos trabalhados no curso, a senhora lembra?

T - Tem muita coisa, agora eu não me lembro, assim, tem muita coisa que a gente esquece, mas agora tu falando eu me lembrei das aulas que eu dei, duas aulas. Como a gente ficava nervosa! Não me lembro, assim, mas as aulas não eram muito grandes. Eu me lembro, eu acho que foi uma 4ª série, sobre problemas, eu não me lembro muito, isto aí não consigo lembrar. Sei que não foi, assim, uma tarde inteira, foi um pedaço. Assim, quatro, cinco davam aula naquele dia, naquela turma.

V - Não era uma tarde inteira só a senhora?

T - Não, não é isto que eu quero te dizer. Os conteúdos eram pequeninhos, poucas coisas, se caíam continhas para mim, era só continhas para mim, outro eu não sei como eles arrumavam. Eu não imagino como os professores faziam, deveriam se reunir e resolver o que eles iam pedir, né? Aí sorteavam para minha turma.

V - E no Curso Normal, a senhora tinha a Matemática e a Didática da Matemática?

T - Tinha a mesma coisa.

V - Era junto Matemática e Didática?

T - Não, Didática era Didática e Matemática era Matemática.

V - E a senhora lembra como eles ensinavam o conteúdo, tanto de Matemática quanto de Didática?

T - Não sei.

V - Os materiais e os métodos que eles utilizavam...

T - Não consigo lembrar o que eles usavam, só me lembro do professor de Didática. Eu tenho a impressão que o professor de Didática, naquela época de Normal, era tipo coordenador de todo o curso, porque ele interferia em todas as matérias.

V - E era um professor de Didática de Português, Didática da Matemática?

T - Não, não. Por isso que estou te dizendo. Eu não me lembro se ele era todas as disciplinas, mas o de Didática era de muitas disciplinas, não era só de uma não. Por isso que estou dizendo, não me lembro, mas acho que o professor de Didática era como um coordenador.

V - Sim.

T - Ele agrupava, não sei se por área, quem sabe não seria por área, Matemática, Física, Química e Biologia. Tínhamos Biologia também naquela época, tínhamos Anatomia. Acho, eu acho, não tenho certeza, o professor de Didática agrupava por disciplinas, por área. Eu acho, porque ele dava exatamente, professor de Português dava verbos, eu nunca gostei de Português. Era por área Didática, eu tenho a impressão que era por área que coordenava.

V - E a senhora sempre gostou mais de Matemática e Educação Física?

T - Olha, eu gostei sempre de Educação Física e Matemática, muito, até me arrependi. Não, não é me arrepender, porque eu poderia ter feito Matemática, era uma disciplina que depois de aposentada poderia continuar trabalhando. Apesar que, até hoje, eu larguei ano passado a prática de esporte.

V - A senhora me falou que tinha hoje de tarde atividade no SESC.

T - Não, no SESC, nas quintas, é reunião, mas eu adoro um esporte.

V - A senhora deu aula para aluno primário aqui em Pelotas?

T - Aqui eu dei quando fui para o Sylvia Mello, eu já tinha feito faculdade, vim para terminar minha carreira aqui.

V - A senhora trabalhou em Santa Vitória do Palmar?

T - Trabalhei, trabalhei em Porto Alegre e trabalhei mais em Santa Vitória, com 2º grau, e fui diretora. Fiz de tudo, mas muito mais com Educação Física, organizando jogos. Quando eu fazia faculdade em Porto Alegre, eu organizava jogos municipais em Santa Vitória, e agitávamos a cidade, sempre fui de congregar muita gente em volta de mim. Eu me vejo assim, mas gosto e adoro Matemática, mas também vejo que sempre congreguei, eu me dou com todo mundo neste condomínio.

V - Sim.

T - Se não é para ser professor numa disciplina que tu tens que conversar, manter os alunos em baixo da tua mão, não pode ser professor de Educação Física.

V - E a senhora chegou a trabalhar com crianças?

T - Sim, depois de formada. Ainda não existia aquele colégio militar, que agora tem, eles fizeram ali um grupo especial no Sylvia Mello, um grupo especial de 1ª à 4ª série. Eu quis fazer Mestrado nesta época, na Educação Física daqui, e me chamaram para lecionar, de 1ª à 4ª série, mas minha paixão é esporte, acabei dando handebol para todo mundo no Fragata de cima a baixo, a gurizada tudo adulta. Sábado eu ia para lá e ficava até meio dia, uma hora dando aula, ali eu trabalhei com os pequenos. É muito bom trabalhar com os pequeninhos.

V - E o que a senhora aprendeu no Assis Brasil chegou a colocar em prática com os pequenos?

T - O que aprendi no Assis Brasil, claro que coloquei! Eu fui para uma turma, quando eu voltei pra lá com contrato. Eu fui para uma turma de repetente, de quatro e cinco anos, alunos repetentes que não passavam em disciplina nenhuma, eu consegui recuperar seis daqueles que eram abandonados. Então, eu me sinto feliz da vida, porque tudo de prática que eu tinha era do Assis Brasil, porque eu me lembro, assim, falando contigo. Naquela época, o horário era das oito às onze, das onze às duas e das duas às cinco. Nos colégios tinham três horários, não tinha lugar, e em 58 eu comecei a trabalhar lá, me deram a pior turma, quando tu chegas

numa escola, o professor novo sempre botam a pior turma pra ti. E isto é certo, não tem como escapar disto e me deram aquela turma das onze as duas.

V - A senhora se formou em 1957 e em 1958 já estava dando aula?

T - Sim, em 58 estava dando aula. Eu fiz vestibular em 58, em Porto Alegre, eu estava lá e me chamaram, eu me vim pra trabalhar no Manoel Vicente do Amaral.

V - E a senhora lembra como eram suas aulas, como a senhora fazia pra ensinar Matemática?

T - Olha, eu sempre tive muita facilidade. Eu não sei por que, quando eu aprendi Matemática, quando eu estudei Matemática na casa de uma tia, lá fora, no campo, a minha tia me colocou de castigo porque eu não aprendia a tabuada, no grão de milho, de joelho. No grão de milho eu aprendi a tabuada que até hoje eu sei de cor e salteado, multiplicar e somar, eu sempre soube a tabuada. Eu exigia, fazia bastante exercícios pra que eles aprendessem a tabuada, que é essencial. Hoje, tu pergunta para um menino quanto é cinco mais oito e eles não sabem te responder. E eu fazia naquela época a tabuada: fulano, vamos lá, repete, repete, repete. Repetição que faz gravar. O repetitivo, sempre tive noção que repetir é que faz gravar as coisas, dois mais dois são quatro. Quanto é dois mais dois? É quatro. Quanto é dois mais dois? É quatro. Até que aquilo grava, porque tem coisas essenciais na vida que tu tens que gravar, porque nunca vai sair que dois mais dois são quatro. Tu podes fazer um mais três, são quatro, mas dois mais dois sempre será quatro, exato. Então, acho que o repetitivo tem que fazer, tem que fazer exercícios. As minhas filhas, a primeira eu fiquei brava, quis ensinar a tabuada, fiquei furiosa com ela, na quarta eu resolvi não ensinar Matemática, resolvi não ensinar, não queria. Ela tinha o professor dela e eu sempre respeitei os professores. Quando chegou na 4<sup>a</sup> série primária ela me disse um dia: mãe, eu não sei a tabuada. Ué, vamos aprender, se tu não sabes. Porque ela tem diferença de quatro anos menor que as outras, na rua nós íamos repetindo, na rua, quando caminhávamos da minha casa ao colégio, íamos fazendo Matemática, estudando tabuada, dois mais dois, três vezes três, quatro vezes quatro. Então, vamos aprender o básico.

V - Eu tenho a lembrança, quando eu fiz o primário, nós indo para a supervisora tomar a tabuada.

T - Eu sempre tomei na sala de aula, porque minhas aulas era eu que dava conta. Essa lembrança que eu tive daqui e outra lembrança que eu tive muito grande, que eu trabalhei em Porto Alegre, no jardim, porque meu marido morou lá e eu fui trabalhar lá. Naquela época, eu não tinha ainda faculdade, eu trabalhei em Caxias do Sul com 1ª série, e eu e outra menina nos demos muito bem, acho que é Miguel Méia o nome do colégio, e como Caxias é um centro italiano, e nós não éramos italianas, ela vinha de Vacaria e eu de Santa Vitória, nós éramos meio excluídas do grupo de professoras.

V - Bah!

T - Sim, lá tudo era velho, era um colégio grande no centro de Caxias e nós éramos mantidas mais longe, e nos deram duas primeiras séries, para mim e para ela, novinhos, e a gente conversava muito, conversava, conversava. Eu sempre fui muito de diálogo com os colegas meus, e eu fazia este diálogo tipo: o Paulinho, não consigo fazer ele aprender Português, não consigo fazer ele fazer isto. Fomos indo, fomos indo e começamos a fazer uma didática, criamos praticamente uma didática para fazer redação na 1ª série, entendeu?

V - Sim.

T - Nós fazíamos assim, a casa (desenho) é bonita, os adjetivos, o ovo é amarelo, então, entre o desenho, juntando, nós fazíamos escrever frases. Quando chegou no fim do ano, quase todos sabiam redaçãozinha pequeninha, claro, mas todos sabiam escrever aquilo ali. E, em setembro, explodiu a alfabetização, e aí nós juntamos a diretora, mudou a diretora nesta época, e nós convencemos a diretora a pegar meus alunos que não conseguiram vencer e foram pra classe dela, e os delas vieram para a minha classe, e fizemos duas turmas diferentes. Mas isto porque a diretora concordou e nós se juntamos. Todos os meus passaram, claro, os dela eram melhores, e ela ainda conseguiu recuperar três ou quatro daqueles que não iriam passar.

V - E em Matemática, eles eram bons também?

T - Era a mesma coisa, eram bons alunos, mas o problema são os hábitos das pessoas. Por exemplo, em Caxias eu descobri que tinha dois alunos que não

podiam entrar dentro de casa para fazer os temas, porque sujavam a casa e a mãe não queria que colocasse os pés dentro de casa, então, chegava do colégio, largava. Aí eu acho que não é só os professores, é em casa que é o problema, aí eu vim descobrir por outras pessoas, professores, amigos, que o menino chegava em casa, largava as bolsas tudo direitinho, porque italiano é fogo e não podia entrar dentro de casa pra não sujar a casa. Só quando ele vinha às sete horas, cansado de brincar e de correr, que ele podia entrar pra pegar os livros pra estudar, não tinha esta liberdade que tem hoje.

V - Sim.

T - Eu acho que os pais são os principais, porque eu criei quatro filhas, trabalhava de manhã e de tarde e depois Educação Física de noite. Duas horas da madrugada, três horas da madrugada eu me levantava, isto, uma vez por semana eu fazia, no mínimo, pegava todas as mochilas, ia lá para cozinha, bem longe, e examinava uma por uma.

V - De madrugada a senhora fazia isto?

T - O que elas estavam fazendo no colégio, porque eu não tinha tempo, entendesse?

V - Sim. Por isto, a senhora fazia de madrugada.

T - De madrugada, elas estavam tudo dormindo e eu olhava bilhetinhos e coisinhas. Os pais têm que estar atento aos filhos, porque se tu não esta atenta, a escola te dá conhecimento, mas não te dá educação. Eu acho que a escola a obrigação é só dar conhecimento, claro que a gente dentro do conhecimento procura dar uma disciplina, alguma coisa para os alunos, mas não é obrigado a dizer que tu não tens modos de sentar numa aula, a gente corrige: postura, gente! Mas não é a obrigação do professor fazer isto, é ensinar, os pais que tem que ajudarem e os pais não ajudam. Hoje em dia, e tu tens que saber a limitação de cada um, tu não vais querer que eu aprenda Álgebra, porque eu não vou aprender.

V - Claro, tem que saber na sala de aula o que cada aluno pode aprender.

T - O que podes, e nem por isso tu não vai dar zero para aquele aluno que não consegue aprender. Isto que eu me debatia muito com as colegas minhas, se eu te

conheço bem, eu sei que tu és fraco em Português, claro que eu não quero deixar que tu escrevas muito mal, mas se tu és médio, eu posso te dar uma nota, porque eu sei que tu não tens capacidade pra mais, tu tens que conhecer o teu aluno.

V – Sim.

T - Os professores hoje em dia trabalham tanto e não conhecem.

V - Matemática, a senhora fazia assim também?

T - O que que adianta eu colocar de castigo, eu nunca mandei de castigo pra casa, eu fiz na minha época, escrever todas as capitais do Brasil, da América, 200 vezes, que eles davam no Ginásio. Eu nunca fiz os alunos repetirem, fazia: vamos estudar a tabuada, vamos fazer isto, vamos aquilo, vamos somar. Incentivar, porque tu sabes a capacidade de cada um, tu tens que saber, mesmo que tu tenhas dez turmas, tu tens que aprender, tu tens que lidar. Professor tem que ter cabeça pra lidar com todas as turmas, se não passa por um armário, despeja a matéria, aprendeu, aprendeu, não aprendeu, não aprendeu.

V - Dona Terezinha, para finalizar, a senhora lembra de mais alguma coisa sobre Matemática no Instituto de Educação Assis Brasil?

T - Sobre a Matemática, deixa eu pensar um pouquinho sobre a Matemática... eu acho que a gente não tinha muitas aulas durante a semana, era só conteúdo de primário pra ensinar, como ensinar o primário. Não era assim, tu estás numa faculdade, tu estás vendo outros conteúdos, ou vamos imaginar assim, um conteúdo que tu tenhas desde lá, do primário, e depois tu vais aperfeiçoando este conhecimento. Lá não, no Normal tu voltavas pra Matemática, de como ensinar Matemática, como fazer somar, como fazer a dezena, a centena. Os conceitos básicos, é isso que eles ensinavam na Matemática.

V - Como fazer?

T - Sim, quando eu fiz de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série aprendi dezena, centena e unidade. E eu não tenho bem certeza, mas eu acho que não aprendi nada de Matemática, outras coisas, eu voltei para aquela Matemática de como ensinar um aluno a saber uma centena, como ensinar um aluno a ver uma dezena. Entendes?

V - Sim.

T - A minha Matemática não foi aperfeiçoada no Normal, para acrescentar conhecimento, foi baseada para que eu soubesse fazer aquela disciplina, dar para aqueles alunos.

V - A ensinar eles?

T - Ensinar eles, eu não lembro nada de Matemática, passei muito bem em Matemática, não tenho problema nenhum. E eu lembro deles ensinando a fazer os quadradinhos, os ensinavam de maneiras diferentes, como fazer as dezenas e centenas, porque depois a professora de didática que exigia aquilo dali.

V - Tem mais alguma lembrança, alguma coisa que eu não perguntei que a senhora queira colocar?

T - Eu achei ótimo o Normal, não tenho nada pra acrescentar. O Assis Brasil sempre foi muito bom pra mim, nossa turma era muito boa. Eu acho que só acrescentou conhecimento e vivências, muitas vivências no Assis Brasil, eu não tinha esta capacidade de vivência com as pessoas, o Normal faz isto com a gente, não é como um Curso Técnico. Eu já trabalhei com o Curso Técnico, trabalhava com o Curso técnico lá em Santa Vitória, 1º, 2º e 3º ano Científico, não tem aquela vivência que a gente aprende no Normal. O Normal, ele dá uma característica, agora não sei, estou afastada muito e muitos anos, mas aquela época dava uma característica de tu conviver melhor com as pessoas, é isso aí que eu acho.

Agradecimentos finais.

Entrevista: Marina Laranjeira (M)

Entrevistador: Vinícius Kercher (V)

Tempo da entrevista: 23' 15''

Pelotas, 9 de novembro de 2017

Local: Escola Particular Érico Veríssimo.

V - Bom dia, professora Marina Laranjeira.

M - Bom dia.

V - Eu estou fazendo minha pesquisa de Mestrado, sobre Memória da Matemática na Formação de Professores Primários no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, entre os anos de 1947 e 1971, e me informaram que a senhora atuou na Escola Assis Brasil nesta Época...

M - Atuei, fui aluna até 1962 e depois fiz um concurso e fui trabalhar lá. Foi quando a escola se transformou em Instituto de Educação, era uma escola Normal, e aí fizeram um concurso em todo o estado onde tinha Instituto de Educação e contrataram 15 professoras pra trabalhar na escola. Então, já comecei a trabalhar em 1962.

V - E quais as lembranças que a senhora possui de quando trabalhava no Curso Normal do Assis Brasil?

M - Ah, o Curso Normal era ótimo, havia muitas turmas de alunos e havia uma diretora, professora Zilda Morrone, que proporcionava tudo que tu quisesse. Ah, podes imaginar, aquela época do mimeógrafo estava surgindo, não é como hoje que tira xerox a hora que tu queres. Então, ela dava todas as condições para fazeres o que tu imaginavas e o que tu achavas que era melhor para os alunos. Além disso, naquela época, as escolas cobravam uma taxa escolar, as escolas estaduais, de todos os alunos, de acordo com as possibilidades de cada aluno. Então, havia dinheiro sobrando pra tudo, tu podias pensar o que tu quisesse fazer e a escola dava um jeito.

V - Dava todo o suporte?

M - Material didático, que naquela época não havia, como é que vou te dizer, assim, os recursos que é hoje, inclusive a própria internet. É como eu te disse, a gente usava o mimeógrafo, que estava surgindo, e deu muita possibilidade para a gente trabalhar, e a nossa turma de alunas do Curso Normal era muito unida, nós somos amigas inclusive até hoje, e nos reunimos. Fizemos esses tempos 55 anos de formadas e nos encontramos, trocamos ideias, embora estejam todas aposentadas.

V - A senhora lembra como era a estrutura do Curso Normal naquela época?

M - Lembro, tinha a parte de Cultura Geral, que era o 1º ano, depois tinha a parte didática pedagógica, que era o 2º e 3º ano, e depois havia o estágio. Inclusive, eu fiz o estágio quando eu tirei o Curso Normal.

V - A senhora tinha me falado do material didático.

M - A gente confeccionava material, porque naquela época não tinha, não havia, por exemplo, esse tipo de recurso que tu está vendo aí. Não tinha, tinha que fazer de papelão, mas, na verdade, a utilidade dele é a mesma, papelão e madeira tu podes trabalhar o que tu queres. Claro que a duração desse material de madeira e aparência é muito melhor, só que naquela época ninguém conhecia, então, tu aproveitava tudo isto para trabalhar.

V - E a senhora trabalhava Didática da Matemática e confeccionava esses materiais com as alunas?

M - Fazia esses materiais, eles faziam estes materiais, materiais de frações. Inclusive, materiais de frações eu até acho que tenho um aí que eu posso te mostrar.

V - Ah, seria interessante pra colocar na pesquisa.

M - Eu até tenho aqui uns que a gente usava tá, e ainda usa, mas só que naquela época era de papelão.

V - Da outra vez que eu estive aqui a senhora comentou que utilizava material cuisenaire?

M - Sim, cuisenaire, que sumiu de circulação, não se ouve mais falar, não sei se era um material difícil de confeccionar, mas era excelente pra aprenderem a multiplicação e a divisão, mas sumiu, não ouve mais falar.

V - E a disciplina Didática da Matemática também era responsável por trabalhar com materiais concretos e confeccionar materiais na formação de professores?

M - Sim, e as alunas, inclusive, antes do estágio, praticavam as aulas do curso primário do Assis Brasil.

V - Antes do estágio?

M - Antes do estágio elas faziam, elas iam dar aula, elas assistiam às aulas dos professores que trabalhavam no Assis Brasil, já iam com essas condições, que seriam observadas pelos alunos.

V - Eles tinham tipo uma microaula antes de irem para escolas então?

M - Antes deles trabalharem todo dia, além do que eles faziam, faziam Didática de Linguagem, Literatura, faziam Matemática, Estudos Sociais e Ciências.

V - Então, deixa eu ver se eu entendi, o que a senhora ensinava na Didática da Matemática eles aplicavam na escola para os alunos do currículo?

M - Do currículo, inclusive naquela época o Centro de Pesquisas de Orientações do Estado, CPOE, que mandava parte de Ciências, eu não me lembro, assim, exatamente como era, mas tinha estágio de experiências que as alunas tinham que fazer a parte prática por ano, e, naquela época, as provas vinham de Porto Alegre, lacradas como no ENEM. Entendesse?

V - Interessante.

M - Essas provas vinham de Porto Alegre.

V - Sim, vinham da secretaria?

M - Sim, e de Porto Alegre.

V - Professora, essas provas vinham de Porto Alegre lacradas e condiziam com os conteúdos?

M - Condiziam, só que um ano eles colocaram em Estudos Sociais, eu me lembro que ninguém tinha trabalhado nem estudado José Plácido, tu conheces José Plácido?

V - Não.

M - Ele era de São Gabriel, e foi ele que conquistou o Acre para o Brasil, e veio nas provas, e veio para o 4º ou 5º ano, não me lembro, e foi um horror porque ninguém tinha dado. A partir daquele ano começaram a trabalhar José Plácido.

V - Trabalhavam também de acordo com a prova?

M - Sim.

V - A Senhora me falou que o Curso Normal era ótimo e a senhora avalia com essas palavras o ensino do curso na época?

M - Excelente. Prova é que os professores que tu recebes que tem Pedagogia, mas não tiraram magistério, a diferença é grande. Por exemplo, no Curso Normal e no Magistério, que depois se transformou, tu aprendias a fazer tipos de questões, entendesse? Bem feitas, bem organizadas, na Didática da Linguagem, por exemplo, a gente dava o texto pro aluno, e ele, para fazer a interpretação, que não adianta tu dar um texto e dizer assim: resume o texto. O aluno não tem condições de resumir, 13, 14, 15 anos e olhe lá, então, tu tinha que inventar perguntas para aquele texto e, ao inventar perguntas para aquele texto, tu interpretava o texto também, aprendia a interpretar porque tu dá um texto para o aluno e faz quatro perguntas. Ele não vai chegar àquilo que tu queres, e tu tens que variar, e tu pode fazer até para 2º ano, como se diz, as pegadinhas, tipo ENEM.

V - Sim.

M - Entendesse?

V - Claro, entendi.

M - Parece uma coisa e não é, isto tu podes treinar desde pequeno.

V - E na Didática da Matemática a senhora também vê essa diferença?

M - Claro, e tu sabes que o maior problema da Matemática, entre os quatro e cinco anos, quatro e cinco não, cinco e seis, eles ter a noção de um porquê. Se tu fizeres aquela experiência... eu não me lembro quem é o autor, tu colocas água num pote pequeno e coloca um pote grande, aí tu passas a água do pote pequeno para o pote grande, enche de novo o pote pequeno e tu perguntas: onde há mais água? Ele vai te dizer que é no grande, por que? Porque ele ainda não tem a noção.

V - E a senhora trabalhava esse tipo de experiência no Assis Brasil?

M - Sim, e acredito que fazem até hoje, eu acho. Não sei por que não tenho mais ideia, e o curso preparava para tudo isso. No começo, tinha técnicas e incentivavam, eu estou te falando a experiência que eu tive no Instituto de Educação Assis Brasil, e essas provas que vinham eram ótimas porque tu não sabias o que ia cair.

V - Era surpresa?

M - Era surpresa. É como te contei dessa do José Plácido, ninguém conhecia e nem sabiam quem era. No Acre, há muitos lugares homenageando ele, e eu me lembro que ele era de São Gabriel.

V - Professora, me fale mais alguma coisa que a senhora lembra do conteúdo de Matemática.

M - Eu lembro das frações, que te disse, desse material das frações, me lembro do metro cúbico que se fazia para eles terem noção do que é o metro cúbico, porque tem gente que não atina metro cúbico, nem metro quadrado. Para ti calcular o perímetro, para calcular a área são duas coisas diferentes, né? Então, o que acontece, eles tinham que ver, hoje eu não vejo mais isso. Fazia-se, entendesse? Depois, para comparar metro cúbico. Litro, então, elas olhavam, colocavam a mão e elas faziam esse material, coisas de medir também, para medirem em casa, para a criança ter a noção que começa do zero, senão ele começa do um.

V - Sim.

M - Olha, estou vendo como eu me lembro das coisas!

V - Olha, interessante, isso vai enriquecer bastante o trabalho!

M - Agora eu estou te falando a minha experiência.

V - Mas é o que eu preciso, da sua experiência.

M - Não sei de outras escolas, mas eu acho que mais ou menos era tudo nivelado.

V - Esses materiais confeccionados, todos eram feitos pelas normalistas e elas aplicavam nas turmas das séries iniciais?

M - Elas levavam os materiais para elas trabalharem nas aulas.

V - E como vocês eram orientadas o que ensinar? Da onde vinham os conteúdos?

M - Vinham do grupo do CPOE, que eu te disse, Centro de Pesquisa e Orientação, vinham os conteúdos, uma listagem, e tu podia usar aquilo e aumentar, mas tinha aquele mínimo que tu tinhas que dar.

V - E vocês cumpriam a riscas essas orientações?

M - Sim, aquilo tu tinhas que fazer. Inclusive eu me lembro que quando eu tirei o Curso Normal, para ti ver como foi bem trabalhado, foi o Panamericanismo, então, se trabalhou, então, se trabalhou. Cada grupo aprendia música de todos os países, eu me lembro de uma música peruana, que depois o Caetano Veloso gravou, como era o nome... agora eu não me lembro do nome da música, tinha música mexicana, tinha música americana.

V - Sim.

M - Vê bem como eu me lembro! Inclusive, pintores a gente estudava, de toda a América, porque era o Panamericanismo.

V - Então, a senhora trabalhou várias disciplinas no Curso Normal, além da Didática da Matemática?

M - Sim, tinha coro, todo mundo cantava. Como eu te disse, no Panamericanismo houve essas variedades de todas as matérias.

V - E com as normalistas, a senhora chegou alguma vez a trabalhar com estágio supervisionado?

M - Sim, seis meses.

V - E como a senhora via a questão, o que elas aprendiam em suas aulas de Didática da Matemática, elas colocavam em prática quando ministravam as microaulas? Como a senhora avalia essas aulas?

M - Sim, eu avalio agora, estou avaliando de uma outra maneira, eu não me lembro como era quando eu era jovem, entendesse? Eu fiz esse estágio e utilizava, não só eu como todo mundo, utilizavam essas práticas, e tinham que fazer porque se tu não fizesses não seria aprovada, não receberias o título.

V - E qual era o período do Curso Normal naquela época?

M - O curso era três anos e o estágio seis meses, tu não tinhas o título se tu não fizesses o estágio.

V - A senhora foi aluna e foi professora também, a senhora viu alguma diferença do que a senhora aprendeu para o que a senhora ensinou?

M - Eu via muita diferença é no interesse das alunas. No meu tempo, a gente era interessada, fazíamos as coisas, procurávamos ir além. O problema, eu acho, do Magistério, é que não adianta tu só ensinar o feijão com arroz. Vamos supor, tu tens que incentivar o aluno a ir além, não se limitar. Por exemplo, se tu és interessado, onde tu estiveres, e tu achas que tens algumas coisas que vai interessar, tu tens que aproveitar aquilo dentro da tua sala de aula. Por exemplo, não sei se tu visses esse problema do bullying.

V - Sim.

M - Esta inspiração tu tens que ter dentro de ti, de querer que o outro melhore, eu sou do tempo que era Curso Normal e a gente olhava os cadernos dos alunos, corrigia ortografia e arrumava.

V - Fazia acompanhamento individual.

M - Sim, eu lembro até hoje.

V - E a questão de resolução de problemas, a senhora lembra como era trabalhado? Era diferente de como é agora?

M - Agora, uma coisa que se usa agora, e inclusive veio em um autor de livro aqui na escola, que não se fazia naquela época, que eu acho excelente, é pegar esses

folders, os folhetos que as lojas distribuem, e dar para os alunos formularem problemas, que tu sabes que, com a máquina de calcular, muitos, não sei te dizer qual é o nome do neurônio do cérebro que o aluno não utiliza, e faz falta de fazeres isto. Eu tinha uma amiga, tu vês bem, que fugiu da guerra na Europa, e ela sabia fazer conta de multiplicar oralmente, por exemplo, 325 vezes 114, sem escrever. Aquilo agitava a cabeça dela e ela foi treinada para aquilo, fazia com que ela depois pensasse outras coisas. Mas o que esse professor falou e o que se faz, eu pelo menos, aqui no Érico Veríssimo, a gente faz é aproveitar esses folhetos proporcionais, e eles fazerem problemas, como nós temos a facilidade do Uruguai aqui perto, tu és da região de Bagé?

V - Sim, sou de Bagé.

M - Então, vocês tem a proximidade ali de Aceguá, pegar os folhetos que fazem e transformar, e ver. Por exemplo, vai lá compra uma sanduicheira, custa tanto, e transforma em reais, e o que tu gastasse na gasolina para ir lá, e a comida que tu fizeste e lanche. Entendes?

V - Sim, é uma excelente ideia!

M - Isso não se fazia naquela época.

V - Não trabalhava com a realidade?

M - Não se trabalhava com a realidade.

V - E os conteúdos vinham deste grupo?

M - Sim, mas podia aproveitar porque tinha lucro, tinha porcentagem. Naquela época, tinha, mas era uma realidade diferente, por exemplo, até porque, naquela época, compras a crédito nem existia muito, quando se fazia era no caderno, isso era uma coisa que não fazíamos e eu acho maravilhoso.

V - Durante a sua prática docente, esse tipo de metodologia, a senhora não aprendeu no Assis Brasil, quando a senhora foi aluna?

M - Não, não, aprendi, a vida te ensina. Como, por exemplo, que a gente dá muito aqui as tirinhas, eles aproveitam, aproveitam no ENEM, e naquela época não tinha quase. Entendes?

V - Sim.

M - Então, nós podíamos aproveitar, estou falando num tempo bem mais antigo, não estou falando de 1990, quando eu me aposentei, em 1993.

V - E outros tipos de material como o dourado, vocês faziam no Curso Normal?

M - Não, naquela época ainda não tinha.

V - A senhora lembra de mais alguma coisa que o curso oferecia naquela época?

M - Ah, eu lembro de uma vendinha que nós fazíamos, armávamos uma barraquinha, um mercadinho, e os alunos iam fazer as comprinhas, um tirava as notinhas, outro dava o troco, isso nós fazíamos. Mas, assim, buscando os preços ali que tu achavas, utilizando esses materiais didáticos.

V - Tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar que eu não mencionei aqui?

M - Não me lembro, assim, essas coisas são duas coisas básicas.

V - A senhora começou a trabalhar em 1962 e foi até 1993?

M - 1993. Eu fiz concurso e passei, e trabalhei com Didática da Matemática, Linguagem e Geral. Como é bom recordar!

Agradecimentos finais.

Entrevistada: Iony Naura Carrico Dias da Costa (I)

Entrevistador: Vinícius Kercher (V)

Tempo da entrevista: 25' 09''

Pelotas, 17 de maio de 2018.

Local: sua residência, rua Gonçalves Chaves, 4221.

V - Boa tarde, Dona Iony.

I - Boa tarde, Vinícius.

V - Meu nome é Vinícius, sou aluno do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação daqui da UFPel, eu estou fazendo um trabalho de pesquisa através da metodologia da História Oral, sobre Memórias na Formação de Professores no Curso Normal, entre 1947 e 1971, e me informaram que a senhora estudou no Assis Brasil.

I - A vida inteira, do Jardim até o Magistério.

V - E a senhora fez Curso Normal lá e seguiu exercendo a função de professora?

I - Sim, depois fui pra faculdade, nunca parei.

V - Nunca parou!

I - Me aposentei em 2000 e... acho que 2004, Vinícius.

V - 2004?

I - É, acho que em 2004 eu me aposentei.

V - E quando a senhora se formou?

I - Na faculdade?

V - Não, no Curso Normal.

I - Ih, Vinícius! Vamos voltar lá atrás, em 67, eu acho que metade de 68.

V - Metade de 68?

I - Acho, acho.

V - Minha pesquisa vai até 1971, a senhora se enquadra.

I - É.

V - A senhora podia me dizer quais lembranças possui da época que estudou no Curso Normal, no Instituto Assis Brasil?

I - Em relação a que?

V - Suas lembranças, o que a senhora lembra de quando estudou.

I - Nada com a Matemática?

V - Também com Matemática, tudo que a senhora lembrar.

I - Eu fiz estágio numa vila muito pobre, chamava-se Vila dos Agachados, no fim da Avenida Bento Gonçalves, hoje é o Condomínio Village. Era apenas uma peça de madeira, um chalé grande dividido em quatro partes, e a casa, a casinha do guarda, ficava a uns dez metros, dez passos do colégio. Era uma vila muito perigosa, e a vivência daqueles alunos não tinha, para mim, nada a ver com problemas de Matemática. O que eu poderia desenvolver numa 2ª série como prova do meu estágio? Os alunos pediam coisas na rua, eles pediam comida e pediam dinheiro, então, eles tinham muito mais experiência do que aquilo que eu passaria para eles.

V - Sim.

I - A respeito de troco, especificamente, lembro que pretendia ensinar as crianças com dinheiro, e eu me lembro que falei, nesta ocasião, com minha orientadora, e disse para ela exatamente isto que estou te dizendo, que eu me sentia até, assim, até abobalhada, que eles sabiam muito mais do que aquilo que estava no planejamento. Eu perguntei se eu podia ir além, ela me disse: não.

V - Não podia ir além daquilo que estava no conteúdo?

I - Que eu tinha que seguir o programa. Foi a primeira decepção, porque eles sabiam muito, muito mais, pelas vivências. Achei, assim, sabe, aquilo me marcou, sabe.

V - Sim.

I - Eles tinham muito mais pra dar do que aquele planejamento ali, mas era um estágio, eu tinha que fazer, não é?

V - Claro.

I - Gostasse ou não gostasse, não é, Vinícius?

V - Era o estágio pra ter o diploma de professora?

I - Diploma de professora. Depois eu trabalhei na rede municipal, na rede particular, na rede privada, e trabalhei muitos anos no SENAC. Depois, mais perto de me aposentar, fui pra Delegacia de Ensino, eu sou inspetora, minha especialização é em Inspeção Escolar.

V - Sim.

I - A legislação escolar me envolve.

V - Eu gosto muito desta parte.

I - É muito boa, muito, muito boa. Eu gosto muito de trabalhar com isto, então, assim, eu tenho todos os tipos de experiências que tu podes imaginar, de alunos pobres, alunos médios, alunos ricos, alunos adultos, alunos criança e alunos adolescentes.

V - Sim.

I - Trabalhei com todos.

V - E específico de quando a senhora estudou no Curso Normal, tem alguma coisa que lhe marcou durante o seu estudo?

I - Não só durante o Normal, mas durante uma vida inteira, né, Vinícius?

V - Uma vida inteira no Assis Brasil?

I - Tenho experiências maravilhosas, que jamais vou esquecer. O Assis Brasil mora no meu coração, pessoas e professores do Assis Brasil, além de experiências muito ricas.

V - A senhora tem contato com alguma professora do Curso Normal?

I - Das minhas?

V - É, que lhe deu aula no Curso Normal.

I - Tenho, até tenho. Maria Helena Martins, depois, foi trabalhar na Católica, também tive contato com ela na Católica, a gente se encontra de vez em quando, né?

V - Sim.

I - Também a professora Vilma Rosa, só tenho experiências boas, só coisas boas.

V - E a senhora lembra como era a estrutura do Curso Normal naquela época, como ele era organizado?

I - Aí é que está Vinícius, não vou me lembrar para te dizer.

V - As disciplinas do curso...

I - Tinham todas as didáticas, a Didática Geral, depois as didáticas específicas.

V - De cada disciplina?

I - É, é, um curso muito voltado para a Psicologia, ainda nem tinha faculdade de Psicologia aqui. Então, tudo que a gente aprendia a respeito de aprendizagem, na Universidade, era baseado na Psicologia.

V - Tinha Didática da Matemática, Didática de Português, Didática de Ciências?

I - Sim, sim.

V - E o que vocês faziam nessas aulas de Didática? Como eram essas aulas?

I - A gente usava as técnicas que aprendíamos na Didática Geral, escolhíamos um assunto e sobre aquele assunto dávamos uma aula. Eu preparava uma aula, desenvolvia a disciplina, que era o conteúdo dentro de uma técnica que a didática te apresentava.

V - E vocês faziam materiais para trabalhar com as crianças?

I - Ah, sim, tudo, tudo, tudo na base do material.

V - E a senhora lembra de algum material que fizeram? A senhora não guardou esses tipos de materiais?

I - Não, não Vinícius. Eu me lembro que a gente fez uma vez alguma coisa com papel higiênico, deu um trabalho horroroso, era uma máscara, era alguma coisa que a gente moldava e molhava aquele papel higiênico, montava, eu acho, que era uma máscara que a gente fazia. Isso eu lembro que dava um trabalho!

V - Isto em qual a Didática?

I - Ah, não lembro.

V - E de Matemática, a senhora lembra de alguma coisa que fez na Didática de Matemática?

I - Material concreto, a gente fazia muito material concreto. Aquele o Ábaco a gente construiu, coisas para as crianças contarem.

V - Material de contagem.

I - Nós fazíamos com qualquer material, caixinha, vidrinho, tornávamos bonitinha uma coisa que era feia, né?

V - Sim.

I - Forrávamos as caixinhas de fósforo, aí tu tornavas aquilo aprazível para as crianças manusearem e aprenderem.

V - Nessas aulas de Didática da Matemática?

I - Sim, sim.

V - E onde vocês aplicavam essas aulas? Eram como os alunos do Assis Brasil?

I - Tudo no estágio, esse material a gente já guardava. Nós iríamos utilizar tudo no estágio e realmente utilizamos.

V - Essas microaulas, digamos, eram lá dentro do Assis Brasil?

I - Dentro do Assis Brasil. Ah, não, assim, eles tinham um material variado para contar, para aprender, as aulas eram muito materiais, só que o mundo deles, mesmo, onde eu fiz estágio, era um lugar muito pobre, eles não teriam nem condições pra isso.

V - A senhora tinha muita criatividade para produzir o material?

I - Sim, sim. Eram alunos muito carentes de tudo, de moral, de dinheiro, de comida e de tudo, Vinícius! Tu entravas naquele bairro, era outro mundo, né? Eu tinha uma aluna, lembro o nome dela, a Rosinha, quando a gente atravessava a vila, tinha um canal no meio, de água suja, e, às vezes, eu passava e tinha uma mulher sentada, ela molhava o pente com aquela água com fezes e se penteava, aquilo me dava um arrepio, Vinícius! As casas ficavam do lado desse canal e um dia essa Rosinha disse assim: professora... Eu vi que o guarda foi lá e discutiu com a mãe dela, uma coisa que eu não sei o que era, eu já fui colocando as crianças pra dentro. Professora, minha mãe pegou meu pai e minha irmã lá na charrete. Ai, Vinícius, eu quase tive um troço! Eles contavam dentro de aula, com a maior neutralidade. Então, era pai com filha, tinha um pai e uma filha que anos ficavam na Avenida Bento Gonçalves, esquina Gonçalves Chaves, vendendo melancia, era um monte de crianças. Era pai e filha, era uma pobreza, assim, em todos os sentidos que tu possas imaginar.

V - De moral e de costumes?

I - Tudo, tudo! Era uma vila muito, muito pobre.

V - E a senhora queria fazer além daquilo que estava nos conteúdos?

I - E tem uma de Natal, que é muito bonita esta história. Eu nunca perguntei pra irmã Assunta se foi ela, nós temos aqui a irmã Assunta, trabalha com medicação, ela faz remédio, consulta, fez acho que 90 e tantos anos agora, bem pouco tempo. E eu lembro que no Natal tinha uma dessas mulheres grávida, a irmã Assunta, a história que eu soube na vila foi essa, que a irmã entrou e a mulher estava tendo um filho sozinha e a irmã teria dito: que Deus me ajude. Levantou as mangas e foi ajudar ela a ter um filho, foi uma época de Natal. Eu até hoje nunca falei com a irmã Assunta sobre isto, mas como ela é a irmã Assunta, e era ela que fazia esta caridade lá, eu acho que foi ela, até um parto ela fez, não tinham nada, nada.

V - E a senhora fez estágio lá?

I - Fiz.

V - Os conteúdos que vinham para vocês trabalhar vinham do Assis Brasil ou da Secretaria de Educação?

I - Não, do Assis Brasil.

V - Tinha que trabalhar tal qual estava ali?

I - Tudo nos moldes da legislação, tudo de acordo com o conteúdo estipulado.

V - E quem criava estes conteúdos?

I - Ah, tinha uns livros, a página dobrada em três, com conteúdos, com exercícios e todas as coisas, eram mais de um desses livros. A gente chamava de blocos, mas era mais de um, então, a gente trabalhava em cima daquilo que, na ocasião, o estado todo usava.

V - Mas o estado todo usava? Então, ele não era feito no Assis Brasil?

I - Não, não! Aquilo era feito, não sei onde era feito, não lembro pra te dizer.

V - Sim.

I - Mas a gente trabalhava com aquele conteúdo, era o conteúdo das séries, dentro dos modos do conteúdo que o estado usava e a legislação permitia, né?

V - Claro. E como que senhora avalia a estrutura do curso, o ensino do curso, naquela época?

I - Maravilhoso, maravilhoso!

V - Avalia positivamente, então?

I - Maravilhoso! Tomara que continue tão bom quanto era!

V - Sim.

I - Tomara!

V - O que a senhora aprendeu no Assis Brasil conseguiu colocar em prática?

I - Sim, sim. Eu saí com uma experiência tremenda, tu saí dali pra lidar com crianças.

V - O Curso Normal te da esta bagagem, eu fiz Curso Normal.

I - Fizeste também?

V - Fiz!

I - Ele dá para gente isto daí, eu achei maravilhoso meu Curso Normal, boas lembranças dele.

V - Os conteúdos que a senhora trabalhou, que aprendeu no Assis Brasil, na Didática da Matemática, como que os professores faziam para ensinar vocês a dar aula?

I - A Didática nos ensinava a maneira de dar aula.

V - E como os professores ensinavam vocês a ensinar eles?

I - Com muito cartaz e muita técnica. Eu me lembro, tinha uma técnica que a gente fazia com um cabide, não me lembro o nome da técnica, começa tudo a partir de um cabide, até tu chegar onde querias, mas não lembro o que era isto.

V - Eles ensinavam com técnica, deixa eu ver se entendi, o que vocês deveriam desenvolver com as crianças vocês aprendiam ali?

I - Sim, sim.

V - Bem interessante!

I - As técnicas de aprendizagem todas ali, e a Didática Geral nos dava suporte para a gente poder trabalhar.

V - E a senhora poderia me falar mais sobre a Matemática do curso?

I - A experiência que eu tenho da Matemática foi isto que eu te contei.

V - A senhora utilizou como primeira palavra “decepção”, por que não pode trabalhar o conteúdo?

I - Sim, eu achava assim, eles tinham outras vivências, era como se eu tivesse brincando de teatrinho como eles. Eu lembro que a gente trabalhava centavos e eles já estavam no cruzeiro. Era bem assim, tu começavas a trabalhar com centavos, mas eles pediam dinheiro, eles conheciam notas de dinheiro e conheciam cruzeiros, era cruzeiro naquela época. Então, é um absurdo, eu não posso, tenho que ir adiante, mas não consegui!

V - E, quando a senhora foi dar aula, aí a senhora conseguiu colocar em prática a sua metodologia?

I - Sim, sim.

V - E este sentimento de decepção passou?

I - Passou. Encarei como uma coisa que estava dentro do estágio, era uma previsão feita pela, caso, minha orientadora, era ela que orientava o estágio e ela tomou esta atitude, tudo bem.

V - E lembrança de Matemática enquanto aluna na sala de aula no IEAB?

I - Péssima, péssima! Eu odiava Matemática, odiava a Matemática!

V - Odiava a Matemática ou a Didática da Matemática?

I - A Matemática, Didática não!

V - E como os professores passavam conteúdo de Matemática na época?

I - Quadro, o quadro verde, mas eu tinha um pânico de Matemática!

V - E passavam Matemática do Ensino Médio ou Matemática para ensinar para as crianças?

I - Ensino Médio. Tinha uma parte que era das crianças, como te digo, como tu iria trabalhar com as crianças, tal assunto, mas a Matemática em si, eu fui uma aluna muito fraca sempre em Matemática, eu tinha medo de Matemática até conhecer o professor Lino. Tu não conheces o professor Lino Soares, de Matemática?

V - Já li o nome dele.

I - É um deus, é um autodidata, tu queres saber de Matemática, entrevista ele.

V - Ele deu aula no Curso Normal?

I - Não, não, foi meu delegado de ensino, dá aula na faculdade, ele é muito velho, está o professor Lino. Uma vez, eu convidei ele para ir numa escola que eu trabalhava, trabalhava Matemática com as crianças, precisava ver, nunca teve didática na vida dele, tem livros publicados e tudo. Aquilo flui, flui, assim, o professor Lino é algo!

V - E qual a faculdade a senhora fez?

I - Pedagogia.

V - Eu gosto de Pedagogia também, mas eu fiz Matemática.

I - É, fizeste Matemática. Eu dizia para o professor Lino: eu tenho pânico de Matemática. Ele ria e dizia: te criaram um bloqueio.

V - E o que a senhora aprendeu no Curso Normal colocou em prática?

I - Sim, sim, tudo, tudo, nada foi inútil. Por isto que eu digo, tomara que ele esteja tão bom, o Curso Normal hoje, como ele era.

V - As práticas pedagógicas dos professores de Matemática, como a senhora avalia?

I - Boas, boas! Não tenho nada contra para falar das práticas pedagógicas, não tenho nada contra, não.

V - Avalia positivamente as práticas, tanto de Didática quanto de Matemática?

I - Sim, sim.

V - Para a gente finalizar nossa entrevista, a senhora lembra de mais alguma coisa sobre a Matemática no Instituto Assis Brasil?

I - Eu tinha uma professora, não lembro se o nome era Naugea, uma senhora já de idade, ela era brava, era alta e eu tinha um medo dela, professora de Matemática. Depois, eu tive uma de Matemática maravilhosa, dona Iracema, se eu não me engano, o oposto da dona Naugea. Não que a dona Naugea não fosse boa professora, era excelente, mas eu já tinha medo da Matemática, imagina, com uma professora brava eu nem falava. Depois, eu tive a dona Iracema, que era um doce, tinha uma calma para explicar, um jeitinho de levar, mas não tenho recordações ruins, não, só recordações boas.

V - Quem estudou no Assis Brasil tem a escola no coração.

I - Eu passei a vida inteira lá dentro, conheço cada buraco do Assis Brasil.

V - A senhora nunca voltou a dar aula lá depois?

I - Não, até uma vez queriam me levar pra lá, um delegado que eu tive, que era uma troca de delegado, e queria uma determinada pessoa, e a pessoa não queria ir, então, vai uma de vocês, e eu gelei. Ah, só me falta ser diretora do Assis Brasil, não estava nos meus planos, nunca me imaginei. A gente que trabalha fora do Assis Brasil, como eu vou te dizer, é uma escola com um grupo muito unido, era, né? Muito unido, politicamente bem formados, então, é uma escola meio difícil para trabalhar, não é impossível.

V - Sim.

I - Mas eu falo especificamente quando eu lembro em relação às greves, naquela ocasião, a maioria dos professores eram PMDB, hoje eu não sei, eu estou fora de escola, né? Então, tinha um movimento de greve, eles pegavam parêntese. Eu fui grevista a vida inteira, mas, o Assis Brasil, se resolviam não entrar, não entravam, mas, normalmente, eles entravam.

V - Dona Iony, tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar que eu não lhe perguntei, que a senhora lembre?

I - De Magistério?

V - Sim, do Curso Normal ou qualquer outro assunto que a senhora gostaria de abranger.

I - Eu já te falei tudo, o Curso Normal para mim foi uma maravilha, me preparou para lidar com crianças, a Pedagogia também. Eu adoro o curso que eu fiz, tu sai muito mais preparada, talvez daí eu tenho tido a facilidade para trabalhar com adulto, com criança e com adolescente. A primeira vez que eu entrei numa sala de aula eu tinha 18 anos, eu tinha 49 alunos adultos no noturno, e só um mais moço que eu. Quando eu olhei para aquela sala, assim, Jesus, me ajuda! Dá um frio, uma 5ª série, lembro direitinho, mas tirei de letra. Graças a Deus, depois trabalhei com meus alunos pobres, lá da vila. Trabalhei em escola particular, aluno rico, estou te dizendo isto porque cada aluno tem uma característica. É que nem aquele plano, tu sabes se pode ir além ou aquém, esta é a definição que eu faço dos alunos. Eu jamais vou concordar que digam: todo aluno merece a mesma coisa, aprende a mesma coisa. Não tem! Um aluno na escola particular tem muito mais riqueza de material que um

aluno da vila, não que o aluno da vila não tenha capacidade, capacidade é outra coisa. Mas, em termos de riqueza, se tu fores nesta vila hoje, não deve ter computador lá, então vou achar que as crianças vão aprender igual.

V - Vão ter as mesmas oportunidades?

I - Não vão, não vão! É piada dizer uma coisa desta.

V - E a senhora sempre deu aula no município de Pelotas?

I - Trabalhei no município de Pelotas.

Agradecimentos Finais.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: Textos em História. Rio de Janeiro: Fvg, 2004. 196 p.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática**: um estudo do caso brasileiro. In: V CIBEM, Porto: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2005. p. 1 - 12.